


INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA
Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica – 2000/2002
Tese de Mestrado

HÁ PAIXÃO EM SER BEBÉ
(Reflexões Teórico-Clínicas – Amar e Pensar o Bebé)

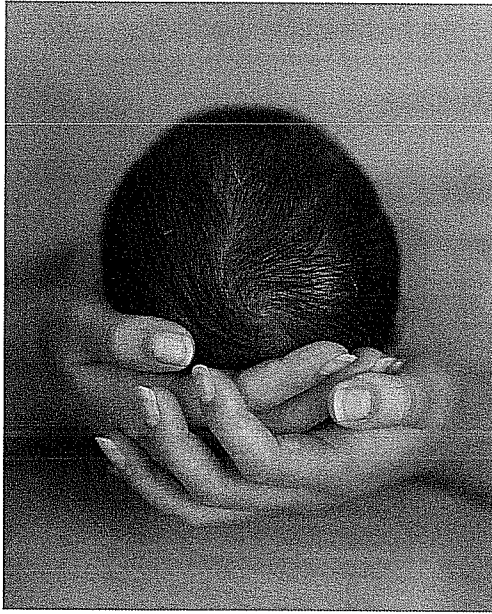
Lourdes de Fátima Lima
Lourenço Bacelar Gouveia, nº 1129

ORIENTADOR: Prof. Doutor Rui Aragão Oliveira
Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Lisboa
2003

	C1
Instituto Superior de Psicologia Aplicada	
Centro de Desenvolvimento	
Registo:	15685
Data:	04.04.05
Tel: 21 801 17 50 e 11 500 01 00	

CORINNE HOLDING CHARLIE, 2 WEEKS



Agradecimentos:

Um bebé não existe sozinho! Um ser humano não cresce sozinho, cresce no amor partilhado, que funda os seus pensamentos e o desejo de querer continuar a descobrir. Os ritmos psíquicos, criados e recriados nas relações em que a experiência emocional promove o futuro, começam no berço. Berço este – ou divã analítico – que nos vai acolhendo e transformando a vida com novas experiências do sentido e do sentir humano.

O meu primeiro agradecimento é ao Dr. Coimbra de Matos, homem que, pelo seu afecto e pensar genuíno, convida o ser humano à aventura da arqueologia da alma, à redescoberta do amor e do pensar humano.

O meu segundo agradecimento é para o meu orientador, o Prof. Doutor. Rui Aragão Oliveira, pela “fé”, paciência e amabilidade que depositou em mim e no meu trabalho. O meu muito obrigado pela sua ajuda e compreensão.

O meu terceiro agradecimento é para o Prof. Doutor. Carlos Amaral Dias, que me incentivou, me desorientou e me conquistou, com o seu saber teórico-clínico, à descoberta ou redescoberta das origens do pensar humano.

O meu quarto agradecimento é para o meu marido Jorge, pelo amor, compreensão e dedicação, nos altos e baixos da elaboração deste trabalho.

O meu quinto agradecimento vai para os meus amigos, aqueles que durante o percurso das nossas experiências partilhadas me ajudaram a crescer: Nuno Sacramento, Íris Lucas, Cristina Catana, Zé Paz, Tomás Miguez, Luísa Leal, Maria João Martins, Vijai Camotin, Cláudia Carvalho, Fábria Barão, Ana Gonçalves, Maria João Sousa Brito, Fernando Rato, Conceição Almeida, Elisabete Sequeira, Sérgio Mendes, Patrícia Reis, Maria do Natal, André Flores, Rosário Conceição, Fernando Araújo, Manuela Cruz, Rute Reis, José Manuel Pereira, Carla Mariz, António Alvim, Idália Batalha, Manuela Rosa, Elisabete Fradique, António Duarte, Sandra Pontes, Carlos Castro, José Morais, Rita Marta, Odília Valério e aos meus colegas do Mestrado.

O meu sexto agradecimento vai para a Prof.^a Doutora Isabel Leal e minhas colegas de trabalho da Maternidade Alfredo da Costa, pelo apoio e aprendizagem.

O meu último e especial agradecimento vai para as colegas Catarina Marques e Sónia Lopes, colegas do grupo de Observação de bebés, com quem muito aprendi e que me forneceram elementos importantes para a elaboração deste trabalho, nomeadamente a Dr.^a Catarina Marques, que teve a gentileza de me fornecer as observações para a elaboração da parte experimental desta tese, que apresento em anexo (vol II).

Lisboa, 28 de Fevereiro de 2003.

Lourdes Lourenço Bacelar Gouveia

ÍNDICE

Prefácio _____	8
<i>Olha quem fala: o bebé!</i>	
Introdução _____	14
Capítulo 1 _____	23
<i>O bebé tratado pela psicanálise</i>	
1.1. O Método Analítico e o Bebé _____	23
1.2. O Mundo Psíquico no Bebé de Klein _____	25
1.3. Da Formação do Fantasma à Identificação Projectiva _____	26
1.4. Winnicott: A Passagem da Mãe Real para o Bebé _____	29
1.5. O Holding e o Handling Materno _____	30
1.6. Bion: A Identificação Projectiva e o Aparelho Mental Rudimentar do Bebé _____	31
1.7. Anzieu: O Bebé Corpo e Psique – O Eu-Pele do Bebé _____	32
1.8. As Nove Funções do Eu-Pele: A Mãe Contentora e a Mãe Prestadora de Cuidados _____	36
Capítulo 2 _____	41
<i>A constituição do aparelho psíquico:</i>	
2.1. As Questões da Psicanálise de Freud a Bion _____	42
2.2. Um Aparelho para Pensar os Pensamentos _____	46
2.3. A Prática Clínica de Bion e suas Contribuições para o Bebé _____	49
2.4. A Função Alfa da Mãe e a Capacidade de Reverie Materno _____	50
2.5. Os Elementos Alfa _____	53
2.6. Os Elementos Beta _____	55
2.7. A Barreira-de-Contacto _____	59

2.8.	A Tolerância a Frustração	64
2.9.	Da Identificação Projectiva Mútua	65
2.10.	A Perspectiva Transformacional da Mente do Bebê	68
Capítulo 3		71
<i>Ester Bick – O método de observação de bebês</i>		
3.1.	A Tese de Bick – O Conceito de Pele-Psíquica	71
3.2.	A Experiência Analítica: Os Casos Clínicos, a Ausência da Pele-Psíquica da Mãe	73
3.3.	O Método de Observação de Bebês	81
3.4.	Observar-Observando	83
3.5.	Contributos Teórico e Clínicos do Método de Observação	84
Capítulo 4		88
<i>O Desenvolvimento Da Interação Emocional Intencional do Bebê com os Pais – Brazelton e Colaboradores</i>		
4.1.	A Pré-História das Competências do Bebê	90
4.2.	Das Competências do Recém-Nascido ao Bebê	93
4.3.	Os Estados de Consciência	94
4.4.	Uma Aprendizagem Parental dos Estados de Consciência no Bebê	96
4.5.	As Seis Características das Interações Emocionais Intencionais Pais-Bebê / Bebê-Pais:	97
4.5.1	Sincronia	98
4.5.2.	Simetria	98
4.5.3.	Contingência	99
4.5.4.	Adesão	102
4.5.5.	Jogos	102
4.5.6.	Autonomia e Flexibilidade	103
4.6.	A Importância Emocional dos Cuidados Parentais no Bebê	103

Capítulo 5 _____ **107**

Metodologia

5.1.	Delineamento	107
5.2.	Sujeito	107
5.3.	Material Bruto Factual	108
5.4.	Material da Observação	109
5.5.	Procedimento	110

Capítulo 6 _____ **112**

Observar a linguagem do bebé

6.1.	Análise e Reflexão das Observações	113
	Obser. Nº 1	113
	Obser. Nº 5	117
	Obser. Nº 6	123
	Obser. Nº 9	128
	Obser. Nº 12	132
	Obser. Nº 17	135
	Obser. Nº 18	142
	Obser. Nº 22	150
	Obser. Nº 23	155
	Obser. Nº 24	158
	Obser. Nº 26	159
	Obser. Nº 27	162
	Obser. Nº 30	165
	Obser. Nº 36	166
	Obser. Nº 37	172
	Obser. Nº 39	175
	Obser. Nº 42	178
	Obser. Nº 44	183
	Obser. Nº 47	189
	Obser. Nº 50	191

Capítulo 7 _____ **197**

Discussão

Capítulo 8 _____ **209**

Conclusões

Referências bibliográficas _____ **211**

Anexos _____ **volume 2**

PREFÁCIO

OLHA QUEM FALA: O BEBÉ!

Gostávamos de ajudar os futuros pais a se adaptarem aos novos desafios que um bebê nos convida com a sua chegada.

Como conhecer o seu bebê?

***Bebé:** mãe e pai, quando olham para mim, fico tão feliz e tão calmo porque sinto que não estou sozinho. Pois um bebê não existe sozinho!*

*A visão é uma das primeiras competências que o recém-nascido desenvolve com maior rapidez, e tem preferência pelo olhar dos pais, este olhar dos pais ao **bebé** transmite-lhe a confiança de que não se encontra desprotegido.*

*O **bebé** gosta muito quando os pais brincam com o seu olhar, sente-se acompanhado na descoberta das pessoas e dos objectos a sua volta. Esta é uma das competências que o bebê possui para adaptar-se ao novo ambiente.*

*Como é ainda muito imaturo, o **bebé** sente-se muito dependente dos cuidados dos pais, costuma chorar quando algo não está bem.*

*O choro será, então, uma das formas que o **bebé** tem para pedir ajuda.*

*Os pais terão inicialmente uma tarefa grandiosa que será dar um significado ao choro do seu **bebé**.*

*Mas não se preocupem com o seu **bebé**. Ele será um dos primeiros a dizer-lhe porque está a chorar.*

Bebé?

Será por ter fome?

Será por ter sono?

Será por estar com as fraldas molhadas?

Será por ter frio?

Será pelo facto de sentir-me sozinho?

Será pelo facto de querer me sentir quentinho nos seus braços?

Será pelo facto de querer ser acarinhado, para me sentir seguro?

Será pelo facto de estar apenas excitado com tanto movimento à minha volta?

***Bebé:** quando estou bem, fico calmo, às vezes os meus pais é que estão muito nervosos, precisam ainda ir me conhecendo, (sabe com a minha chegada muita coisa mudou na vida deles, mas nós os três juntos vamos conseguir lidar com os momentos mais difíceis ou chatos) às vezes eu estou apenas assustado, com tanta novidade a minha volta, às vezes são muitas coisas a acontecerem ao mesmo tempo, mas sabe preciso apenas que a minha mãe ou o meu pai falem comigo perguntem para mim devagarinho o que é que eu tenho.*

*No entanto, numa fase inicial, os **bebés** necessitam muito mais de descanso, de períodos de sono, para irem elaborando mentalmente os estímulos quer físicos quer emocionais, vividos nas relações com os pais, para gradualmente e de acordo com os seus próprios ritmos de interacção aprenderem a auto-regular-se.*

*Nos primeiros quatro meses de vida, o **seu bebé** está muito sensível a tudo o que lhe acontece: são entusiastas das mudanças, quer dos estados emocionais dos pais, quer do ambiente a sua volta, são muito sensíveis ao estado do prazer e do desprazer, e os pais através da sua interacção emocional com o **bebé**, vão descobrindo-o e promovendo o seu bem estar físico e psíquico.*

Os bebês gradualmente vão mudando os seus ciclos de sono e de vigília de acordo com as suas necessidades de interação ou de descanso. Os pais gradualmente vão aprendendo a adaptar-se aos ritmos do seu bebê, aos seus estados de consciência.

Sabia que os bebês são todos diferentes?

Têm ritmos e interações diferentes, uns são mais calmos, outros mais agitados, uns dormem mais, outros dormem menos, uns brincam mais, outros brincam menos, uns interagem mais com os pais, outros interagem menos.

O seu bebê precisa de uma extensão de cuidados diários! Ou seja, o bebê, um ser único em desenvolvimento, precisa de tempo e de espaço para ser conhecido pelos pais. Esta relação parental promove a capacidade de o bebê se ir adaptando aos conhecimentos novos introduzido pelos pais: conhecendo os pais, o bebê irá gradualmente apercebendo-se de que as suas interações com os pais produzem também respostas diferentes na mãe e no pai, bem como no ambiente a sua volta.

Sabe por que a amamentação é tão importante para o seu bebê?

É neste momento que o seu bebê associa uma experiência de alimentação ao bem-estar que sente estando no colo da mãe. É também a oportunidade de conhecer a sua mãe mais de perto, ele fica todo feliz quando neste momento olha para a sua mãe, vai percebendo como ela é, e se ela também como ele sente prazer neste momento. O bebê está com fome, mas mais importante para o bebê é saber se aquela experiência está a ser vivida com satisfação por ambos. O bebê gosta muito quando a mãe tem tempo para amamentá-lo, sente-se especial e único, às vezes pára de mamar só para olhar ou tocar na mãe e ele gosta muito quando ela compreende que ele às vezes até gosta de adormecer nos braços dela, sente-se seguro e confiante.

Sabia que o seu bebê reconhece a sua voz e que a diferencia de todas as outras, já nas primeiras semanas do seu nascimento?

Bebé: *Eu já conhecia a voz dos meus pais, quando antes de eu nascer, eles ficavam maravilhados quando me mexia na barriga da minha mãe.*

Sabia que o seu bebé é capaz de seguir com o olhar o seu pai ou a sua mãe e que fica na expectativa de que algo aconteça?

E sabia que quando se sente junto ao colo, adora sentir o contacto pele a pele, sente-se seguro e aprende a ter prazer com o seu corpo, começa a descobrir o território do sentir humano.

Sabia que o seu bebé fica muito satisfeito quando os pais verbalizam com ele. Fica tão contente que vai gradualmente balbuciando sons, são as suas primeiras comunicações emocionais e uma das primeiras formas de dizer que se sente compreendido e que quer aprender a linguagem dos pais. E sorrir!

Sabia que o seu bebé, a partir dos 4 meses, começa a maravilhar-se com a descoberta do seu próprio corpo, é capaz de ficar muito tempo a olhar para as suas mãos, descobrir os seus pés e gradualmente vai coordenando e descobrindo os seus novos movimentos e suas emoções. Estas experiências do bebé ao longo do tempo vão cada vez mais se ligando às experiências emocionais significativas na interacção com os pais.

Bebé: *Adoro quando a minha mãe e o meu pai me dão banho, fico todo contente e excitado, brincam comigo, falam comigo e depois tocam no meu corpo isso me dá imenso prazer.*

Sabia que com a aprendizagem das verbalizações, o “dada”, “baba”, “prum”! O bebé, vai cada vez mais associando os seus vários órgãos do sentido e do sentir aos seus pais, começa a ter uma memória dos acontecimentos que lhe dão prazer e desprazer e assim vai criando o sentimento de expectativa para situações de novas descobertas no prazer de partilhar.

Sabia que mais ou menos a partir dos 5 meses, o seu bebé, através do seu sorriso e das suas vocalizações, está a comunicar de uma forma muito intencional e emocional com os seus pais!

***Bebé:** Adoro quando a minha mãe ou o meu pai repetem os meus sons, sinto que eles estão a comunicar comigo, é uma maneira de eles me dizerem que eu sou importante nas suas vidas e que gostam de mim. Estão interessados nas coisas que eu descobro e mais ainda o que eu faço promove neles diferentes emoções, assim vou descobrindo o que me faz sentir alegre ou triste ou zangado. E vou também descobrindo as reacções deles e vou arquitectando situações na relação com eles para cada vez mais descobrir novas emoções e mostrar também a evolução das minhas competências e novas aprendizagens.*

Sabia que o seu bebé, a partir dos 5 meses, vai aprendendo cada vez mais a relacionar-se com os seus pais e a fazer a descoberta das diferenças, e vai se ligando as experiências que lhe dão respostas novas?

Começa a ser muito mais intencional nas suas acções, o agarrar e atirar os objectos é fundamental para o desenvolvimento emocional do seu bebé, começa a arquitectar situações do brincar, quer descobrir o impacto das suas emoções e descobertas nos objectos e nas pessoas.

***Bebé:** Às vezes não gosto nada quando preciso descansar e os meus pais não compreendem: ficam tão maravilhados com as minhas competências que não me dão tempo para descansar. As vezes tenho que me zangar com eles, viro a cara, não olho para eles, faço birras, às vezes me apetece fazer coisas sozinho, outras vezes eles não percebem que estou a ficar mais autónomo e que tenho maior flexibilidade emocional, motora e cognitiva.*

***Bebé:** Gosto muito de brincar com os meus pais, adoro agarrar nos objectos e jogá-los para o chão, gosto de saber o que acontece, e gosto muito do jogo do aparece e do*

esconde. É através destas brincadeiras que cada vez mais vou descobrindo quem sou, me vou sentindo cada vez mais confiante e amado pelos meus pais.

Deste inter-jogo relacional, estão lançados os alicerces emocionais, para a progressiva autonomia ,flexibilidade afectiva, cognitiva e motora do seu bebé, continuará a adquirir novas competências, sentar, engatinhar, andar e cada vez mais a aprender com experiência emocional, de pensar acerca de si próprio, dos pais e de todos aqueles que se encantam em voltar a ser bebé.

INTRODUÇÃO

“O bebé terá muito mais a nos dizer acerca dos seus sonhos e o Homem – este animal que diz que pensa nos seus sonhos – continuará à procura de mais sentidos”.¹

A importância da prestação de cuidados nos primeiros tempos de vida torna-se cada vez mais um imperativo de todo o ser humano que tem ao seu alcance a responsabilidade de cuidar de um bebé. Da qualidade da relação na prestação desses cuidados materiais e psíquicos, resultará ou não o desenvolvimento das reais competências emocionais e cognitivas do bebé.

Vários estudos teórico-clínicos e experimentais (Brazelton, 2000; Brazelton & Cramer, 2001; Brazelton & Greenspan, 2002) têm vindo a confirmar quão fundamental é que o bebé estabeleça precocemente relações significativas, caracterizadas pela interacção recíproca ou estimulação precoce, permitindo que gradualmente desenvolva comportamentos interactivos e intencionais, fruto das suas relações com os pais e/ou com figuras significativas para o seu desenvolvimento psíquico. Para Eduardo Sá (2001) “(...) o comportamento do bebé só pode ser entendido no contexto da relação com as mães, ou mais correctamente, com as mães e com os pais (Sá, 1995), o que reforça a ideia de que, se aquilo a que chamamos bebé não existe, porque quando procuramos descrever um bebé temos de o descrever com mais alguém (Winnicott, 1991), uma mãe e um pai sozinhos, também não existem: há sempre um bebé que os investe e os torna pais (Ciccone e Lhopital, 1991)” (p. 16).

¹ Lourdes Lourenço, 2002.

Como técnicos de saúde mental, teremos que observar e intervir em situações de interrupção destas competências que o bebé apresenta desde o nascimento, para ajudarmos os pais a serem pais e o bebé a ser bebé, prevenindo desta forma futuras situações de psicopatologia infantil e/ou patologias no futuro adulto.

No Encontro Internacional sobre o Bebé, intitulado “Mais Criança – as necessidades irredutíveis”², realizado em Outubro de 2002, em Lisboa, foram notórias, de entre os vários comunicadores europeus e americanos (destes há que sublinhar os da Escola Americana de Berry Brazelton), as necessidades irredutíveis do recém-nascido de comunicar as suas experiências emocionais com os objectos cuidadores, nomeadamente os pais.

Neste encontro, Daniel Stern (2002)³ falou-nos da capacidade de ocorrer um enamoramento entre o bebé e os seus pais, utilizando o paradigma amoroso entre os casais apaixonados. E refere que cabe à mãe proporcionar ao bebé o início dos comportamentos interactivos, desenvolvendo-se assim uma “sintonia selectiva”, ou seja, o bebé desde muito cedo e através do jogo, da brincadeira, vai fazendo uma leitura emocional acerca da forma como é olhado pela sua mãe: através das interacções emocionais recíprocas, vai assim descobrindo o território do sentir, do efeito das suas emoções na mãe, mas fundamentalmente o significado emocional que suas acções têm sobre a mãe, reconhecendo assim o início das suas intenções e dos seus desejos na relação de reciprocidade.

É neste jogo interactivo comunicacional que o bebé poder-se-á organizar psiquicamente num espaço e num tempo relacional porque promotor de um ritmo de interacções coerentes e previsíveis, favorecendo a expansão e a complexidade de novas experiências emocionais e de novas aprendizagens cognitivas no bebé (Stern, 2002).

Tal como um casal de apaixonados, os pais têm que se espantar, exaltar, com o seu bebé, único e maravilhoso. Segundo Stern (2002), o bebé tem desde muito cedo uma subjectividade primitiva, que facilita a inter-subjectividade criada na díade,

² Encontro Internacional “Mais criança, as necessidades irredutíveis” de 2-5 de Outubro de 2002, Lisboa, Coliseu dos Recreios .

³ Stern, D. (2002, Outubro). *The Emotional needs of children*. Comunicação apresentada no Encontro Internacional “Mais criança”, Lisboa.

proporcionando interações emocionais que levam a mãe e o bebê à descoberta de novos acontecimentos.

John Kennell (2002)⁴, pediatra de origem americana, também presente neste encontro, salientou a importância de respeitarmos e estarmos atentos “ao período sensível do recém-nascido”. Neste contexto, tem orientado o seu trabalho no sentido de facilitar e desenvolver condições hospitalares que aproximem o recém-nascido a entrar em contacto emocional com os seus pais, logo após o nascimento. A importância do estado emocional dos pais, no contacto precoce com o recém-nascido, é fundamental para o seu desenvolvimento saudável.

Hubert Montagner (2002)⁵, que já há bastante anos tem realizado em França experiências com bebês e suas mães, fala-nos da sua preocupação em constatar que o bebê possui competências nucleares que facilitam o seu desenvolvimento emocional, nomeadamente o que ele chama de: atenção visual sustida, comportamentos de vinculação (aproximação e afastamento), comportamentos filiativos, os gestos, os movimentos vão dar um sentido ao parceiro da comunicação, promovendo neste emoções que serão devolvidas com significado espacial e temporal, dando assim um sentido para a experiência do sentir humano. Através desta interação relacional, organiza-se o espaço e o tempo relacional.

A importância de observarmos as mães capazes ou não de se ajustarem ao ritmo de seu bebê, respeitando os ciclos de vigília e de sono, leva o bebê a criar as condições necessárias e irredutíveis ao seu desenvolvimento emocional, criando também as bases para o desenvolvimento das capacidades de se sentir desejado, amado e compreendido (Brazelton, 2002).⁶

Os estudos actuais de observação de bebês, e da relação com os seus familiares, têm-nos chamado atenção, cada vez mais, para o múltiplo jogo relacional que existe

⁴ Kenell, J. (2002, Outubro). *The irreducible needs of the baby*. Comunicação apresentada no Encontro Internacional “Mais criança”, Lisboa.

⁵ Montagner, H. (2002, Outubro). *Relationship, time and space: fundamental needs for brain and body development of the child*. Comunicação apresentada no Encontro Internacional “Mais criança”, Lisboa.

⁶ Brazelton, B. (2002, Outubro). *The irreducible needs of children*. Comunicação apresentada no Encontro Internacional “Mais criança”, Lisboa.

entre mãe e bebé e outros objectos significativos na vida do bebé, sendo a estimulação precoce emocional o caminho por excelência que facilita o desenvolvimento das competências psico-sociais-emocionais do bebé. Deste inter-jogo relacional, nasce a capacidade de amar e de pensar, pilares fundamentais para a criação e o progresso do Homem.

Neste contexto de reflexão e de crítica construtiva, elaboro e apresento este trabalho de tese de mestrado, tendo como objectivo final, e através da análise clínica de um caso de observação de bebé (trabalho cedido por uma colega do grupo de observação de bebés, no qual participei durante cerca de dois anos, utilizando o método de observação de bebés de Ester Bick)⁷, chamar atenção para as competências que o bebé apresenta desde os 4 dias de idade até à idade de um ano (conforme observações apresentadas no vol II em anexo).

Com a análise realizada em cinquenta observações, observamos e levantamos hipóteses acerca das competências que o bebé apresenta na sua interacção emocional e intencional com seus pais e/ou figuras significativas para o seu desenvolvimento emocional. Estas vão-se tornando cada vez mais diferenciadoras, de acordo com as capacidades que os pais apresentam na sua relação com o bebé, através das suas atitudes e comportamentos interactivos. Observamos também uma aprendizagem e um conhecimento gradual dos pais nas suas interacções emocionais com o bebé, de acordo com os estudos e observações apresentadas por Berry Brazelton et al. (2000, 2001, 2002). Penso que este trabalho poderá vir a dar um contributo na ajuda não só aos pais na compreensão do seu bebé, mas também aos técnicos de saúde mental a intervirem de forma mais adequada na relação de ajuda com os pais e seus bebés.

Partindo de uma reflexão construtiva com base no modelo psicanalítico, visto este modelo ter sido um dos primeiros a investigar a importância do desenvolvimento infantil na sua relação com os progenitores, alguns conceitos psicanalíticos formulados e reflectidos por alguns autores ajudaram-nos na realização de uma abordagem da observação clínica acerca do desenvolvimento gradual do psiquismo do bebé.

⁷ Os dados da observação (50 observações) foram cedidos pela Dr.ª Catarina Marques (Marques, 2000).

Se Freud (1905/1969b, 1909/1969c) foi um dos primeiros autores a investigar estas questões através de um caso contado por um amigo (o caso do pequeno Hans), desenvolvendo assim a teoria da sexualidade infantil, foi com Melani Klein (1991, 1994) que o estatuto da análise clínica de crianças, reportando-se ao período da relação precoce mãe/bebé, ganhou outros contornos. O mundo psíquico do bebé passou a ser analisado e investigado de acordo com a ênfase dada aos factores psicológicos internos e/ou externos, que dificultam ou facilitam o desenvolvimento psíquico do bebé.

No primeiro capítulo da tese, desenvolvo aquilo a que chamamos: «O bebé tratado pela psicanálise», e que nos ajudou a compreender a importância vital do vínculo da mãe com o seu bebé, vínculo este observado ou conceptualizado na sua vertente fantasmática, imaginária ou real, consoante as orientações teóricas dos autores e consoante o seu método de estudo utilizado.

O que nos parece evidente é que, numa fase inicial do desenvolvimento de teorias que ajudassem a compreender o desenvolvimento psíquico do bebé, quase todos os psicanalistas que se debruçaram sobre a formação e a qualidade do vínculo materno, como o precursor do desenvolvimento do mundo psíquico do bebé, partiram da análise de casos psicopatológicos. Tal análise parece ter sido focada ao período de amamentação e consequente redução de tensões emocionais vividas neste período, como os pilares para o desenvolvimento psíquico do ser humano. Desta relação objectal primária, resultará ou não a saúde mental para benefício do futuro adulto ou, então, a psicopatologia para a sua infelicidade, detectada muitas vezes em diferentes fases do seu processo de desenvolvimento psíquico.

Numa fase inicial destes estudos psicanalíticos, poucos foram os autores que partiram da observação e experiência directa com a mãe e seu bebé. Construíram os seus modelos teórico-clínicos a partir da observação psicopatológica de adultos e das suas experiências vividas na análise com os seus pacientes doentes. A partir destas experiências, criaram modelos conceituais explicativos do funcionamento psíquico e sua constituição. O ponto de partida foi o Modelo Freudiano e o Modelo Kleiniano, que chamam a atenção para a existência de um mundo interno infantil, susceptível de várias leituras, que permitem compreender e questionar os factores relacionais internos e/ou

externos que interferem ou facilitam o normal desenvolvimento psíquico do ser humano.

No entanto, pensamos que a exemplificação de alguns casos psicopatológicos pode pôr em evidência a necessidade de nós, técnicos de saúde, que trabalhamos nestas áreas, elegermos a prevenção primária como uma intervenção prioritária nos cuidados de saúde em contexto privado ou hospitalar.

Foi apenas no final da década de quarenta, com os estudos de Rene Spitz (1946, 1964) e de A. Freud (1936), que a observação directa de mães e filhos expressou o seu carácter fundamental na constituição deste vínculo, visto os autores terem detectado as problemáticas de ordem emocional em crianças sujeitas a longos períodos de privação relacional com a mãe (cit. por Brazelton et al., 2001, p. 103).

Mas foi também com o trabalho de Bowlby (1958, cit. por Brazelton et al., 2001, p. 104), «A Natureza do Vínculo da Criança à Mãe», que a importância da vinculação precoce e seu estudo ganhou outra importância, com o aprofundamento dos estudos etológicos e a importância do método de observação directa da díade. “O ser humano nascerá, então, preparado para estabelecer laços emocionais com indivíduos especiais, sendo esta característica uma componente básica da natureza humana que se prolonga durante toda a vida (Bowlby, 1989-b)” (cit. por Sá, 2001, p. 22) “(...) Cada ser humano terá, então, a tendência para se vincular a outro (attachment) (Bowlby, 1989-a), possui uma função biológica, de procura de suporte e protecção, na medida em que esse outro está mais apto a lidar com o mundo” (cit. por Sá, 2001, p. 22). Segundo Sá (2001), a relação da díade neste modelo etológico está mais preocupada em identificar as regulações relacionais, mediatizadas através de diversos tipos de comportamento do bebé que tem como objectivo manter um sistema interactivo de proximidade com a mãe, e não de investimentos, como sucede na teoria psicanalítica mais clássica .

Winnicott (1990) parece ter sido o pioneiro na observação directa desta interdependência criada e constatada entre a mãe e o seu bebé. Os seus estudos e constatações ganharam toda uma importância na necessidade da observação e do estudo desta díade, para compreendermos e descrevermos o bebé no seu primeiro ano de vida,

em toda a sua dinâmica física e psíquica na relação com a mãe real, quando nos fala no desenvolvimento dos processos de integração e de personalização no bebê.

Mas seria a partir dos anos sessenta, com a introdução do pensamento de Bion (1962/1991a, 1963/1991b, 1991c), e apesar deste também ter partido da observação de casos psicopatológicos, que a grande questão psicanalítica passou a ser sobre quais os factores relacionais internos ou externos na relação com a díade - mãe/bebé - que promovem (ou não) a constituição do aparelho psíquico e, conseqüentemente, o desenvolvimento dos pensamentos, de forma a que o ser humano possa desenvolver a sua capacidade de pensar e de amar. Bion introduz na psicanálise conceitos fundamentais para a compreensão da origem do psiquismo e do seu desenvolvimento, as qualidades mentais maternas passam a ser alvo de investigações na sua componente de função contentora, possibilitando ao bebê a capacidade de lidar com os seus estados internos e aprender com a experiência emocional. Desenvolvo estes aspectos no segundo capítulo desta tese.

Neste contexto, este trabalho é a tentativa de uma reflexão teórico-clínica e experimental, que tenho vindo a desenvolver em vários contextos de prática clínica, mais recentemente no trabalho que levo a cabo na Maternidade Alfredo da Costa, no serviço de pediatria. Trata-se de um trabalho terapêutico desenvolvido com o bebê e os seus pais e que se liga à tentativa de compreensão do funcionamento mental do bebê, enquanto sujeito activo e participante no mundo emocional e relacional de seus pais e de figuras significativas para o seu desenvolvimento psíquico. A questão que tenho vindo a desenvolver é a de saber qual a atitude psicoterapêutica do técnico de saúde mental junto dos pais e do bebê que mais facilitará e potencializará o desenvolvimento psíquico deste, segundo o seu processo maturativo e o progressivo crescimento psíquico das suas competências relacionais.

No capítulo terceiro desta tese, desenvolvo a teoria de Ester Bick (1964) e fundamento a escolha do método de observação de bebês de Ester Bick, como um instrumento metodológico de trabalho, o qual possibilita a análise ao longo do tempo do gradual desenvolvimento psíquico da bebê, durante o seu primeiro ano de vida, nas suas

relações significativas com a mãe, com o pai, o observador e outras figuras significativas para o seu desenvolvimento global.

A proposta de Ester Bick (1964) para a compreensão do método de observação de bebês em seu habitat natural prolongava-se por cerca de dois anos de observações e tinha como objectivo auxiliar os terapeutas de crianças a compreenderem que a função contentora da mãe, através das suas atitudes físicas e psíquicas, ajudaria o bebê a desenvolver o sentimento de coesão psíquica que este experimenta, no contexto das experiências integradoras vividas com a mãe. Por outro lado, achava que o método de observação de bebês treinava a atitude psicoterapêutica necessária ao setting analítico.

No quarto capítulo desta tese, desenvolvo e investigo como os recentes trabalhos e propostas de Berry Brazelton et al. (2000, 2001, 2002) nos ajudam a reflectir de modo diferente acerca do desenvolvimento global do bebê na sua interacção emocional e intencional com seus pais. Evidencio as características precoces de um recém-nascido que parece já estar equipado e preparado para estabelecer a vinculação, desde que os seus pais estejam disponíveis emocionalmente e cognitivamente para interpretar os sinais comunicativos do seu bebê.

Neste contexto, no capítulo quinto, propomo-nos à análise e reflexão das observações que apresento em anexo (num total de 50 observações), fazendo uma selecção daquelas que possam ajudar-nos a evidenciar, ao longo de um ano de idade do bebê, o desenvolvimento psíquico das suas competências e como as atitudes maternas e paternas facilitam ou não este desenvolvimento. Neste contexto, os conceitos psicanalíticos desenvolvidos em anteriores capítulos ajudaram-nos (nomeadamente os propostos por Bion 1962/1991a) a perceber como o bebê, em interacção com os seus pais ou com outras figuras significativas para o seu desenvolvimento, vai começando a constituir um aparelho mental rudimentar, capaz de lidar de forma diferente com os objectos e pessoas que vão ao encontro das suas descobertas e competências emocionais e cognitivas.

No capítulo sexto, procuro, a partir da discussão e reflexão da tese, algumas hipóteses para a compreensão do funcionamento mental do bebê (utilizando como suporte metodológico a análise das observações seleccionadas), esperando obter algumas

conclusões teórico-clínicas que ajudem os pais e os técnicos de saúde mental a identificarem no bebê as suas competências relacionais e intencionais. Serão pois estas que permitirão ao bebê o seu progressivo desenvolvimento psicológico no contexto de suas relações significativas, podendo considerá-lo como um ser único, sábio e apaixonante.

CAPÍTULO 1

O BEBÉ TRATADO PELA PSICANÁLISE

1.1. O Método Analítico e o Bebê

“O espírito espera, é atento e recorda-se.

O objecto da sua espera passa pela sua atenção e modifica-se ao lembrar-se.

Quem ousa negar que o futuro não seja ainda?

Contudo, a espera do futuro é já no espírito.

E quem contesta que o passado não seja mais?

Portanto, a lembrança do passado está ainda no espírito. Enfim, haverá alguém que negue que o presente não tem extensão, por não ser mais do que um ponto evanescente? Mas ele dura, a atenção pela qual este vai ser o seu objecto, tende a não mais sê-lo. Assim, o que é longo, não é o futuro: ele não existe. Um futuro distante, não é uma longa espera do futuro. O que é longo, não é o passado que não existe antecipadamente, um passado longo, é uma longa recordação do passado” (Santo Agostinho, 1964, pp. 278-279).

Santo Agostinho preocupa-se em mostrar que o sentido e o ser se complementam numa temporalidade que depende do estado de atenção e de interpretação dado à experiência, que se inscreve e reinscreve no tempo do próprio sujeito enquanto objecto de indagação.

Esta é uma das questões com que Amaral Dias (1990) inicia a discussão que reactualiza a comparação entre o método psicanalítico e o científico. Na psicanálise, o material produzido nas sessões propõe-se forçosamente a uma «multissignificação hipotética e modelar», forma habitual de ressonância no “interior” do analista (Amaral Dias, 1990, p. 29); ou seja, o analista trata da arte de produzir em simultâneo várias hipóteses que dificultam ao clínico a adopção do simplismo e da unilineariedade características do método científico.

Se Freud produziu uma obra cujo rigor científico pode ser estabelecido em função do rigor exigido na sua época, com o advento e o desenvolvimento da obra de M. Klein, a psicanálise adquiriu uma faceta mais “poética que científica, mais teológica que laica” (Amaral Dias, 1990, p. 33). Apesar da imensa contribuição da obra de Klein, e dos seus seguidores, para a psicanálise contemporânea, a utilização dos conceitos é puramente clínica. Segundo Meltzer, o desenvolvimento Kleniano é afim ao pensamento teológico: “objecto Ideal/objecto Infernal, objecto de Amor absoluto/ fonte de angustias de Morte, objecto clivado de Arcanjos e Lúceres, é no entanto este objecto que solidifica a visão do objecto interno e no mundo em que habita mundo interior. (...) Constitucional e ambiental dão lugar ao representacional e, dessa forma, paulatinamente, a senda Kleiniana abre-se ao inconsciente dinâmico, onde os sistemas da segunda tópica (Eu, Id e Super-Eu) são lidos pela primeira (Consciente/Inconsciente, dentro / fora)” (Amaral Dias, 1990, p. 32).

O psicanalista descreve e explica o sector da realidade que o seu contexto permite compreender. Isto é: trabalha num determinado nível da realidade (Khun), sendo o “nível da realidade estudado em psicanálise o das relações objectais inconscientes mediadas pela instrumentação técnica da transferência/contra transferência. (...) A aplicação das descobertas analíticas “extra-muros” do seu contexto deverá então respeitar as regras gerais da enunciação científica balizada pelo paradigma probabilístico actual, e simultaneamente ter em mente a incerteza do que descreve quando inscrito fora do campo que lhe é específico e peculiar. As hipóteses analíticas, quando transportadas a outros níveis da realidade, só podem então ter validade a esses mesmos níveis se as leis

do estrato da realidade a que são aplicadas probabilisticamente as verificarem” (Amaral Dias, 1990, p.34).

1.2. O Mundo Psíquico no Bebê de Klein

Em 1987, Amaral Dias critica a aceitação das tarefas desenvolvimentais próprias a cada período de desenvolvimento psicosexual, cuja consequência se revela num “inevitável espartilhamento genético da fantasia no quadro etário (e provavelmente mentiroso) da sua emergência. Haveria assim uma idade oral, anal, fálica, edipiana, que na sua caracterização naturalista apagaria no homem a sua dimensão poética” (Amaral Dias, 1990, p.23).

O mérito de M. Klein foi o de ter criado uma alternativa à Psicologia do Eu e da sua consequente ênfase no sistema estrutural (Amaral Dias, 1990) e de ter demonstrado que o recém-nascido está, desde o início, apto a realizar as primeiras substituições metonímicas: seio-boca, seio-cavidade, seio-fezes, seio-urina, seio-pénis, seio-bebês rivais, o que designou por investimentos antagonistas das pulsões fundamentais: gratidão e inveja destrutiva como duas expressões dessas pulsões.

A primeira é dirigida ao seio em resposta ao prazer de participar na sua criação; a segunda, a inveja, visa esse seio mesmo na sua criação quando ele frustra o bebê, negando-lhe prazer. Para Klein, os fantasmas inconscientes são a expressão mental das pulsões: por consequência, estão presentes desde o momento do nascimento. As pulsões são, por definição, perseguidores de objectos. A sensação de uma pulsão no aparelho psíquico liga-se ao fantasma de um objecto que lhe é próprio. Assim, cada demanda pulsional contém um fantasma específico que lhe corresponde. Ao desejo de alimentação corresponde um fantasma de qualquer coisa que possa satisfazer esse desejo: o seio. O que Freud descreveu como realização alucinatória do desejo assentaria para Klein sobre um fantasma inconsciente que acompanha e exprime uma demanda pulsional (Segal, 1969).

1.3. Da Formação do Fantasma à Identificação Projectiva

Quando Klein defende que o fantasma é a expressão mental das pulsões por intermédio do Eu, supõe um grau de organização do Eu mais elaborado do que aquele que Freud lhe reconhecia (Segal, 1969). Freud supunha que o ego resultava do precipitado originado da catexia de objectos primitivos que se constituem nos primeiros meses de vida, antes de o bebé ser capaz de perceber objectos. O precipitado que compõe o ego resulta de um processo assimilativo, que dá lugar a introjecção cujos efeitos são duradouros. Não se pode falar ainda da identificação do bebé com objecto, uma vez que o movimento de diferenciação não se instalou. Assim como não se distinguem com acuidade as várias sensações em jogo. Isto é: nesta fase inicial, o nível da sensação não é nem visual nem auditivo, mas primeiramente neuro-fisiológico. A introjecção baseia-se em experiências de dor e de prazer, que dão lugar a más e boas imagens do self. O bebé tem necessidades e quer a gratificação dessas necessidades; de início, não distingue entre a necessidade e o objecto que o gratifica. Gratificação ou extinção da necessidade equivalem a extinção do objecto. Só a frustração leva o bebé a reconhecer que o objecto é essencial para a gratificação das suas necessidades. Contrariamente à introjecção, a identificação emerge das percepções do ego mais do que das sensações primitivas; enquanto processo, a identificação é menos maciça do que a introjecção e a sua relação com o dualismo original (bom/mau) é menos evidente. A identificação pode provocar modificações no Eu, na representação do self ou no próprio self. A identificação é parte importante do complexo conceito de identidade; é essencial na transição dos processos primários do pensamento aos secundários e na aquisição da linguagem. A incorporação refere-se a um processo assimilativo que ocorre em reacções regressivas: é uma reacção a uma perda de objecto e está associada a uma quantidade inabitual de agressão neutralizada. É a incorporação a que Freud em 1923 se referia ao escrever “quando acontece que uma pessoa tenha de desistir de um objecto sexual, quase sempre resulta uma alteração no seu Eu...como ocorre na melancolia; a natureza exacta dessa substituição ainda nos é desconhecida.” (cit. por Begoin & Begoin-Guinard, 1985; Brody, 1964; Segal, 1969).

M. Klein, ao acentuar exclusivamente o fantasma, negligencia as qualidades próprias da experiência corporal e, ao insistir sobre as reacções entre partes do corpo e os seus produtos (leite, esperma e excrementos) numa dinâmica criação-destruição, negligencia o que liga entre si as diferentes partes num todo unificador: a pele. A superfície do corpo está ausente na teoria de Klein, ausência que (cit. por Anzieu, 1985) classifica como surpreendente, tanto mais que os aspectos essenciais dessa teoria, a oposição da introjecção (que aceita sob o modelo do aleitamento) e da projecção (que assenta sobre o modelo da excreção), pressupõe a constituição de um limite que diferencia entre o dentro e o fora. D. Houzel (1985) argumenta que quando Klein fala de mundo interior e de objectos internos pressupõe a noção de um espaço interno (cit. por Anzieu, 1985).

O desenvolvimento da teoria Kleiniana é marcado pela elaboração de novos conceitos que à sua maneira vieram colmatar as falhas apontadas a Klein (cit. por Begoin & Begoin-Guinard, 1985).

Melanie Klein (1946) foi a primeira psicanalista a desvendar a importância da observação de bebés, ao construir um modelo teórico de descrição da vida psíquica do bebé baseado nas relações objectais, onde o crescimento da mente do bebé se esboça pela oscilação entre a «posição esquizo-paranoide»⁸ e a «posição depressiva»⁹, vivências psíquicas que o bebé estabeleceria com a sua mãe. Estas vivências seriam o primeiro modo de comunicação do bebé com a mãe e ocorreriam através do mecanismo de identificação projectiva, inaugurando assim o início de um trabalho de investigação dos níveis mais primitivos do funcionamento psíquico humano.

Ao reconhecer a existência de vida psíquica no bebé, Klein conceptualiza uma teoria, baseada na sua prática de análise de crianças, colocando o cerne da problemática infantil nas relações precoces que a criança estabeleceria com sua mãe.

Melanie Klein (1946), ao evidenciar o relacionamento precoce entre o bebé e sua mãe, caracteriza o estabelecimento desta relação precoce devido ao estado de medo de aniquilação que o bebé sentiria, tendo em conta o seu desamparo inicial e a pulsão de

⁸ A posição esquizo-paranoide é segundo Klein (1946), o tipo de funcionamento mental com recurso a mecanismos próprio dos 4 meses de vida (caracterizado pela fragmentação dos objectos parciais).

⁹ A posição depressiva, é caracterizada pelo funcionamento mental com concepção total do objecto.

morte herdada. O psiquismo do bebê seria para Klein um mundo povoado de fantasias inconscientes, fruto das relações parciais precoces estabelecida com a mãe.

Para Melanie Klein (1946, 1957/1984), cada vivência sensorial vivida pelo bebê na relação com a sua mãe é uma entidade discreta e o objecto parcial por excelência é o seio materno. A relação com o seio materno será o cerne da teoria de Klein: quando está mamando, o bebê sente a gratificação das suas necessidades, quando não há seio materno, ele sente-se frustrado. Estimulado pela frustração, o estado mental do bebê seria caracterizado nos primeiros 4 meses de vida por uma posição esquizo-paranóide (mecanismo mental), ou seja, o bebê viveria num mundo de objectos parciais, de entidades discretas e dispersas, bem como num mundo persecutório, em que a pulsão de morte herdada caracterizava os primeiros tempos de vida do bebê.

Devido a este estágio que seria insuportável para o bebê, este, através da identificação projectiva (conceito clássico proposto por Klein (1946) para descrever o primeiro modo de comunicação entre a mãe e o seu bebê), devolveria a sua mãe o seu medo de morte, por intermédio da sua fantasia inconsciente. Na perspectiva de Klein, o bebê seria observado como um ser que necessita de ser frustrado para perceber a sua existência face ao objecto cuidador. Por outro lado, ao acentuar exclusivamente a vivência fantasmática como precursora da vida psíquica, descuida outras vivências que ocorrem entre o bebê e sua mãe, nomeadamente a experiência corporal vivida através da prestação de cuidados oferecida pela mãe.

O bebê de Klein seria então um bebê passivo, nas suas competências precoces reais e estaria à mercê das suas fantasias inconscientes e de uma mãe que, na teoria de Klein, nos surge como muito patológica. Como veremos mais à frente com Bion (1962/1991a), o mecanismo de identificação projectiva e a oscilação entre a posição esquizo-paranoide e a posição depressiva, são conceitos que nos ajudam a compreender que a capacidade de pensar da mãe real é fundamental para ajudar o bebê a integrar experiências emocionais, de acordo com a sua tolerância à frustração e também com a qualidade da prestação dos seus cuidados materiais e psíquicos.

1.4. Winnicott: A Passagem da Mãe Real para o Bebê

Ao contrário de Klein e de outros analistas, Winnicott trabalhou cerca de 40 anos como pediatra, num hospital em Londres vocacionado para tratamento de crianças, e desenvolveu a sua teoria a partir de consultas realizadas com a dupla mãe-bebê. Foi um dos psicanalistas que mais se ocupou para compreender esta interdependência entre a mãe e o bebê. E foi um dos primeiros analistas a tentar compreender as razões que levariam determinadas mães a não terem uma capacidade para responder de forma satisfatória às necessidades e desejos do seu bebê e quais as consequências destas ausências de respostas no mundo interior do bebê (Brazelton et al., 2001; Blèandonu, 2003).

Winnicott (1962, cit. por Gonçalves & Fornelas, 1989) reage à ênfase que Klein coloca sobre o fantasma, privilegiando na relação mãe-bebê a prestação de cuidados e o «holding». Embora o recém-nascido possua desde o nascimento um aparelho neuro-motor e funções sensoriais relativamente diferenciadas e geneticamente determinadas, não sobrevive na ausência da relação maternal de administração de cuidados e satisfação de necessidades básicas. “There is no such a thing as a baby!” (Winnicott, 1958, cit. por Gonçalves & Fornelas, 1989).

Para Winnicott, o bebê está absolutamente dependente da mãe e não o sabe; de início, está duplamente dependente, uma vez que carece dos seus cuidados para a sobrevivência psíquica e para a qualidade do seu desenvolvimento psíquico. Ele está dependente, mas não está inerte: os cuidados maternos não se dirigem a uma tábua rasa. Assim que o bebê é capaz de se perceber como ser dependente, a dependência assume uma forma potencializadora de uma confiança básica e necessária ao seu progressivo desenvolvimento psíquico, como um ser humano único e diferente.

Winnicott (1975) foi um dos primeiros psicanalistas a pôr em evidência a importância de observarmos o bebê com sua mãe, referindo que a mãe não cria as necessidades do bebê, mas responde satisfatoriamente no momento certo, «mãe suficientemente boa» (Winnicott, 1990). É porque o seio ou o biberão chega no

momento exacto, quando o bebé começa a ter fome, que esta pode experimentar a ilusão de ter criado esse objecto que alcança no mundo real, criando assim um sentimento de onnipotência, necessário ao desenvolvimento da subjectividade. Esta época de ilusão é aquela em que se situará o «objecto transitivo» (Winnicott, 1975), primeira possessão não-eu e o jogo, matriz dos objectos culturais: nem dentro nem fora, nem realidade interna subjectiva nem realidade partilhada.

1.5. O Holding e o Handling Materno

Segundo Winnicott, é esta experiência de prestação de cuidados por parte da mãe que permite ao bebé o desenvolvimento de um verdadeiro Self e não num falso-Self.

O «holding» (Winnicott, 1990) favorece a integração: o bebé constrói o sentimento da continuidade do seu self a partir da continuidade e da segurança que lhe é oferecida pela mãe, que é a pessoa que liga as diferentes partes da personalidade umas às outras. O «holding» tem em conta a sensibilidade da pele do bebé, tacto e temperatura; a sensibilidade auditiva, visual, à queda, assim como o facto de o bebé ignorar todas as outras coisas que não são o self. Compreende toda a rotina de cuidados diversos e nocturnos, cuidados diferentes segundo o bebé, pois fazem parte dele e porque não existem dois bebés iguais; e adapta-se dia-a-dia às modificações físicas e psicológicas introduzidas no crescimento.

O «handling» favorece a «personalização» (Winnicott, 1990), o movimento do Eu que permite que o bebé se sinta uma pessoa: o Eu funda-se sobre um Eu-corporal. Apenas quando o desenvolvimento inicial foi adequado, é que o bebé começa a relacionar o corpo e as funções corporais, funcionando a pele como membrana limitadora. A instauração da relação objectal é favorecida pela maneira como a mãe oferece os objectos no momento em que o bebé experimenta a sua necessidade; de

forma que esta os crie experimentando brevemente onipotência, que encoraja o desenvolvimento da confiança e o sentimento de que o mundo e ela própria são reais.

Winnicott insiste várias vezes na ideia de que a não-integração não é dolorosa: a desintegração é que é angustiante. O bebé tende naturalmente à integração e se esse movimento não for facilitado, sustido pelo ambiente, ele é esmagado por intensas angústias correspondentes a etapas próprias do desenvolvimento: desintegração, queda, não ter relação com o corpo e não ter orientação: são a essência das angústias psicóticas.

A instalação da relação de objecto é marcada pela capacidade de associar a representação do objecto à percepção da totalidade da pessoa da mãe, pelo desenvolvimento da capacidade de se preocupar, a solicitude que permite a ultrapassagem da posição esquizo-paranóide e o acesso à posição depressiva. Solicitude designa positivamente o sentimento de culpabilidade. Na posição depressiva, ultrapassa-se a ambivalência que faz com que o objecto seja ora bom ora mau, tal como foi descrito por Melanie Klein.

1.6. Bion: A Identificação Projectiva e o Aparelho Mental Rudimentar do Bebé

W. R. Bion (1962/1991a) tentou reconstruir os primeiros modos de comunicação e de funcionamento psíquico em jogo na interacção primitiva na díade. Referindo que os bebés são diferentes em relação à tolerância à frustração e, conseqüentemente, à tolerância à dor mental, sendo o seu aparelho de pensar imaturo, existe uma necessidade irredutível de ter uma mãe com capacidade de «reverie», com capacidade de intuir as necessidades materiais e psíquicas do bebé.

Bion considera a identificação projectiva como um primeiro modo de comunicação entre a mãe e o bebé. Mas também a entende como um processo na origem do pensamento, qual mecanismo saudável e promotor do crescimento psíquico. Segundo Bion, é na identificação projectiva que o bebé exterioriza, através do fantasma onipotente, uma parte do seu self em perigo (p. e., o medo de morrer com fome). A mãe recebe esta identificação projectiva e, graças às suas capacidades de compreensão e

de elaboração do seu próprio funcionamento psíquico (capacidade de pensar da mãe), devolve ao bebé a tradução 'desintoxicada' do excesso intolerável de sofrimento que continha – transforma os elementos beta (elementos sensoriais brutos) em elementos alfa (elementos mentalizáveis porque portadores de significado). Estas questões serão melhor compreendidas no capítulo segundo acerca da constituição do aparelho psíquico.

Bion (1962/1991a), de acordo com Freud, compreende o sofrimento psíquico como resultante da acumulação intolerável de excitação e acrescenta que, face ao bombardeamento contínuo de elementos sensoriais brutos não directamente assimiláveis pelo pensamento do bebé «elementos Beta», só a capacidade de pensar da mãe e sua «reverie» estão aptas a transformar tais elementos beta em «elementos alfa». O que Winnicott escreveu fenomenologicamente como «preocupação maternal primária» corresponde à identificação projectiva mútua entre a mãe e o bebé descritas por Bion (cit. por Begoin & Begoin- Guignard, 1985).

1.7. Anzieu: O Bebé Corpo e Psique – O Eu-Pele do Bebé

Para Anzieu (1985), a relação com o seio materno passou a ser a expressão, mais usada pelos psicanalistas, para designar uma realidade completa vivida pelo bebé, onde se misturam quatro características distintas: o seio como alimentador, e por outro lado como preenchedor, pele quente e suave no contacto, receptáculo activo e estimulador; o seio materno total e sincrético como primeiro objecto mental.

Hagglund e Piha (1980) colocam a ênfase na modificação do funcionamento fisiológico que acompanha a evolução da fase mais precoce às mais evoluídas do desenvolvimento psicosexual. Para estes autores, a «Cavidade Primitiva» de Spitz ganha uma realidade que ultrapassa a sua afirmação enquanto metáfora. O espaço interno oral é o primeiro canal comunicativo com o mundo externo, em que o bebé incorpora a mãe sem a diferenciação de si próprio. Esta incorporação, afirmada numa acepção quasi-real, só é possível enquanto não tiver ocorrido a distinção entre Eu e não-

Eu; e mãe e bebé viverem num estado "fusional". Analogamente, quando o espaço interno anal está repleto e é de seguida esvaziado, o bebé experimenta fortes sentimentos de prazer erógeno, que irão condicionar as suas experiências de decepção ou não, dependendo da maneira como essa produção for aceite pelo objecto privilegiado da relação.

Os autores esforçam-se sobretudo por demonstrar o quanto estão relacionadas as experiências fisiológicas corporais com o desenvolvimento posterior da estrutura da personalidade: não se trata de verificar que existe uma relação estreita e quase linear entre ambas, não concebem dissociação (entre elas) e quase se arriscam a não vislumbrar a capacidade do psiquismo funcionar apesar do corpo. Mais do que considerar traços de carácter, como foram descritos classicamente, imprimem-lhes características imutáveis e vinculam-se fortemente à ideia de trauma original.

Citando P. Schilder (1935), os autores referem que Freud enfatizou o facto de a libido não significar apenas desejo, mas também processos que agem no corpo; quando a libido é investida numa única parte do corpo, regista-se uma alteração do funcionamento fisiológico da mesma, que terá impacto na maneira como será estruturada a personalidade.

Para Anzieu (1985), a experiência vivenciada pelo bebé dos orifícios que permitem a passagem no sentido da incorporação ou no da expulsão, é seguramente importante embora não exista orifício perceptível senão em relação a uma sensação, mesmo que vaga, de superfície e do volume. O bebé adquire a percepção da pele como superfície nas experiências de contacto do seu corpo com o corpo da mãe e no quadro de uma relação securizante de vinculação com ela. Ele atinge assim a noção de um limite entre o exterior e o interior e também a confiança necessária para lidar progressivamente com esses orifícios, uma vez que não pode sentir-se confiante quanto ao funcionamento daquilo que possui, na ausência de um sentimento de base que lhe garanta a integridade do seu invólucro corporal.

Anzieu argumenta no mesmo sentido de Freud, segundo o qual tudo o que é psíquico se desenvolve em referência constante à experiência corporal: o psiquismo deriva do somático. O Eu-pele de Anzieu correspondia ao Eu-corporal de Freud no seu

estado original. Uma observação atenta das experiências corporais em que se apoia a emergência do Eu permite avaliar esta noção: as sensações de calor e de frio, parte das trocas respiratórias, o tacto, são realizadas pele a pele. O tacto em especial possui uma característica distintiva que localiza na origem do psiquismo e fornece a este mesmo psiquismo algo a que Anzieu denomina por fundo-mental, o pano de fundo em que se inscrevem os conteúdos psíquicos como figuras, ou ainda o invólucro contentor que permite ao aparelho psíquico reter conteúdos (no sentido de Bion, 1962/1991a). Na verdade, contrariamente ao que acontece com os outros sentidos, a pele permite-nos apalpar a realidade, confirmar a existência material dos objectos.

Segundo Anzieu, o Eu-pele é uma realidade de ordem fantasmática figurada nos fantasmas, nos sonhos, na linguagem corrente, nas atitudes corporais, nas perturbações do pensamento e fornecedora do espaço imaginário que constitui o fantasma, o sonho, a reflexão, cada organização psicopatológica. É uma estrutura intermediária do aparelho psíquico: intermediária cronologicamente entre a mãe e bebé, intermediária estruturalmente entre a inclusão mútua dos psiquismos na organização fusional primitiva e na diferenciação das instâncias psíquicas correspondentes a segunda tópica Freudiana. Sem beneficiar das experiências adequadas no momento oportuno, a estrutura não é adquirida, encontrando-se mais comumente alterada (Anzieu, 1985, p. 4). O Tempo Eu-pele designa uma configuração de que se serve o Eu do bebé nas fases mais precoces do desenvolvimento para alcançar a representação de si próprio como Eu contentor de conteúdos psíquicos a partir da sua experiência da superfície do corpo (Anzieu, 1985, p.39).

Anzieu (1985) constrói a analogia entre as características entre o Eu-pele e as funções da pele, analogia em que encontra apoio para dissertação teórica. Primeiro, a pele do bebé é um saco que contém e retém no interior o bom e o pleno que o aleitamento, os cuidados, o banho de palavras acumularam. Segundo, constitui a interface que marca o limite como uma fronteira e o mantém no exterior; é a barreira que protege da penetração resultante da avidez e da agressão dos outros seres ou objectos. Terceiro, ao mesmo tempo que a boca, ou pelo menos tanto quanto ela, é o

local e o meio de comunicação primária com o outro, de estabelecimento de relações significativas; é uma superfície de inscrição dos traços deixados por eles.

Na relação mãe-bebé, inicialmente se assiste a uma interface, figurada sob forma de uma pele comum entre ambos que coloca, de um lado, a mãe e, do outro, o bebé. A pele comum mantém-os vinculados, mas segundo uma simetria que esboça a separação que se adivinha. Essa pele comum assegura entre os parceiros uma comunicação sem intermediário, uma empatia recíproca, uma identificação adesiva: ecrã único que entra em ressonância com as sensações, os afectos, as imagens mentais, os ritmos vitais de ambos (Anzieu, 1985)

Podemos, pois, observar que Anzieu traça uma linha de desenvolvimento do Eu-pele que se sobrepõe às de outros autores, nomeadamente os Pós-Kleinianos. É assim que ele vai debruçar-se sobre a vida fantasmática em relação ao conteúdo fantasmático cronologicamente anterior à consolidação do Eu-pele. Anteriormente à constituição do fantasma da pele comum, o psiquismo do recém-nascido estaria dominado por um fantasma intra-uterino, que nega o nascimento e que exprime o desejo próprio do narcisismo primário de retorno ao ventre materno, de fusão narcísica primária. A fixação no fantasma intra-uterino e a falha em aceder ao fantasma de uma pele comum caracteriza os envelopes autistas.

A interface transforma o funcionamento psíquico em sistema progressivamente mais aberto, que conduz mãe e bebé a funcionamentos cada vez mais autónomos, mas mantém os dois parceiros numa dependência simbólica mútua. A etapa consecutiva requer o apagamento desta pele comum e o reconhecimento de que cada um tem a sua própria pele e o seu próprio eu, o que não se realiza sem resistência e sem dor. São os fantasmas da pele arrancada, roubada e assassina que se revelam angustiantes. Se as angústias ligadas a estes fantasmas forem ultrapassadas, o bebé adquire um Eu-pele próprio, segundo um processo de dupla interiorização:

“a) da interface que se transforma no envelope psíquico contentor dos conteúdos psíquicos (da constituição de um aparelho de pensar os pensamentos segundo Bion);

b) do ambiente materno que se transforma no mundo interior de pensamentos, de imagens, de afectos (segundo Winnicott)” (Anzieu, 1985, p. 62).

Com esta reflexão de Anzieu, passamos do bebê fantasmático, na visão Kleiniana, para um bebê real, que não pode existir sozinho e nem está à mercê das suas fantasias inconscientes, fruto das pulsões de morte constitucionalmente herdadas. Tanto a introdução do pensamento de Bion, como as constatações clínicas de Winnicott na sua prática da observação da díade, põem em evidência os factores psicológicos da figura materna que facilitam a transformação dos conteúdos psíquicos do bebê (Bion), permitindo a construção de um mundo psíquico alicerçado na integração de uma personalidade única e diferenciada (Winnicott).

É na qualidade da relação materna e na prestação de seus cuidados que o bebê ganhará um estatuto de um ser humano em crescimento. Para que isto ocorra, teremos que nos debruçar acerca da correspondência entre o orgânico e o psíquico e como as capacidades maternas são responsáveis pelo seu progressivo desenvolvimento recíproco no desenvolvimento global do bebê.

1.8. As Nove Funções do Eu-Pele:

A mãe contentora, A mãe Prestadora de Cuidados

Anzieu (1985) descreve nove funções do Eu-pele, estabelecendo uma correspondência entre o psíquico e o orgânico, os tipos de angústias ligadas à patologia dessa função e as configurações na perturbação do Eu-pele que a clínica exemplifica.

1. Da mesma maneira que a pele preenche uma função de holding do esqueleto e dos músculos, o eu-pele preenche uma função de manutenção do psiquismo. A função psíquica desenvolve-se pela interiorização do holding materno. O eu-pele é em parte a mãe, interiorizada, e que mantém o funcionamento do psiquismo, pelo menos durante a vigília, tal como a mãe o mantinha contra o seu corpo, conferindo-lhe unidade e solidez.

2. A pele que envolve a superfície total do corpo, e na qual estão inseridos todos os órgãos dos sentidos externos, corresponde à função contentora do eu-pele - esta função foi exercida anteriormente pelo Handling maternal. Da mesma maneira, o eu-pele visa envolver todo o aparelho psíquico, pretensão que parece abusiva, mas que é necessária. O eu-pele é então figurado como uma membrana, o Id pulsional como núcleo, cada um dos termos extremamente necessitados um do outro. O eu-pele só é contentor enquanto contiver pulsões localizáveis em zonas corporais e diferenciadas posteriormente. A pulsão não é sentida como força motriz senão quando encontra limites e pontos específicos de inserção no espaço mental, onde se desenrola e quando a sua fonte é projectada em regiões do corpo dotadas de uma forte excitabilidade. Esta complementaridade entre casca e núcleo funda o sentimento da continuidade do próprio. Se falhar essa função contentora, surgem duas formas de angústia: a de excitação pulsional difusa, permanente, esparsa, não-localizável, não-identificável, não-apaziguável, tradução de uma topografia psíquica constituída por núcleo e casca; o indivíduo procura uma casca (membrana) substitutiva na dor física. Na segunda forma de angústia, a casca existe, mas a sua continuidade é interrompida por «buracos» (Anzieu, 1985, p.101) Trata-se de um eu-pele peneira: os pensamentos e as memórias são dificilmente conservados, escapam-se. A angústia refere-se ao sentimento de vazio interior e o indivíduo recorre à agressividade para a afirmação do próprio.
3. O eu-pele apresenta-se como uma estrutura virtual à nascença que se actualiza no curso de uma relação entre bebé e ambiente primário. O excesso e os defeitos da para-excitação resultam na formação das estruturas do eu - polvo (quando nenhuma das funções do eu-pele é adquirida) e do eu-crustáceo (com uma carapaça rígida que substitui o contentor ausente e que interdita o desenvolvimento das funções consequentes do Eu). Eu-polvo e eu-crustáceo correspondem, respectivamente, às definições de autismo primário e secundário de F. Tustin. As angústias referem-se à intrusão psíquica e ao abandono. Se a função de para-excitação estiver maciçamente ausente, o apoio pode ser procurado a níveis mais profundos da pele-

já não na epiderme, mas na derme: a segunda pele de E. Bick ou a couraça caracterial de W. Reich.

4. A membrana das células orgânicas protege-as de corpos estranhos; pelo seu granulado, cor, textura e odor, a pele humana apresenta diferenças individuais consideráveis, que podem ser narcísica ou socialmente sobre-investidas. Estas permitem distinguir entre objectos de vinculação de amor e de afirmação do próprio enquanto indivíduo com uma pele única. O eu-pele assegura uma função de individuação do próprio (self) que resulta no sentimento de ser único. A angústia refere-se a uma estranheza inquietante ligada à ameaça de perda da individualidade do próprio por enfraquecimento dos sentimentos das fronteiras individuais. Na esquizofrenia, a realidade exterior mal se distingue da interior e é considerada ameaçadora; a perda do sentido da realidade permite a manutenção a todo o preço o sentimento da unicidade do próprio.
5. A pele comporta cavidades em que estão alojados os órgãos do sentido que não o do tacto que se insere na própria epiderme. O eu-pele apresenta-se como uma superfície psíquica que liga entre si sensações de natureza diversa e que as faz ressurgir como figuras sobre esse fundo original, que é o envelope táctil. Trata-se da função da inter-sensorialidade do eu-pele, em que a referência de base se faz ao tacto. Na carência dessa função surge a angústia de fragmentação do corpo mais precisamente a de desmantelamento (Meltzer, 1975, cit. por Anzieu, 1985), que resultaria num funcionamento independente, anárquico dos diversos órgãos do sentido.
6. A pele do bebé é o objecto do investimento libidinal da mãe. O eu-pele substitui a função da superfície enquanto sustentáculo da excitação sexual, superfície sobre a qual, em caso de desenvolvimento normal, puderam ser localizadas as zonas erógenas. Reconhecida a diferença dos sexos, é desejada a sua complementaridade. Se o investimento da pele se revelar mais narcísico do que libidinal, o envelope de excitação pode ser substituído por um outro narcísico brilhante, invulnerável, imortal e heróico. Se esta função de sustentáculo falhar, o indivíduo torna-se um adulto sem segurança suficiente para engajar numa relação sexual completa,

conducente a satisfação genital mútua. Se as excrescências e os orifícios sexuais forem lugar de experiências dolorosas mais que erógenas, a angústia persecutória adiciona-se assim como a predisposição acrescida as perversões sexuais que visam inverter a dor em prazer.

7. O eu-pele como superfície de estimulação permanente do tónus sensorio-motor em resposta às excitações externas corresponde à função de recarga libidinal do funcionamento psíquico, que mantém constante atenção energética interna e a sua repartição desigual entre os sub-sistemas psíquicos. A falha nesta função produz dois tipos de angústia antagonistas: a angústia de explosão do aparelho psíquico sobre o efeito da sobrecarga da excitação e a do Nirvana (que se caracteriza pela redução da tensão a zero).
8. A pele, com os seus órgãos de sentido tácteis, fornece informação directa sobre o mundo exterior. O eu-pele preenche a função de inscrição de traços sensoriais que se liga a aspectos biológicos e sociais. Biológico porque é através da pele que se imprime o primeiro contacto com a realidade. Social dada a pertença do indivíduo ao seu grupo ser marcada frequentemente por incisões, pinturas, tatuagens, maquilhagens, penteados e vestuário. As angústias referem-se ao temor de possuir a superfície do corpo e da pele desenhada por inscrições infames ou por indeléveis mensagens do Super-Eu (rubor, eczema, feridas simbólicas). A angústia inversa assenta sobre o temor do apagamento dessas inscrições, sobre a perda da capacidade de fixar esses traços durante o sono por exemplo. A película que permite o desenvolvimento dos sonhos vem então propor ao aparelho psíquico a imagem do eu-pele restituído na sua função de superfície sensível.
9. Se as funções precedentes estão ao serviço da pulsão da vinculação e da libido, esta última é uma função tóxica. Pode ser ilustrada na alergia em que o sinal de segurança e de perigo são invertidos: o familiar é sentido como mau, estranho e inquietante em lugar de protector. O alérgico e o toxicómano são fascinados e procuram aquilo que lhes é nocivo e não aquilo que lhes faz bem. A asma apresenta-se como uma tentativa de sentir interiormente o envelope constitutivo do Eu-corporal: o doente engole ar para experimentar por dentro as fronteiras do seu

corpo e para assegurar os limites alargados do seu self; para prever esta sensação de um self-saco cheio (Anzieu, 1985, p. 106) ele mantém-se em apneia, arriscando bloquear o ritmo da troca respiratória com o meio. O eczema é uma tentativa para sentir de fora esta superfície corporal do self através das suas escamações dolorosas e seu contacto rugoso, a sua visão odiosa, assim como envelope de calor e de excitação erógenas difusas. Na esquizofrenia, a confiança no funcionamento natural do organismo é destruída ou não é adquirida. O que é natural é vivido como artificial, o vivo assimilado como mecânico, que é bom para a vida e na vida é sentido como perigo mortal.

Após o exposto, fica claro como cada um dos autores se debruçam acerca dos factores constitucionais, representacionais e ambientais que promovem ou dificultam o desenvolvimento psíquico do bebé. A falha da função contentora da mãe, na sua relação com o bebé, quando qualitativamente e quantitativamente excessiva parece ser a responsável pela desintegração do psiquismo do bebé e conseqüentemente no futuro adulto. No entanto, pensamos que é com a introdução do pensamento de Bion que a compreensão dos factores psicológicos que levam o bebé ao desenvolvimento e constituição do aparelho mental rudimentar para pensar fica mais esclarecida. Vamos, então, debruçar-nos sobre estas questões no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2

A CONSTITUIÇÃO DO APARELHO PSÍQUICO

“Se eu quisesse, enlouquecia. Sei uma quantidade de histórias terríveis. Vi muita coisa, contaram-me casos extraordinários, eu próprio. Enfim, às vezes já não consigo arrumar tudo isso.

Porquê, sabe? Acorda-se às quatro da manhã num quarto vazio, acende-se um cigarro... Está a ver? A pequena luz do fósforo levanta de repente a massa das sombras, a camisa caída sobre a cadeira ganha um volume impossível a nossa vida... Compreende ? A nossa vida, a vida inteira, está ali como... como um acontecimento excessivo... Tem de se arrumar muito depressa. Há felizmente o estilo não calcula o que seja? Vejamos o estilo é um modo subtil de transferir a confusão e a violência da vida para o plano mental de uma unidade de significação.

Faço-me entender! Não?

Bem, não aguentamos a desordem estuporada da vida. E então pegamos nela, reduzimo-la a dois ou três tópicos que se equacionam.

Depois, por meio de uma operação intelectual, dizemos que esses tópicos se encontram no tópico comum suponhamos, do amor ou da morte.

Percebe?

Uma dessas abstracção que servem para tudo.

O cigarro consome-se, não é? A calma volta. Mas pode imaginar o que seja isto todas as noites, durante semanas ou meses ou anos?”¹⁰.

¹⁰ Helder, H (1997). *Os passos em volta-estilo*. Lisboa: Assírio e Alvim, pp 9-10.

2.1. As Questões da Psicanálise de Freud a Bion

Podemos pensar que a questão de fundo colocada pelos psicanalistas aquando da investigação de factores psicopatológicos na vida de indivíduos seria: o que aconteceu a determinados seres humanos para que a relação de reciprocidade entre si e entre o outro e a realidade externa tenha falhado? Pois a aquisição do pensamento lógico, racional, consciente é uma das formas que possibilitam a comunicação extensível entre seres humanos; o que aconteceu ou o que acontece num funcionamento mental que parece ter ficado para aquém das palavras e para além da realidade?

A observação da psicopatologia em determinadas personalidades que revelam graves distúrbios na sua capacidade para pensar na relação consigo e com o outro, interroga-nos acerca do sentido da existência, que muitos destes pacientes ignoram ter de si próprios, do outro e da realidade. Sabemos da prática clínica que muitos destes pacientes constroem uma realidade particular acerca de si próprios e das relações que parecem andar a sua volta, de forma difusa, num mundo povoado de não significações, onde o desamparo parece constituir a palavra de ordem e de desordem na sua forma particular de serem e serem vistos pelo outro, pelo mundo que os rodeia.

A psicanálise tem se interrogado acerca da natureza intra-psíquica destes pacientes, o que se passa em suas mentes? De que afectos nos falam? Que ideias se desenvolvem nas suas mentes? Que ligações se estabelecem? A que objectos se referem? Ao que se sentem ligados ou desligados? Que distinção ocorre entre fantasia, imaginação, sonho e realidade? E em que grau se desenvolve o sentido da sua subjectividade e objectividade?

Se observarmos estes pacientes, em termos do funcionamento mental de um bebé desamparado, muitas destas questões poderiam ser respondidas.

Do bebé humano (com existência para o outro), esperamos o gradual desenvolvimento de suas capacidades psíquicas, alicerçado no seu desenvolvimento neuro-fisiológico, psico-motor, maturativo. Sabemos que o bebé humano nasce com uma predisposição para se vincular, procura dar um sentido à sua existência, pesquisa o

mundo a sua volta, liga-se desde muito cedo ao humano e ao que é humano, sua condição de desamparo e a sua estética promovem no outro o sentido de cuidar, para que o mesmo possa sobreviver e desenvolver-se física e psiquicamente. Para isso, tem em seu poder um aparelho mental rudimentar, dado através dos órgãos dos sentidos (Bion, 1962/1991a). Como Freud referiu (1923/1969g), em “O ego e o id”, e foi posteriormente investigado por Bion (1962/1991a), a consciência perceptiva, tal como no sonho, possibilita ao bebê as primeiras ligações de significação, entre uma realidade interna que é sentida com prazer ou desprazer e uma realidade externa. Estas experiências são vividas inicialmente na relação com o objecto cuidador, que poderá ou não dar uma resposta sincrónica afectiva, no espaço e no tempo a esses sentimentos de prazer ou de desprazer.

O vínculo humano nasce inicialmente e primordialmente desta experiência do humano com o humano, para pensar acerca destas questões. Em Freud, encontrei a clareza de um espírito pensador e preocupado em enfatizar que muitos dos comportamentos do ser humano têm raízes em fenómenos mentais inconscientes: como se tornaram inconsciente?; o que é isso do inconsciente?; mas inconsciente para quem?; e como temos acesso ao inconsciente?; e onde nos leva o inconsciente? em última análise, é debruçarmo-nos acerca da constituição do aparelho psíquico.

Estas descobertas, na nossa opinião, edificam toda a obra de Freud como o verdadeiro fundador da descoberta da psicopatologia, usando fundamentalmente um modelo saudável do funcionamento mental humano, possibilitando entender que a relação como fenómeno mental, abre as portas de acesso à verdade de si próprio, enigma da verdadeira história do sujeito, e palco activo das verdadeiras transformações do Homem.

Em Bion, e seus seguidores, nomeadamente os teóricos preocupados em compreender a origem do psiquismo (consciente e inconsciente) no bebê na relação com a mãe e alguns na relação com o pai, encontrei a possibilidade de formular hipóteses que permitem conceptualizar esses fenómenos mentais como vivências de estados emocionais em contínua transformação. Estas vivências caracterizam-se por uma linguagem emocional que fornece ao bebê os elementos pré-simbólicos, que, uma vez

transformados, permitirão ao bebé o início da aquisição de unidades de significação tão necessárias ao desenvolvimento do aparelho para pensar e ao desenvolvimento dos pensamentos, tal como foi descrito por Bion.

É sabido que o bebé humano nasce para a relação e desde muito cedo, apesar do seu aparelho mental rudimentar (Bion, 1962/1991a), procura o vínculo e também a sua autonomia, baseada na sua sabedoria. Segundo Bion, é a capacidade de tolerância à frustração do bebé face as ausências de respostas da mãe que irá permitir-lhe aprender ou não com a experiência emocional, inaugurando-se dessa forma o pensar humano. No entanto, para que isto ocorra, cabe à mãe com capacidade de pensar e com a sua intuição promover as necessárias mudanças relacionais com o bebé para assegurar a continuidade do seu crescimento fisiológico e psíquico.

Penso que Freud foi o primeiro a perceber esta ligação quando propõe o método da associação livre, a transferência e a interpretação dos sonhos (Freud, 1900/1969a) como técnicas fundamentais por excelência da psicanálise para a compreensão do psiquismo humano. Não serão estes os meios de comunicação que a mãe estabelece com o bebé humano? Dito de outra forma, esta relação seria caracterizada como uma maneira de ser e de estar na relação com o outro, de forma a facilitar a emergência dos factos psíquicos que inevitavelmente precisam ser transformados, recriados pela díade, nomeados numa nova relação.

Várias questões se levantam com o intuito de revelar que o funcionamento mental do bebé é uma herança filogenética, da espécie humana e que, na maior parte dos seres humanos ditos saudáveis, a filogenia acompanhou a ontogenia. Ou, se quisermos expor de outra forma, o desenvolvimento de um aparelho para pensar os pensamentos acompanhou o desenvolvimento dos pensamentos propriamente ditos e, conseqüentemente, a capacidade de pensar, que fazem com que hoje o ser humano tenha aptidão para comunicar e ser compreendido através do código da fala, sendo este o meio pelo qual o ser Humano expressa a sua intuição e a sua intencionalidade, invocando assim a concepção de si próprio e do mundo a sua volta. Neste contexto o capítulo que apresento acerca da constituição do aparelho psíquico reflectindo a teoria Bioniana à

partir de Freud, ajudou-nos a ser sensível à importância da capacidade de pensar dos pais, para o desenvolvimento psíquico do bebé.

Para Bion, a psicanálise não é algo que se aprende falando, muito menos é algo que se aprende nos livros; é algo que se observa e que se vive na relação, é uma atmosfera emocional que se estabelece entre dois seres humanos que querem descobrir, juntos, algo que não sabem, mas poderão ir sabendo. Nesta caminhada em que se faz junto o caminho, tolerar a dúvida e a dor mental inerente a todo o processo de desenvolvimento mental, promove o amor, a verdade e a vida.

Esta descoberta ou redescoberta deverá implicar mudanças relacionais de ordem intra psíquica e interpessoal, individual e social. Foi neste contexto de auto-análise e de questionamento clínico e teórico que nasceu a psicanálise, nome dado pelo seu fundador Freud.

Foi sem dúvida Freud um dos primeiros teóricos a preocupar-se em descrever a constituição do «aparelho psíquico» (1895, cit. por Sarsfield, 1998, p.23), sua investigação teórica e observação clínica que possibilitou a descoberta de fenómenos que não seriam acessíveis a consciência e a tomada de decisões por parte dos indivíduos. Falamos do inconsciente: este já fazia parte de inúmeras histórias contadas por filósofos e literários, mas o seu potencial só foi descoberto aquando da sua constatação na relação clínica e na sua tentativa de operacionalização pelo método clínico de associação de ideias e da interpretação dos sonhos, conceitos chaves para o desenvolvimento da teoria psicanalítica.

De acordo com a mesma autora, em 1895, no Trabalho “Projecto de uma psicologia científica”, Freud tenta perceber a relação entre os estímulos internos e estímulos externos, noção imbuída pelos seus estudos neurofisiológicos, como forma de compreender os mecanismos quantitativos e qualitativos, que teriam impacto na transformação dos processos psíquicos e de que forma estes estímulos seriam assimilados pelo aparelho psíquico. Tal investigação possibilitou a criação de um conceito fundamental para a compreensão do dinamismo psíquico porque existiria uma «barreira de contacto» que funcionaria como um filtro entre aquilo que mais tarde se chamaria os processos conscientes e os processos inconscientes da mente Humana. E

Freud refere “O organismo humano é, a princípio, incapaz de levar a cabo essa acção específica. Ela se efectua por meio de assistência alheia (...). Essa via de descarga psíquica adquire, assim a importantíssima função secundária da comunicação, e o desamparo inicial dos humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais” (1895, cit. por Sarsfield, 1998, p.25).

Freud levanta, então, questões fundamentais quer para a compreensão do psiquismo humano, quer para o facto fundamental que sem um outro ser humano, todos estaríamos condenados ao desamparo e não seria possível o nosso crescimento psíquico, porque quando nascemos somos incapazes de realizar a tarefa de crescer sozinhos. E mais será o nosso desamparo inicial que promove no outro o sentido de cuidar, o nosso sentido moral perante outro ser humano.

2.2. Um Aparelho para Pensar os Pensamentos

No nosso entender, foi Bion (1962/1991a) um dos psicanalistas que pôs em realce, na sua teoria, a explicação da formação de um aparelho para pensar e do progressivo desenvolvimento dos pensamentos. Através da sua experiência com doentes profundamente perturbados na sua capacidade para pensar, nomeadamente no seu trabalho com grupos e posteriormente com psicóticos que iriam ao seu consultório, Bion preocupou-se em desvendar os factores que estariam na origem da não constituição de um aparelho psíquico e o porquê de tal impasse no desenvolvimento da capacidade para pensar.

Para tal, debruçou-se sobre as conceptualizações de Freud, nos seguintes artigos: “Dois princípios do funcionamento psíquico” de 1911 (Freud, 1911/1969d), que tratam da passagem do princípio do prazer para o princípio da realidade como um processo necessário a evolução do pensar humano; o trabalho de 1923 acerca do “Ego e o Id” (Freud, 1923/1969g), que marcam a passagem do sistema estrutural da mente para uma perspectiva dinâmica, onde as noções de consciente e de inconsciente ganham outra

plasticidade na constituição do aparelho psíquico e também pela primeira vez é nomeada uma instância, o pré-consciente, que oscilará entre os dois processos psíquicos, o que mais tarde permitiu a Freud descrever os processos primários e os processos secundários de pensamento. O primeiro estará ligado a uma fase caracterizada pelo princípio do prazer, ou seja, o bebé tem necessidades básicas face ao objecto, e quer a gratificação imediata destas necessidades para a sua sobrevivência. O processo secundário estará ligado a um salto evolutivo, uma vez que a exigência da realidade promoverá a criação de processos que poderão adiar a descarga pulsional, e conseqüentemente uma mudança face à forma de lidar com as frustrações e o desamparo inicial a que todo o ser humano está sujeito na altura do nascimento.

De 1915 a 1926, Freud (1915/1969f; 1926/1969i) persistiu na tentativa de explicar o fenómeno da existência de processos psíquicos capazes de excluir da consciência outros processos psíquicos. No artigo de 1923, Freud (1923/1969g) restringiu o conceito de inconsciente a uma qualidade dos processos psíquicos, isto é, uma característica da actividade mental que pode ser encontrada em qualquer parte do aparelho psíquico, sendo este aparelho concebido como uma estrutura constituída por várias instâncias ou instituições – o Ego, Id e o Super-Ego.

No artigo de 1924, “Neurose e Psicose”, fica claro que existiram factores que irão interferir na vida do indivíduo de tal forma que alguns irão ser banidos do processo consciente, processos ligados ao princípio da realidade e outros farão parte de processos inconscientes, que serão traduzidos através dos sonhos, fantasias, actos falhados, etc. (Freud, 1924/1969h).

Em 1927, no artigo “Futuro de uma Ilusão”, Freud (1927/1969j) interroga-se acerca da condição de desamparo vivido pela raça humana no decorrer dos tempos e pelo desamparo a que todo o ser humano está sujeito no período da infância, como motor do desenvolvimento da nossa capacidade para pensar.

O desamparo será então uma condição primária que desperta no outro a capacidade de cuidar ao nível material e psíquico, função e estado necessários para o desenvolvimento do ser humano. E penso que é este sentimento de compaixão, de paciência e de amor que promove a criação do primeiro vínculo entre seres humanos.

Tal como Freud (1927/1969j), poderemos reflectir que todo o ser humano carrega consigo um desamparo pré-histórico. Fruto da construção da história do Homem, da raça humana, que ao longo dos tempos e inicialmente dominado pelas forças da natureza (o que corresponderia internamente dominado pelos seus instintos), foi descobrindo através do seu conhecimento testado no campo da experiência, as suas capacidades de aprender com ela. É esta experiência que tem possibilitado ao Homem uma adaptação recíproca entre o controle da realidade externa, e interna com o objectivo de extrair das mesmas as condições necessárias ao seu bem-estar físico, emocional e social. Ao longo dos tempos, o Homem tem-se confrontado com frustrações, proibições e privações que terão como objectivo último estabelecer uma ordem, uma lei que assegure a continuidade da espécie humana, ligado ao instinto de auto preservação, negação do canibalismo, incesto e ânsia de matar (Freud, 1914/1969e), são estas e foram estas as condições necessárias à mudança não só do animal para o humano mas fundamentalmente ao longo do tempo os pilares da construção de um tempo psíquico, que promoveu a constituição das civilizações e da cultura como formas e conteúdos que estruturassem as relações humanas nas suas componentes moral e social e que facilitassem a vida em sociedade e promovessem simultaneamente a criação de vínculos e de projectos facilitadores da vida mental que caracterizam a relação entre os seres Humanos.

A mudança e a construção de um tempo psíquico – um passado, um presente e um futuro – é a possibilidade que o Homem tem de lidar com a sua condição de desamparo, face à realidade. Sem o tempo psíquico, o Homem não teria uma História e sem História um Homem não seria Homem, condições do seu sentido de identidade de imortalidade porque mortal.

Neste contexto, Bion, com os trabalhos «Aprendendo com a experiência» (1962/1991a), «Uma Teoria do Pensamento» (1962/1988) e «Elementos de Psicanálise» (1963/1991b), debruça-se acerca desta investigação e de outras relativamente à questão de saber para onde irão estes elementos psíquicos, que não são imediatamente passíveis de se tornarem conscientes, e como estes elementos se constituem. Todas estas questões propuseram um desafio a Bion: formular uma teoria capaz de explicar a constituição do

aparelho para pensar os pensamentos, tomando como modelo o vínculo do bebé, alicerçado no facto de existir no bebé uma pre-concepção inata do seio e na mãe real, uma capacidade de reverie e uma capacidade para pensar.

2.3. A prática Clínica de Bion e suas Contribuições para o Bebé

Partindo da investigação psicopatológica de doentes psicóticos, Bion convida os leitores à compreensão da comunicação das experiências emocionais como função de transformação mental e refere que “ Em metodologia psicanalítica não há critério para se determinado uso é certo ou errado, significativo ou demonstrável mas se promove ou não o desenvolvimento” (Bion, 1962/1991a, p.14).

Pensamos que com o pensamento de Bion ocorre uma mudança profunda nos modelos psicanalíticos, uma vez que o vértice de observação clínica passa a ser o que promove a transformação relacional, mais do que procurar razões de ordem psíquica puramente internas ou externas, como aconteceu com a maior parte dos psicanalistas pós-Kleinianos.

A experiência clínica vivida por Bion com pacientes que revelaram sintomas de distúrbios do pensamento apontaram-lhe necessidades de reformulação quer ao nível das teorias do conhecimento quer ao nível da psicanálise clínica, nomeadamente quanto à origem e natureza dos pensamentos, além da reformulação paralela quanto a dispositivos para proporcionar “pensar” os pensamentos.

Convida o aprendiz da experiência a ser um cientista matemático que emprega uma teoria deficiente, para pacientemente aguardar que se descubra, no contexto relacional, hipóteses de trabalho que promovam a descoberta de um novo método de produzir o “factor” e a “função”, promovendo uma relação entre sujeito e objecto que favoreça um universo mental em expansão criativa.

E o que será para Bion o “factor” e a “função”? Designa por função a actividade mental ligada a certos factores que actuam conjugados. O factor será um indicador da

actividade mental subjacente que actua conjuntamente com outras actividades mentais que configuram uma função. Aponta a observação como método preferencial na recolha e análise das funções que permite de forma indirecta deduzir os factores que as constituem. (...) “Admito, na personalidade factores que se combinam ao produzir entidades estáveis a que chamo funções de personalidade (...) E exemplifica (...) que o valor dos factores está dependente da avaliação que fazemos da pessoa e da importância que a mesma atribui ás palavras.” (Bion, 1962/1991a, p. 18).

2.4. A função Alfa da Mãe e a sua Capacidade de Reverie Materno

Bion refere ainda que a teoria de funções facilita o trabalho analítico na medida em que promovem modificações na personalidade do paciente. (...) “Se o analista observa funções e delas deduz os factores que lhe são correlatos, desfaz-se a lacuna entre a teoria e observação sem architectar novas teorias possivelmente desorientadoras” (Bion, 1962/1991a, p.19).

Esta função é denominada por Bion por função alfa: será então uma função destituída de sentido, porque à procura de vários sentidos, uma incógnita a que se confere valor. E sublinha “(...) depois que seu uso ajudou a determiná-lo, importa não se lhe atribua precocemente, o papel de comunicar significação, pois os significados prematuros talvez constituam precisamente os que competia eliminar.” (Bion, 1962/1991a, p.20).

O trabalho analítico seria então um estado de ser associado a uma função da personalidade do analista que se oferece como continente e conteúdo dos objectos sem significação e a procura de novos significados, novas transformações, um novo modelo relacional em atenção flutuante, no dizer de Freud.

Vemos aqui a importância que Bion confere à capacidade da mãe para pensar e também suas características de personalidade, uma vez que estas serão fundamentais

para a mãe interpretar os comportamentos emocionais de seu bebê e promover assim o início de um processo de transformação mental, dos conteúdos apresentados pelo bebê.

Bion cita Freud e sublinha a importância do princípio da realidade, como factor transformacional do aprender com a experiência “(...) A significação crescente da realidade externa também aumenta o significado dos órgãos sensíveis que se voltam para o mundo externo e da consciência que a eles se liga; esta aprende a compreender atributos sensíveis, além das manifestações de prazer e desprazer, até aqui de interesse só para ela. Acentuo, ‘esta aprende a compreender’, por ‘esta’ Freud quis provavelmente significar a consciência que se vincula a impressões sensíveis” (Bion, 1962/ 1991a, p.22).

Bion, reflectindo à partir de Freud, dá nova ênfase à função da consciência como órgão que se vincula a impressões sensíveis, ampliando o significado da função de compreensão aliada à significação crescente da realidade externa. Enfatiza, tal como Freud, a importância de atribuir compreensão à consciência quer das impressões sensíveis provenientes dos órgãos sensíveis quer das características associadas ao prazer e ao desprazer.

A vivência do prazer e do desprazer, expressada pelo bebê na sua experiência emocional com a mãe, será determinante na forma como o bebê se expressa face a realidade externa e sua capacidade em modificá-la ou fugir dela. Aqui a tolerância à frustração do bebê, como um factor interno constituinte, ganha toda a sua importância.

A partir de Freud, Bion formula uma questão fundamental para a compreensão da actividade mental e promove a investigação dos factores que permitem a diferenciação entre mundo interno e externo, entre prazer e desprazer que, vinculados as impressões sensíveis, levam à modificação da realidade e refere “Atribuir compreensão à consciência leva a contradições evitáveis pela aceitação, para as finalidades da teoria que desejo propor, da conceituação ulterior de Freud , ‘que parte no entanto ficou por desempenhar no nosso esquema de consciência, outrora tão onipotente, e que tudo mais nos ocultou de vista?’ Apenas a de órgão sensível para perceber os atributos psíquicos” (Bion, 1962/1991a, p. 23)

Compete à mãe traduzir e dar uma significação emocional às experiências vividas pelo bebê, muitas destas experiências do bebê sendo “verbalizadas” através dos seus órgãos sensoriais, seus órgãos do sentido e do sentir humano. Cabe à mãe ser o Continente-Conteúdo destas vivências expressadas pelo bebê, promovendo a sua transformação através dos vínculos criados, que segundo Bion são de três tipos básicos; L (inicial da palavra Love, que quer dizer amor), H (inicial da palavra Hate, que quer dizer ódio) e K (inicial da palavra Knowledge, que quer dizer conhecimento). Bion também conceptualiza para cada vínculo o que corresponde ao seu negativo: assim para o vínculo L, existe o vínculo –L, relativamente ao vínculo H, existe o vínculo –H, e, por último, para o vínculo K, haveria o vínculo –K (correspondendo K à aprendizagem do conhecimento e –K à patologia). Estes vínculos seriam criados na base da experiência emocional vivida, permitindo ou não que a experiência emocional possa ser pensada na área da aprendizagem. Ao conjunto de experiências emocionais significativas para o indivíduo, Bion (1963/ 1991b, p.12) chamou “conjunção constante” (termo que adoptou de David Hume de 1739).

Para a compreensão de como o indivíduo poderá ter um conjunto significativo de experiências que lhe permitem aprender com a experiência e organizar um padrão emocional, Bion destaca o valor da atenção como um sistema de notação, ou seja, os dados da actividade consciente precisam de ser armazenados, para se constituírem naquilo a que chamamos memória. Esta observação de Bion surge do estudo do texto de Freud sobre os “Dois princípios do funcionamento mental”, em que sublinha a importância da função da atenção e cita Freud “função especial periodicamente pesquisa o mundo externo, de modo a já lhe serem conhecidas as características, ao surgir necessidade interior premente. Tal a função da atenção sua actividade encontra as impressões sensíveis, ao invés de esperar se manifestem” (Bion, 1962/1991a, p. 23).

Vemos aqui como o mundo externo para o bebê é impregnado de experiências que lhe são fornecidas através dos seus órgãos do sentido (por exemplo, o estado de fome) e como a atenção dada pela mãe na interpretação/significação destas experiências pode ser determinante para o bebê associar uma experiência de prazer ou de desprazer

na sua relação com a mãe. E como estas experiências serão facilitadoras da constituição de um aparelho para pensar os pensamentos ou não !

Bion propõe um modelo clínico teórico-explicativo e de indagação face à formação e origem de um aparelho para pensar os pensamentos. Que qualidade de experiências emocionais facilitam este processo?

Bion refere que a experiência emocional vivida quer no sono quer durante a vigília, no que se refere as percepções, só será compreendida após a transformação em pensamentos oníricos, viabilizados pela função alfa. A função alfa (a função da mãe, como sujeito pensante e pensador) será, então, progressivamente actuar sobre as impressões sensíveis (vivas pelo bebé) que viabilizam a formação de elementos alfa que, conseqüentemente, corresponderam aos requisitos de pensamentos oníricos.

Quando isto não acontece, quer por falha da função alfa (incapacidade de pensar da mãe) quer pela sua inexistência, não ocorre transformação, ou seja, as impressões sensíveis e as emoções associadas permanecem inalteradas. A estes elementos inalterados, Bion dá o nome de elementos beta, vividos como coisas-em-si (seriam experiências insuportáveis para o bebé, uma vez que não foram pensadas por sua mãe).

2.5. Os Elementos Alfa

Para compreendermos a natureza e a constituição de um aparelho psíquico convém investigar tanto os elementos alfa (susceptíveis de transformação graças a função alfa da mãe) quer os elementos beta (elementos que não sofreram a transformação pela função alfa da mãe).

Sendo assim, segundo Bion, (1962/1991a), os elementos-alfa estão presentes no aparelho mental e têm a capacidade de se articularem e intervirem nas operações do pensamento em geral, mas especialmente no pensamento inconsciente de vigília e na memória, no insight, na criação de modelos visuais ou outros , nos fenómenos de abstracção, na apreciação estética e outros. São o produto da função alfa, que transforma

os elementos beta em elementos alfa. Estes elementos são a transformação das impressões sensoriais e das experiências emocionais, em imagens visuais ou sensoriais (auditivas, olfactivas, são utilizadas para a formação dos pensamentos oníricos, pensamento inconsciente de vigília, os sonhos e as recordações nunca são conscientes.)

Os elementos alfa não saturam o conhecimento, já que ajudam a tolerar bem a frustração de não saber, pois estão sempre à disposição para a eles se recorrer enquanto se está numa fase de indagação.

E Bion (1962/1991a; 1963/1991b) refere que é através da identificação projectiva (relação dinâmica entre continente e conteúdo) que esta análise será viável, visto que podemos analisar os movimentos mentais ocorridos entre a diáde, a interacção entre as posições esquizo-paranoíde e depressiva, a formação de vínculos (L, H e K), a razão, a ideia, o sofrimento e as emoções.

Bion chama a atenção para a análise e investigação da finalidade dos construtos mentais passíveis de desenvolvimento mental ou a questionarmos o porque de seu impasse.

Diz Freud (1923/1969g) que “Como todo o impulso instintual, também ele pressiona no sentido da satisfação pela acção; mas o seu caminho à mobilidade está bloqueado pelas regulações fisiológicas que o estado de sono implica; é compelido a tomar o caminho de retorno em direcção à percepção e contentar-se com uma satisfação alucinada. Os pensamentos oníricos latentes se transformam, pois, em um agrupamento de imagens sensoriais e de cenas visuais. O que nos parece tão novo e tão estranho é o modo como lhes ocorre fazer esse percurso. Todos os instrumentos linguísticos pelos quais expressamos as relações mais subtis dos pensamentos as conjugações e as preposições, as alterações devidas à declinação e a conjugação são eliminados, porque não há meio de representá-los; assim como uma linguagem primitiva, sem nenhuma gramática, expressa-se apenas a matéria-prima do pensamento, e os termos abstractos são substituídos pelos termos concretos que estão na base”.

Freud persistiu na tentativa de explicar o fenómeno da existência de processos psíquicos capazes de excluir da consciência outros processos psíquicos. Surge então a necessidade de diferenciar a qualidade da consciência. Neste trabalho, Bion

(1962/1991a) debruça-se sobre a questão de saber para onde vão os elementos psíquicos que não foram passíveis de serem metabolizados, a que Bion chamou elementos beta. Estes elementos só serão transformados se surgir na relação um outro que lhe atribua significado, um pensador. Para além disso, debruça-se acerca da experiência emocional necessária para que estes elementos possam assumir a consistência de representações mentais, e de poder de abstracção que caracteriza a flexibilidade de pensamento de um pensador.

2.6. Os Elementos Beta

Neste contexto de reflexão, a partir de Freud, Bion refere que os elementos beta são objectos a evacuar ou a usar pelo pensamento, devido à falta de representação mental e poder de abstracção. A finalidade é apenas livrar a psique de um excesso de estímulos que não foram transformados pela função alfa e convertidos em elementos alfa, não se constituindo assim uma memória de futuro, um sonho mas sim factos indigestíveis. (...) “A falta de função alfa significa paciente que não pode sonhar e portanto, não pode dormir . Como a função alfa torna as impressões sensíveis da experiência emocional utilizáveis pelo pensamento consciente e pelo onírico, o paciente nem pode sonhar nem adormecer nem acordar” (Bion, 1962/ 1991a, p.26).

Bion refere que o aprendizado está directamente relacionado com o funcionamento da função alfa, ou seja, a transformação de elementos perceptivos da experiência emocional em elementos alfa utilizáveis nos pensamentos oníricos e no pensar inconsciente da vigília. A função alfa será responsável pela progressiva diferenciação entre o pensar consciente para a lógica como para relegar o pensar ao inconsciente quando a psique está saturada. E chama a atenção de que o excesso de elementos beta, ou seja, elementos que promovem a indigestão mental, não são facilitadores de uma progressiva diferenciação entre processo consciente e processo inconsciente, o dormir e o acordar, o sonho e a realização, o contacto consciente

consigo próprio e o outro, a realidade interna e realidade externa, o prazer e desprazer, numa palavra, o aprender com a experiência emocional.

Neste contexto, podemos perceber a importância que Bion atribui às primeiras experiências ocorridas entre a mãe e o seu bebé como precursoras do pensar humano. E como o vínculo, a qualidade da identificação projectiva estabelecida na díade será determinante para lançar o bebé no caminho da expansão e maturidade psicológica.

Vejamos que quando a relação entre a díade for caracterizada por sentimentos que não promovam a integração mental, por exemplo, as vivências de ódio e a inveja (vivências características da posição esquizo-paranóide), o bebé poderá sentir uma vivência de um estado inanimado, confuso, morto. Ou seja, Bion através da análise da não consolidação da função alfa ou seja incapacidade de pensar e de reverie da figura materna, fundamenta a sua teoria clínica assente no modelo relacional da díade mãe bebé e bebé mãe. E refere “(...) Do seio o bebé recebe leite e demais confortos humanos, também amor, compreensão e consolo. Suponha o bloqueio à sua iniciativa por temor à agressão sua ou de outrem. Se a emoção é muito intensa, inibe-lhe o impulso para aceitar o sustento”. E prossegue “ A violência da emoção impede ao reforço do bloqueio porque ela não se diferencia da destrutividade, da culpa e depressão subsequentes. O pavor à morte, por inanição, compele ao reinício da sucção. Desenvolve-se a cisão entre satisfação material e psíquica” (Bion, 1962/1991a, pp. 26-31).

Segundo Bion, o medo, o ódio e a inveja tão temidos na relação por falha ou inexistência da função alfa, surgindo essencialmente como medidas para destruir a percepção dos sentimentos, como forma de lidar com a dúvida de reconhecer se existe ou não objecto vivo de que o bebé depende para a sua sobrevivência. Existir ou não existir – eis a questão. E refere: “A inveja obriga a negar amor, compreensão, experiência e sensatez que o seio lhe propicia e impede se desenvolva e consolide a acção da função alfa. Isto faz seio e bebé apenas concretos, sem representação mental equivalente, culpabilidade e medo sequente de suicídio e homicídio passado, actual e iminente. O anseio por amor, compreensão e desenvolvimento mental não satisfeitos, deflecte-se agora em ânsia por comodidades materiais, o anelo por amor contínua

insatisfeito, transformando-se em voracidade arrogante e desregrada.” (Bion, 1962/1991a, p. 31).

Bion chama a atenção para o facto de a utilização instrumental dos conceitos de identificação projectiva e cisão nos ajudar à compreensão e à observação da produção de estados mentais de pacientes que precocemente sofreram os efeitos da não consolidação da função alfa. E exemplifica que a identificação projectiva excessiva (patológica) pode ser uma forma de o paciente comunicar o excesso de complicações emocionais vividas em período precoce do seu desenvolvimento mental, em que perceber vida e relacionamento com objectos vivos seria equivalente a um estado de fome e pavor à morte. O não estabelecimento do vínculo amoroso por parte da mãe e, conseqüente, sentimento de gratidão não promoveu no bebé o desenvolvimento da tolerância aos sentimentos de ódio e inveja vividos na relação, conduzindo assim a uma cisão reforçada entre os objectos inanimados e os objectos vivos. Mecanismo tão frequente nos pacientes psicóticos. Bion refere o paciente (...) “ Sente-se rodeado por objectos bizarros , de modo que, mesmo as comodidades materiais lhe são más e insatisfatórias das necessidades. Ei-lo em falta do aparelho, a função alfa, que mitiga tal penúria. Vorazmente e apavorado, um após outro contacta o elemento beta, incapaz, ao que parece, de alcançar actividade outra que não conviver sempre com elementos beta, com a concretude”. E continua “ As interpretações, se o analista não lhe acompanha a ausência de representações mentais, parecem-lhe más. Ele não sente no entanto recebê-las, pois isso pressupõe capacidade de ter representação mental do analista, relação equivalente à infantil com o seio, provedor de solicitude material e amor. Só alcança todavia, apenas o correlato concreto do tipo de relacionamento cujo vínculo é o dos objectos inanimados.” E prossegue “A circunstância que o paciente não tem, no contacto consigo, capacidade para a abstracção, explica sua propensão a confundir percepção que, de facto está vivo “ (Bion, 1962/ 1991a, pp.31-32).

Bion acentua que o não desenvolvimento do aparelho para pensar leva o indivíduo a uma dominância na vida mental sem poder de abstracção, em que o seu universo relacional será caracterizado pela prevalência de objectos concretos. Nestes casos, a dominância do princípio do prazer serve apenas como forma de aliviar a psique

do excesso de elementos beta e não para efectuar mudanças no ambiente quando confrontados com o princípio da realidade, tal como foi descrito por Freud. O pensar é substituído pela acção como forma de evacuar os estímulos sentidos como insuportáveis. O autor refere “ (...) A incapacidade até de seres humanos desenvolvidos, para ter pensamentos, pois se não dispomos de poder de representação mental, rudimentar que nos é a capacidade para pensar, significa limite do campo de investigação, sendo toda ela, em última científica, por aquela deficiência humana, restringir-se aos fenómenos com características do inanimado.” E prossegue (...) “ Esse aparelho rudimentar para “pensar” os pensamentos é adequado se os problemas se associam ao inanimado, mas não se o objecto de investigação é o fenómeno da própria vida” (Bion, 1962/1991a, p.35).

Bion aprofunda estas questões e salienta que o estado do indivíduo – se adormecido ou acordado, se consciente ou inconsciente – é função da conversão da experiência emocional em elementos alfa e conseqüente produção de pensamentos oníricos. Neste contexto a capacidade para sonhar ou para estar acordado é fruto da função alfa que promove a acção e diferenciação entre processos conscientes e os processos inconscientes com conseqüente produção de pensamento organizado, quer pela narrativa em geral conhecida como sonho, quer pela narrativa do pensamento racional.

Bion chama a atenção para a necessidade de diferenciar consciente de inconsciente e refere “(...) A utilização dos termos é típica da dificuldade com termos ambíguos quando não se dispõe de expressões mais precisas. Não indico ‘o’ consciente ou ‘o’ inconsciente porque implica requerer observador para diferenciar dois objectos. Não excluo entanto a gradação de sentido pela qual, se elementos se diferenciam, uns tornando-se conscientes, outros inconscientes, se tal conceito é válido.” (Bion, 1962/1991a, p.38)

Bion diferencia a acepção clássica da teoria do sonho representada pelas funções de censura e de resistência, introduzindo a teoria da função alfa do sonho, ou seja, num processo de transformação, os poderes da censura e de resistência são essenciais para a observação, compreensão e diferenciação dos processos conscientes e dos processos

inconscientes, sendo fundamental para a sua manutenção e distinção entre ambos. E refere “(...) Semelhante discriminação advém da acção do ‘sonho’ que, sob forma narrativa, combina pensamentos oníricos a pensamentos oriundos por sua vez da combinação de elementos alfa. Na teoria, a capacidade para sonhar preserva a personalidade do que é virtualmente um estado psicótico.” (Bion, 1962/1991a, p.37).

2.7. A Barreira-de-Contacto

Neste contexto, segundo Bion, o conceito de “barreira de contacto” (conceito utilizado por Freud, segundo Bion, para descrever entidade neurofisiológica), abre novos horizontes à compreensão e à diferenciação entre consciente e inconsciente, sua inevitável natureza, construção e inter-relação. O autor refere “(...) no sono ou vigília, a função alfa do indivíduo transforma-lhe as impressões sensíveis da experiência emocional em elementos-alfa, congruentes à medida que proliferam, formando a barreira-de-contacto. Esta, em processo contínuo de formação, indica contacto e separação entre elementos conscientes e inconscientes e inicia a diferenciação entre ambos.” E salienta “A natureza da barreira-de-contacto depende da qualidade de suprimento de elementos -alfa e modo de sua mútua relação: “Aglutinam-se”; “Conglomeram-se”; “Ordenam-se sequencialmente, em aparência de narrativa (pelo menos na forma da barreira-de-contacto no sonho)”; “Organizam-se logicamente”; “Dispõem-se geometricamente” (Bion, 1962/1991a, p. 39).

Segundo Bion, é através da análise da natureza da barreira-de-contato, que clinicamente se poderá perceber por que o paciente é ou não é capaz de aprender com a experiência emocional, pois da qualidade da barreira-de-contacto e seus elementos-alfa componentes depende a conversão de elementos conscientes para o inconsciente e vice-versa, influenciando desta forma o processo associativo da memória e características de qualquer lembrança. E Bion responde: “(...) Bom se, quanto à técnica, a resposta às interpretações do acima aludido baseia-se no uso das teorias de funções, de função-alfa

e barreira-de-contato e proporciona evidência de que a realização se aproxima de tais conceituações teóricas. Cientificamente, a validação das teorias está na correlação evidente de aumento, pela análise, da capacidade para pensar e comprovação de existir realização correspondendo ao apanhado abstracto teórico.”(Bion, 1962/1991a, pp.40-41).

Bion interroga-se acerca da base da experiência emocional que levam pacientes com distúrbios na capacidade para pensar a expressarem dificuldades em aprender com a experiência, fruto da deficiência da função alfa e conseqüente formação instável da barreira-de-contato.

Arno Gruen (1995), no livro «A loucura da normalidade», refere que “Sem auto-organização, o interior permanece num estado de confusão, de caos. Isso pode ser demonstrado pela maneira de lidar com os sonhos: O mecanismo básico do acto de sonhar prende-se com a reconstituição de coisas perdidas com importância emocional, sejam elas desejos ou necessidades não satisfeitas. Mas tanto umas como as outras estão distorcidas em pessoas nessas condições, ou são mesmo negados. Isto explicará também a experiência clínica, segundo a qual há doentes que não conseguem dar conta de sonhos por se encontrarem divididos de si próprios, embora de maneira diversa do esquizofrénicos falta de integração produz medo ,não só pelo seu potencial desagregador mas, mais ainda, porque o homem, desde o seu nascimento, está vocacionado para a integração. Como foi provado por Eric Aronson e Shelley Rosenblom, recém-nascidos com apenas trinta dias já acusam dor e desconforto, se a sua percepção da mãe, até aí integral e integrada, for interrompida e quebrada.” (p. 24)

Para Arno Gruen (1995), (...) “O ser humano não pode viver sem confiança. Confiança que ganha pela afectividade recebida. Recém nascidos e bebés que não recebem afecto podem tornar-se apáticos, doentes, ou até morrer” (...) “Assim muitos psicanalistas no seu consultório lidam com as sombras de vida, mas não com a vida em si. Em vez de ajudar os seus doentes a encontrar uma verdade própria, a qual esses descobriram mas não tiveram a força de aguentar, atribuem-lhe doenças fictícias” (pp. 30-35).

Por outro lado, Bion também chama a atenção para a circunstância de que as interpretações com base nas teorias clássicas são insuficientes para a compreensão destes pacientes, que parecem experimentar sentimentos, mas não aprendem com eles.

E enfatiza: “(...) A teoria de função oferece a perspectiva de solucioná-lo, admitindo que eu lhe contenha função desconhecida da personalidade e delas buscar, na experiência das sessões, o indício de quais são.” E continua “(...) suponha eu seja a ‘consciência’. A teoria de Freud sobre a consciência ser o órgão sensível do atributo psíquico favorece pressupor separação entre consciência e atributo psíquico”. E prossegue “(...) À luz das teorias de transferência e identificação projectivas encara-se o material que flui como vínculo entre paciente e analista, que interpreto ao modo descrito em ataques ao vínculo”. E chama atenção “(...) Ocorre-me aí o paciente realizando o descrito como ‘sonhar’ os eventos imediatos da análise – ou seja, transpor impressões sensíveis para elementos alfa. A ideia elucidada às vezes, mas só é dinâmica se a relaciono à função alfa deficiente, isto é, se me ocorre testemunhar dificuldade para sonhar por falta de elementos-alfa e incapacidade para adormecer ou acordar, para estar consciente ou inconsciente” (Bion, 1962/1991a, p. 43).

Segundo Bion, as funções de consciência e de inconsciência estão directamente relacionadas com a composição e permeabilidade da barreira-de-contacto, no inter e intra jogo relacional entre analista e analisando.

A instabilidade da barreira-de-contacto e deficiência da função alfa será responsável pela produção de estados confusionais oniróides, a qual Bion refere que em clínica é indistinguível da tela de elementos beta - Tela Beta e exemplifica em quatro classes – “(...) 1 Fluxo de frases e imagens desordenados que o paciente se adormecido, por certo acredita evidenciem estar sonhando; 2 efusão semelhante, expressa entanto de modo a sugerir que o paciente simula sonhar; 3 palavreado confuso, como evidente de alucinação; 4 semelhante a 2, embora sugestivo de alucinação de sonho, não me acontece supor que paciente sonha estar alucinando.” (Bion, 1962/1991a, p. 44).

Consequentemente, Bion refere que a formação dos quatro estados está directamente relacionada com o temor que o paciente apresenta na tomada de consciência de viver com o analista a experiência emocional de um superego assassino.

As interpretações do analista são vivenciadas como acusadoras ou laudatórias, uma vez que o paciente sem poder de representação mental e poder de abstracção, é impellido apenas a viver a sua experiência emocional de concretude, povoada por objectos inanimados. Bion refere “(...) Pela tela beta o paciente psicótico, no seu modo de estar sendo, é compelido a estabelecer com o analista uma relação outra, não analítica, suas associações concretistas constam de elementos da tela beta que o impelem a uma relação emocional que não a da abstracção do método psicanalítico, donde a compulsão a permanecer ali” (Bion, 1962 /1991a, p.46).

Bion chama atenção aos analistas para a investigação dos factores que levam estes pacientes psicóticos a não compreenderem o seu estado mental, referindo que a utilização das teorias da contra-transferência torna-se insuficiente nestes casos. E acentua que a linguagem utilizada por esses pacientes não é a articulada, ou seja as palavras são coisas, o uso da linguagem serve apenas para “(...) livrar a psique dos acréscimos de estímulos” (Bion, 1962 /1991a, p.46).

Bion convida o analista a utilizar o método científico voltado para a investigação do inanimado: “(...) As observações do analista, por motivos ligados à natureza da evolução da posição esquizoparanoide para a depressiva e vicissitudes, dão à situação analítica um elemento que faz seu desenvolvimento parecer transição de uma série de partículas isoladas ou elementos para a síntese deles. Um evolui para outro, ao fixar a imagem inanimada que ilustra a perspectiva alternante”. E prossegue: “Isto decorre da não consolidação da função alfa pela acção do ódio e inveja, donde a ausência de barreira-de-contacto, de pensamentos oníricos e de elementos-alfa diferentes dos elementos beta que aí se congregam, formando-se a tela beta”. E enfatiza: “A não consolidação da função-alfa significa deficiência da barreira-de-contacto e presença de objectos com características que atribuo a objectos bizarros” (Bion, 1962 /1991a, p. 47).

Gostaria de chamar atenção para este aspecto central na teoria de Bion: ele nos fala da importância da observação dos factores psicológicos que podem levar um bebé a desorganizar-se perante uma mãe incapaz de pensar as vivências que se estabelecem entre ela e o seu bebé. Neste contexto, desenvolvo no capítulo quarto, e de acordo com as descobertas recentes das competências do bebé, que desde os primeiros dias do seu

nascimento, está equipado com funções neuro-psicológicas que favorecem o desenvolvimento do vínculo com os seus pais, nomeadamente as suas capacidades em reconhecer e preferir as experiências humanas. Por outro lado, observamos no bebé o seu gradual desenvolvimento de estados de consciência (Brazelton et al., 2000, 2001, 2002) para distinguir os estados de sono e de alerta do bebé, estados estes propícios à vinculação, desde que os pais com capacidade para pensar respeitem os ritmos de interacção emocional do seu bebé. Tais factos fazem-nos reflectir, tal como é referido por Bion, acerca da importância da capacidade de pensar, mas neste caso alargado aos progenitores, que parecem favorecer ao bebé a constituição de uma barreira-de-contacto, como forma do bebé vir a elaborar gradualmente as suas experiências psíquicas na sua relação com os pais, de acordo com o desenvolvimento dos seus estados de consciência.

Bion chama ainda atenção para a observação da diferenciação entre barreira-de-contacto (função) e ego (estrutura) e que a formação deficiente de uma ou de outra pode agravar a produção de estados confusionais, a produção de objectos bizarros, esta se caracterizando pela composição de elementos beta mais traços de ego e superego. E refere: “cl clinicamente, o objecto bizarro impregnado de características do superego muito se aproxima de fornecer a realização que corresponde ao conceito de elemento-beta. O conceito entanto inclui apenas impressões sensíveis, tal fosse a impressão sensível parte da personalidade que a experimenta e esta coisa-em-si a que a impressão sensível corresponde.” (Bion, 1962 /1991a, p.48).

Numa perspectiva topográfica, estrutural e dinâmica, Bion chama a atenção para a necessidade de, durante o tratamento analítico, o analista estar atento a diferenciar a estrutura psíquica que se associa à função-alfa, ou seja, a diferenciar ego, consciência e função-alfa, o que possibilita que clinicamente se manifeste a barreira-de-contacto como algo semelhante aos sonhos. E refere: “A função-alfa uma incógnita, para corresponder à realização que transita de desconhecido para conhecido, cumpre à designação de tais objectos deixar claro se o objecto se observa em seu carácter de função ou estrutura ou abstracção” (Bion, 1962 /1991a, p.49).

2.8.A Tolerância à Frustração

Bion desenvolve o embrião daquilo que mais tarde irá constituir-se como a “Teoria do pensar”, propondo uma revisão e uma inevitável ruptura epistemológica com os modelos mais clássicos da psicanálise.

Através da reflexão do trabalho de Freud, acerca do texto “Dois princípios do funcionamento mental”, Bion enfatiza que a origem do pensar e compreensão dos processos de pensamento está intimamente ligada à tolerância à frustração, de natureza física ou psíquica.

E citando Freud refere “restringir a descarga motora (da acção) torna-se agora, necessário e surge graças ao processo de pensamento que se desenvolve da ideação”. E continua: “O pensar, por certo inconsciente na origem, passa aí da simples ideação às relações com as impressões dos objectos e só alcança novos atributos perceptíveis à consciência, através de conexão com vestígios de lembranças das palavras” (Bion, 1962/1991a, p. 51).

Vemos aqui mais uma vez a importância da significação emocional que os pais devem dar aos comportamentos do bebé, suas gesticulações, as suas primeiras lalações, imbuídas de significado emocional e de um apreender com a experiência, serão os primórdios daquilo a que mais tarde se chamará o pensamento verbal.

E Bion chama atenção que implicitamente o enunciado de Freud nos remete para a reflexão de quais são os factores que viabilizam o desenvolvimento do pensamento como forma de substituir a acção motora por palavras. Neste contexto, a natureza da tolerância a frustração está ligada à coexistência dos dois princípios do funcionamento mental, preenchendo-se assim o hiato entre a compulsão à descarga motora e o surgir do pensamento como forma de lidar com a intolerância à frustração, quer os factores sejam de ordem física ou psíquica.

Bion exemplifica que quando a intolerância à frustração é excessiva importa investigar se os factores ligados à personalidade são da ordem primária ou secundária e qual a relação dinâmica entre eles.

E refere “Pela evidência clínica da necessidade do bebê de apoio material e psicológica é provável não faça diferença entre material e psicológico. Na análise todavia deduz-se a deficiência de natureza física ou psíquica. Não importa quão precoce a deficiência nem a que se deve, ela é real e requer solução concreta, isto é, uma que remova o mal . O que importa ao psicanalista situa-se entre comportamentos destinados a fugir à frustração e os que a modificam. Esta decisão importa”. (Bion, 1962/1991a, p. 52).

2.9. Da Identificação Projectiva Mútua

O conceito de identificação projectiva, descrito por Melanie Klein, foi amplamente explorado por Bion como forma de observação e compreensão do funcionamento mental. Em termos gerais, a identificação projectiva seria o modo primitivo de pensar: através da fantasia onnipotente, o bebê expeliria para dentro da mãe sentimentos que a ela atribui e acredita que a mãe é que os tem. E Bion exemplifica: “Suponhamos agora que, na realidade, o seio propõe ao bebê leite e sensações de segurança, calor, bem-estar, amor. Ainda, que o bebê precisa – deliberadamente evito dizer ‘deseja’ – apossar-se de leite e sensações correlatas cumpre distinguir leite e amor por classificação apropriada ou acentuar, se nos convém, os aspectos que se afiguram similares. Dizemos aí, que o leite é substância material ligada à alimentação e, presumivelmente, o aparelho digestivo o elabora. Por outro lado, consideramos imaterial o amor, embora equiparável ao leite para o bem-estar do bebê”. (Bion, 1962 /1991a, p.56)

E prossegue: “A razão única para limitar nosso aparelho classificador de uma disciplina é o desejo de simplicidade. Se buscamos conceitos filosóficos, religiosos, endocrinologias ou os de neurofisiologistas sujeitos estão à objecção idêntica, ou seja, descrevem estados mentais que nos são familiares e deles requeremos descrevam fenómenos ou realidades que supomos equivalentes a uns não familiares, que

acreditamos observar correctamente e correctamente atribuídos ao bebé”. E continua: “Dois adultos, com a palavra ‘amor’, indicam coisas diferentes, conquanto com a palavra eu descreva parte do que acredito seja a experiência do bebé (incluo aí a falta de amor). Claro portanto, eis duas grandes causas de erro; o hiato semântico a transpor entre adultos que examinam o assunto e a justeza científica de atribuir à experiência infantil modificada, embora reconhecidamente similar” (Bio, 1962 /1991a, p.56).

Neste contexto, Bion focaliza na relação da díade a génese para o desenvolvimento da capacidade para pensar, atribui à mãe o papel de catalisador e diferenciador das experiências emocionais vividas pelo bebé, promovendo simultaneamente a capacidade de tolerância à frustração quando as necessidades físicas ou psicológicas do bebé não forem satisfeitas.

E refere “Como analista que cuida de paciente adulto, estou cômico de algo que o paciente não está. De igual modo, a mãe percebe, antes que o bebé se dê conta, o estado mental dele, como por exemplo, quando sem propriamente estar ciente disso, revela sinais de precisar alimento. Em tal situação imaginária, seio necessitado é sentimento e sentimento de seio mau; seio que o bebé precisa não o sente como seio bom, mas sim, urge-lhe evacuar seio mau”. E prossegue “seio mau, ‘mamar’ afigura-lhe indistinguível de evacuar seio mau. Bom e mau seios apresentam idêntico grau de concretude e realidade do leite. Logo ou a seguir, vivência o seio ‘necessitado’ como ideia de seio ausente” e não seio mau presente . Vemos que seio mau, isto é, necessitado porém ausente, mais talvez se conhece como ideia que seio bom vincula -se ao que para o filósofo é coisa-em-si, ou coisa de realidade, na acepção que seio bom depende exista leite mamado pelo bebé. O seio bom associado a leite que sacia a fome e o mau, a não existir leite têm uma diferença de atributo psíquico” (Bion, 1962 /1991a, p. 58).

Tal como referido por Bion, o conceito de consciência de Freud é fundamental para a distinção e existência de um aparelho que tenha a função de perceber os atributos psíquicos. Esta função é desempenhada pela mãe com capacidade de reverie, sendo inseparáveis e de vital importância os conteúdos expressos por esta na relação com o bebé.

Tal análise irá permitir, em termos analíticos, a investigação da qualidade do uso da identificação projectiva, nomeadamente o recurso à fantasia onnipotente, fuga à realidade e fundamentalmente à análise dos sentimentos intoleráveis. E Bion exemplifica: “O atributo psíquico impregna os meios de comunicação, os vínculos com o bebé. O que acontece, depende da natureza dos atributos psíquicos maternos e o impacto deles sobre os do bebé pois a acção de um sobre o outro é uma experiência emocional, do ponto de vista do desenvolvimento da parilha e dos indivíduos que a compõem, para a transformação pela função-alfa. O termo reverie aplica-se a todos os conteúdos. Reservo-o, entanto, apenas aquele que se infunde de amor ou ódio. Neste sentido estrito a reverie é estado mental aberto a receber quaisquer ‘objectos’ do objecto amado e, portanto, acolher as identificações projectivas do bebé, se boas ou más. Em suma, a reverie é factor de função-alfa da mãe”. (Bion, 1962/1991a, p. 60).

Daí ser lógico que Bion sublinhe que para o desenvolvimento de um aparelho para pensar os pensamentos, a função-alfa da mãe e sua capacidade de reverie sejam factores e funções inseparáveis.

Realça ainda que o bebé poderá ter ou não uma predisposição inata para tolerar a frustração, sendo esta capacidade decisiva para colmatar, caso ocorra as falhas das funções mentais da mãe. “(...) O bebé dotado de boa capacidade de tolerância à frustração subsiste ao transe de mãe incapaz para a reverie e incapaz portanto de lhe suprir as necessidades mentais. No outro extremo, o bebé nitidamente incapaz de tolerar a frustração não sobrevive, sem colapso, mesmo à experiência de identificação projectiva com mãe capaz de reverie; nada menos que um seio incessante a amamentá-lo lhe serve, inexequível aliás por falta de apetite, se não por outra razão”. (Bion, 1962/1991a, pp. 60-61).

Bion preocupa-se com a definição dos conceitos de forma a estes funcionarem como instrumentos válidos na investigação da relação analítica. Podemos encará-los como forma de melhor compreender o que se passa na relação do bebé com os seus pais. E como o conceito de função alfa pode ser alargado a função paterna ou a outra figura significativamente importante para o bebé, afim de ajudá-lo na tarefa do seu crescimento mental.

Digo isto uma vez que o próprio Bion encara a função-alfa na sua condição de incógnita transformacional, e aos factores (variáveis) delega a sua condição de factos constantes que, uma vez observados, irão determinar a significação da função-alfa. E exemplifica-o na figura do analista: “ (...) Se o analista preservar um sentido de base concreta, a que o enunciado se refere, vantagens se observam no exercício de precisão e rigor de pensamento que o esforço de fixar a experiência clínica concreta requer, a modo que se expresse por semelhante notação abstracta. O analista a seguir, pela inspecção das configurações, vê que teoria utiliza e quais abandona”. E prossegue: “ No caso, a formulação reflecte mudança de factores. Na semana seguinte, não mais a função -alfa é de importância capital e factores outros e outras funções lhe tomam o lugar. O princípio que aplica a Teoria de funções permanece o mesmo, qualquer seja a função e quaisquer os factores de que são função”. (Bion, 1962/1991a, p. 65).

2.10. A Perspectiva Transformacional na Mente do Bebê

O modelo teórico-clínico proposto por Bion (1962/1988, 1962/1991a, 1963/1991b) facilita o trabalho da observação do bebê, impulsionando o observador a uma análise da formação do pensamento como uma capacidade negativa, ou seja, uma função de auto-conhecimento, auto-amor e auto-ódio, ligadas as verdadeiras representações mentais e conseqüente poder de abstracção. A linguagem utilizada por Bion reenvia o observador a uma nova mentalização espácio-temporal e afectiva na narrativa apresentada pelos pais na sua relação com o bebê, convida à utilização de um modelo originário, nomeadamente ao uso dos processos conscientes e inconscientes numa perspectiva transformacional, em que o papel da cesura e da resistência são factores e funções que devem ser investigadas com o objectivo de analisar a expansão do crescimento mental da tríade.

Nesta perspectiva transformacional, o que existe de singular e diferente no ser humano é a sua capacidade de amar e de pensar e de estabelecer com o outro uma

comunicação emocional porque digna de transformação, pois a loucura não é uma ilusão, mas seria um profundo desamparo acreditar que não poderíamos encontrar noutra lugar, noutra tempo, noutra relação, a esperança de um amor compreendido esta é a atitude do terapeuta quando se oferece como objecto capaz de pensar as angústias dos pais e do bebé. Sendo o terapeuta o catalizador das experiências emocionais que não foram compreendidas ou nomeadas na relação da tríade.

É com esta atitude de compreensão, paciência e de interpretação transmutativa dos conteúdos que emergem na relação com o bebé e os seus pais, que o terapeuta terá que ter fundamentalmente a atitude de investigar as relações patogénicas, e perceber como os pais viveram determinadas experiências (no passado e como elas podem influenciar na sua relação real com o bebé). Uma mãe com graves problemas de relação com o objecto materno revela um profundo sentimento de desistência face ao outro (face ao bebé) e a fragilidade do seu self infantil fará com que projecte esta experiência do passado na sua relação com o bebé.

O terapeuta terá que se interrogar com o seu próprio instrumento de trabalho, seus afectos, sua personalidade, frutos de suas relações reais, vividas na aprendizagem com o outro, experiências que nos vão permitindo descobrir mas também sendo descobertos.

Esta função epistemológica, asas da liberdade do Homem – que pensa, que ama e que sonha – funda a nossa condição de humanos. Desde o nascimento, o bebé humano encontra-se vocacionado para fazer equipe com um outro, que lhe mostre este jogo que é a vida: Com ausências e presenças da mãe, o bebé entra num jogo ritmado, associando a sua experiência de satisfação ao seu sentimento de prazer, de bem-estar. Esta mãe, com capacidade para pensar, vai intuindo, de forma consciente e inconsciente, as necessidades psíquicas e materiais do seu bebé.

O bebé, sendo e estando com um outro, vai descobrindo que a capacidade de amar é uma condição do ser humano, que funda o sentido da vida. E que a criação de um vínculo com a mãe, primeira experiência que o bebé tem com o humano, com o sentido da vida e com a capacidade de aprender com a experiência, é o sentido de se saber quem se é para um outro, com o outro e para outros. Criando assim um sentido de

identidade primária, criação de um tempo consciente e inconsciente, alicerçado na experiência emocional partilhada que funda o sonho, o pensar a vida e o amor.

Interrogo-me, como Freud (1914/1969e, 1923/1969g, 1927/1969j), sobre a nossa condição de desamparo, este nosso instinto de sobrevivência, de auto-preservação. A pulsão de morte, mais do que a busca do objecto para a nossa sobrevivência, é fundamentalmente o desejo do amor, da relação de conhecimento com objecto, condição essa que funda a pulsão de vida, nascimento de um ser humano porque amado e desejado por um outro.

Bion refere: “significado é uma função de auto-amor, auto-ódio e auto-conhecimento é algo necessário psicologicamente, não logicamente (...) Se o amor narcísico é insatisfeito, o desenvolvimento do amor fica perturbado e não pode estender-se ao amor por objectos. O auto-amor perturbado é acompanhado por intolerância em relação a significação ou à sua falta.”(cit. por Zimerman,1995).

Deste modo, desenvolvo no capítulo seguinte, através de uma metodologia diferente, como Ester Bick através da observação de bebés dá ênfase à função continente da mãe, função de significação emocional e como esta experiência é fundamental para a constituição, no bebé, de um aparelho para pensar os pensamentos.

CAPÍTULO 3

ESTER BICK – O MÉTODO DE OBSERVAÇÃO DE BEBÉS

3.1. A Tese de Bick – O Conceito de Pele-Psíquica

Esther Bick (1901-1983) nasceu na Polónia, realizou a sua formação terapêutica na Inglaterra, onde começou a sua formação como psicanalista, vindo a ser membro didático da Associação Britânica de Psicanálise e da Associação Psicanalítica Internacional.

Foi John Bowlby que, em 1948, solicitou a Esther Bick a organização da formação dos psicoterapeutas infantis na clínica Tavistock, ao que Bick respondeu com o método de observação de bebés ao domicílio como base estruturante da formação dos terapeutas.

Para Bick (1962, 1969 cit. por Sipillius, 1991, pp.194-198), a mãe prestadora de cuidados tem um papel importante na organização psíquica do bebé, esta primeira pele-psíquica materna surgindo como um funcionamento que procura organizar os conteúdos internos do bebé, separando-se do exterior. A organização desta primeira pele surge através da capacidade contentora da mãe, que passa também pela forma como segura, fala e toca o seu bebé.

A tese de Bick (1962) supõe que, nas fases mais precoces do desenvolvimento, as partes da personalidade são percebidas como se não existisse qualquer elo entre elas, devendo por isso ser sustentadas de um modo experimentado passivamente pela pele, que funciona como limite. Porém, esta função interna de contenção das partes do self

está inicialmente dependente da introjecção de um objecto externo percebido como capaz de desempenhar esta função (capacidade de reverie e de pensar da mãe, tal como foi descrito por Bion). Posteriormente, a identificação com esta função do objecto permite ultrapassar o estado de desintegração e dá lugar à fantasia de espaços interno e externo e só então são possíveis as operações primitivas de clivagem e de idealização do self e do objecto, no sentido kleiniano. Só quando as funções contentoras tiverem sido introjectadas, o conceito de espaço adquire significado. Na ausência da introjecção, da construção de um objecto num espaço interno, registar-se-ão perturbações na função da identificação projectiva e seguirá todo o tipo de perturbação da identidade. O estágio de clivagem e de idealização do self e do objecto assentam neste processo inicial de contenção do self e do objecto nas suas respectivas “peles”. As perturbações, nesta fase de desenvolvimento, são acompanhadas pela ausência de integração das partes do self, vivida passivamente com total desamparo, bem como pela desintegração através de processos de clivagem utilizados para operações defensivas ao serviço do desenvolvimento. Do ponto de vista económico, depara-se com situações que conduzem a ansiedades de tipo catastrófico nos estádios desintegrados do self, de intensidades muito superiores às do tipo persecutório e do depressivo.

E. Bick (1969, cit. por Spillius, 1991) descreveu reacções muito violentas de intolerância à separação em crianças que não interiorizaram a função de contentor do aparelho psíquico da mãe. Esta falha, devida tanto a causas externas (insuficiência de holding de Winnicott) como a causas internas (intolerância a frustração de Bion), deixa sequelas na integração do self, que se traduzem por uma fraqueza dos laços integrativos a nível somático e numa fragilidade da experiência da realidade psíquica (tal como foi descrito por Anzieu). As separações provocam nestes indivíduos, crianças ou adultos angústias de tipo catastrófico, ligadas à não integração das diferentes partes do self e acompanhadas de impressões de fragmentação de liquefacção ou de queda sem fim, assim como de perturbações peculiares ao nível do pensamento e da postura, motricidade e função vegetativa. F. Tustin encontrou entre os autistas fenómenos semelhantes aos descritos por Bick. Tustin sublinha a existência entre essas crianças de um processo diferente da projecção e da introjecção através do qual elas mantêm a

ilusão da “unidade primária” com o corpo da mãe. A ruptura desse laço primitivo lança-os num processo de depressão psicótica, que faz lembrar o buraco negro escrito por D. Meltzer (cit. por Begoin & Begoin-Guignard, 1985).

3.2. A Experiência Analítica:

Os Casos Clínicos, a Ausência da Pele-Psíquica Da Mãe

“No início de uma Psicanálise de uma criança de cinco anos de idade (Jill), cujo o período de alimentação havia sido caracterizado por anorexia, os problemas da pele-contentora apresentavam-se espontaneamente quando nas suas primeiras férias da psicanálise pedia constantemente à mãe que as suas roupas fossem firmemente engomadas e os seus sapatos apertados. O material dessas últimas sessões mostrava quão intensa era a sua ansiedade e a necessidade de se diferenciar dos brinquedos e das bonecas a propósito das quais dizia: ‘Os brinquedos não são como eu, eles partem-se em pedaços e não melhoram. Eles não têm a pele! Nós temos pele!’ ”(Bick, 1969, cit. por Spillius, 1991).

Com a descrição deste caso e de outros, E. Bick pretendeu ilustrar o impacto resultante da perturbação da função primária da pele do bebé e da dos seus objectos primários, função essa relacionada com a coesão dos laços entre as partes mais primitivas da personalidade, inicialmente indiferenciadas das partes do corpo.

A necessidade de um objecto contentor na infância precoce poderia produzir uma busca frenética de um objecto – uma luz, uma voz, um cheiro, ou qualquer outro objecto sensual – que pudesse prender a atenção e assim ser vivenciado, mesmo que momentaneamente como sustentáculo que mantivesse coesas partes da personalidade.

Com a apresentação de casos clínicos, como o de Jill, Bick pretendeu demonstrar que esse objecto contentor é vivido concretamente como uma pele. Perturbações no desenvolvimento desta função primária da pele podem ser comprometidas como resultantes da inadequação do objecto real ou do ataque de

fantasias que impossibilitam a introjecção; essas perturbações podem conduzir ao desenvolvimento de uma “segunda-pele”, formação através da qual a dependência objectal é substituída pela pseudo-independência, pelo uso inapropriado de certas funções mentais, ou talvez de talentos inatos, com o objectivo de criar substituto para essa função contentora da pele.

Kogan (1988, pp.252-260) emprega o termo segunda-pele para descrever a situação psicanalítica em que é possível reconstruir o self funcionando como ambiente facilitador e o analista como contentor adequado de emoções – uma segunda-pele que mantém coesos os diferentes aspectos da personalidade e que conduz eventualmente a um self mais maduro e melhor integrado.

“Kay, uma mulher de 24 anos de idade, casada há 7 anos e mãe de duas filhas (de 5 e 2 anos), foi referida ao psicanalista (Kogan,1988) por um amigo que temia a concretização de ameaças de suicídio. O aspecto mais relevante em Kay era a sua aparência: parecia uma jovem adolescente, pequena, magra, subdesenvolvida, com o rosto coberto de acne. (...) Na primeira fase de terapia, Kay emprega meios de comunicação não verbal, exprimindo-se especialmente através de sensações corporais e acções simbolizadas. Por exemplo, o desejo de cair de lugares elevados ‘era’ a concretização do seu sentimento de ‘estar desperta’ (falling apart) emocionalmente, que ainda não podia ser verbalizado. Como reacção ao seu desejo auto-destrutivo, ela exhibe um interesse crescente pelos seus sentimentos corporais, a sua forma física, a forma dos seus músculos, o peso, etc. Na transferência, Kay confunde-se muitas vezes a respeito dos seus sentimentos, não sabendo se esses lhe pertencem ou se são meus, num processo pulsional em que a diferenciação não é inteiramente possível. (...) Nas sessões queixa-se da sua necessidade de urinar frequentemente, e corre à casa de banho sempre que se sente demasiado zangada ou excitada.

Quando isto acontece, Kay carece da minha representação como forte musculatura externa capaz de manter as emoções que emergem dela, sem zanga ou retaliação.

Kay exterioriza o seu contentor defeituoso através da sua má pele. No início da análise, o rosto assemelha-se a uma chaga viva. Kay odeia o seu rosto e evita olhar-se ao espelho.

Fazemos a conexão entre as borbulhas do seu rosto, visíveis para toda a gente e as feridas no local secreto do seu corpo, a vagina, resultantes da herpes que contraiu quando era jovem (...)

Na análise eu funciono como um espelho aceitante e benigno que lhe dá a oportunidade de externalizar uma imagem do self menos deficitária.

(...) Apercebo-me que ela me pede para que eu reúna as partes dispersas da sua personalidade desintegradas e que as ligue entre si por uma força vital". (Kogan, 1988, pp.251-254).

O caso de Kay ilustra a introjecção de dois objectos inadequados: um pai traumatizado, que na sua busca frenética de um objecto que possa ser vivenciado como algo que reúne as partes dispersas da sua própria personalidade, elege a criança contentora. Assim, em vez de cumprir o papel de pele interna protectora, esse pai tece uma membrana permeável entre ele e a criança, através da qual transmite tendências depressivas e agressivas que não podem ser contidas no próprio. Em casos específicos de trauma, como aqueles dos filhos de sobreviventes do Holocausto, as crianças podem ser exploradas como veículos para a transmissão do trauma, para o luto negado dos pais. A análise de Kay revelaria um self fragmentado na falta de um objecto contentor e a substituição da representação simbólica pelo seu próprio corpo (Kogan, 1988).

Esses pais, devido à sua defeituosa empatia em relação às necessidades das crianças, não preenchem adequadamente as suas funções enquanto barreiras de estímulos; fornecedores de afectos, ideias, de estímulos necessários, de gratificação aliviada de tensão, etc., que mais tarde o aparelho psíquico maduro deveria ser capaz de desempenhar (ou iniciar) predominantemente sozinho. As decepções traumáticas sofridas neste período de desenvolvimento inicial privam a criança da internalização gradual de experiências precoces em que seriam idealmente consoladas ou ajustadas ao adormecer. Estes indivíduos permanecem fixados em aspectos de objectos arcaicos que procuraram em drogas, por exemplo, que não servem como substitutos para o objecto

amado ou amoroso, ou para um relacionamento com eles, mas sim como substitutos para uma falha na estrutura psicológica (Kohut, 1988).

A ausência precoce de um objecto materno não respondível, no dizer de André Green (1988, pp. 247-281), não facilitará a unidade simbólica que abre o jogo para a fantasia e para a resignificação da vida da comunicação com o outro. O sujeito perde-se então na procura de sentidos infinitos, perde-se no buraco deixado pelo desinvestimento do objecto materno, este sendo preenchido por conteúdos confusionais, perdidos no espaço e no tempo psíquico.

André (1988) refere que a identificação ocorre com o vazio e não com o objecto. Pois este se constitui morto dentro do sujeito. Para manter o seu Eu vivo, o sujeito realiza um processo de identificação negativa: pelo ódio ao objecto, pela procura de um prazer excitante, pela busca do sentido com o objectivo de reanimar a mãe morta dentro de si. Entra-se, então, num ciclo de compulsão a repetição, o sujeito, se por um lado quer desfazer-se do objecto, identifica-se negativamente com ele contra a sua vontade. Green relaciona as graves consequências que podem ocorrer no destino libidinal objectal e narcisista de pacientes em que em crianças constituíram uma imago materna, distante, quase inanimada, objecto morto psiquicamente porque a relacional.

Este estado de vazio referido por estes pacientes, segundo Green, está associado “(...) a um desinvestimento massivo, radical e temporário, que deixa marcas no inconsciente sob a forma de ‘buracos psíquicos’, que serão preenchidos por reinvestimentos, expressões da destrutividade assim liberada por este enfraquecimento do investimento libidinal erótico. As manifestações do ódio e os processos de reparação que a elas se seguem, são manifestações secundárias deste desinvestimento central do objecto primário, materno. Compreende-se que esta visão modifica inclusive a técnica analítica, pois limitar-se a interpretar o ódio nas estruturas que tem traços depressivos significaria nunca abordar o núcleo primário desta constelação. (...) É assim que se deve dar conta da solidariedade que liga a perda metafórica do seio, a mutação simbólica das relações entre prazer e realidade erigidas *apre coup* como princípios – a proibição do incesto e a dupla figuração das imagens da mãe e do pai, potencialmente reunidos na fantasia de uma cena primária hipotética e concebida fora do sujeito, e onde o sujeito se

ausenta e se constitui na ausência da representação afectiva que da nascimento à fantasia produção da loucura do sujeito” (Green, 1988, pp. 252-253).

Para Green (1988) “(...) A transformação na vida psíquica, no momento do luto súbito da mãe que desinveste brutalmente no filho, é vivida por ele como uma catástrofe. Por um lado, porque sem nenhum aviso prévio, o amor foi repentinamente perdido. O trauma narcisista que esta mudança representa não precisa ser longamente demonstrado. É preciso, no entanto, sublinhar que ele constitui uma desilusão antecipada e que provoca, além da perda de amor uma perda de sentido, pois o bebé não dispõe de nenhuma explicação para dar conta do que aconteceu. É claro que, considerando-se como centro do universo materno, ele interpreta esta decepção como a consequência das suas pulsões para com o objecto. Isto será grave sobretudo se o complexo da mãe morta sobrevém no momento em que a criança descobriu a existência do terceiro, o pai e que o novo investimento será interpretado por ele como a causa do desinvestimento materno. De qualquer forma, há nestes casos triangulação precoce e defeituosa” (p. 257).

Brette e Roussillon (1987) discutem a relação entre carência fantasmática e o fenómeno segunda-pele. Os fantasmas originais são as estruturas fantasmáticas típicas – vida intra-uterina, cena primitiva, castração, sedução – que a psicanálise considera como organizadoras da vida fantasmática, quaisquer que sejam as experiências pessoais, pois são universais.

Brette e Roussillon (1987) descrevem o confronto com um tipo de sintomatologia presente nas instituições psiquiátricas: segundo eles, alguns pacientes confrontam-se com organizações psíquicas em que a oposição fantasma/acção parece ter sido esfumada, parecendo-lhes viável recorrer à terapia analítica clássica sempre que a sua patologia e a qualidade do seu funcionamento mental o permitam.

A sintomatologia mais preocupante manifesta-se por condutas aditivas e auto-mutiladoras espectaculares que podem fazer perigar a auto-conservação. Acompanha-se de uma afirmação de independência forçada, uma irritabilidade geral no contacto, ligada a uma sensibilidade à flor da pele que se traduz no corpo por uma tensão muscular permanente. O discurso acontece sob um registo factual, sendo pobre; a capacidade

associativa é diminuta; e revela uma alteração funcional do pré-consciente. A hiperactividade desses pacientes, geralmente mulheres, surge como uma luta desesperada contra a destrutividade e, em simultâneo, como última defesa contra o desinvestimento objectal de que sofrem. Estes pacientes dificilmente emitem um pedido de ajuda – esta atitude corresponde ao reviver das experiências infantis, pela ausência de respostas materiais e pela desqualificação das suas necessidades, que negam constantemente. É sobretudo quando se encontram a sós com um terapeuta que a organização fantasmática defeituosa se revela: dizem o quanto lhes é insuportável pensar, e que para o evitar, engajam em actividades quase compulsivas que evocam a «psicose da dona de casa». Este comportamento tem uma função contra-fóbica em relação à angústia suscitada com a ideia de não ter nada para fazer; se este comportamento representa uma forma reactiva sólida face a uma destrutividade intensa, permite, por outro lado, reencontrar o objecto do tempo de aprendizagem anal e as suas exigências. São assim protegidas da ausência avassaladora do sentimento de vazio e do desamparo que a inactividade as faz experimentar. Bebem sem discriminar a quantidade nem qualidade aquilo que encontram à mão, tendo por único objectivo encher o vazio aterrador. Engajam em actividades que outros classificam de suicidas e eles (pacientes) argumentam que, malgrado a gravidade objectiva do acto, não tentaram matar-se; o que lhes importa é cair num sono profundo sem lugar ao adormecer propício a um sonho demasiado angustiante.

Brette e Roussilon (1987) ajuizaram que esta falha nos processos psíquicos estará estritamente relacionada com a constituição da matriz do fantasma original, comprometendo-se um anaclitismo deficiente e uma para-excitação defeituosa. Se os fantasmas originais não foram suficientemente alimentados, não lhes é possível estruturarem-se e desempenhar a sua função organizadora. Os primeiros contactos mãe-bebé parecem ter sido irritantes, dolorosos e assustadores; os primeiros olhares demasiado ausentes; o banho das palavras original parcimonioso. Nestas condições, as condutas auto-eróticas desses modos de interacção foram insatisfatórias e insuficientemente estimulantes, não tendo sido adquirido o valor funcional do aparelho psíquico. As actividades são de pura descarga. Não existe capacidade para reter a

excitação, que é imperativamente expulsa no agir atingindo por vezes o esgotamento. Esta incapacidade de conter a excitação e de adiar a descarga assinala uma falha na estruturação anal retentiva, o que diminui as possibilidades de investimento e de contra-investimento. Em reacção à falta de comportamento libidinal materno, estes pacientes parecem ter desenvolvido, desde que adquiriram uma certa autonomia muscular, uma independência forçada e também valorizada pela mãe como capacidade de se desenvencilharem sós sem recorrer à ajuda de ninguém. Nesta conjuntura, a motricidade, a acção que muitas vezes se assenta à defesa maníaca, foi super-investida em detrimento da actividade fantasmática, subalimentada e impedida. Em lugar de uma verdadeira pele contentora, constitui-se uma segunda pele no sentido descrito por Bick.

O lugar do fantasma original continua vago e os pacientes são confrontados com o vazio representante da ausência de representação mental, vivenciado como uma profunda ferida narcísica. A angústia assim mobilizada não pode ser combatida senão pela urgência do adormecimento na mesma hiperactividade que maneja e, ao mesmo tempo, evacua a excitação insustentável. Em vez e no lugar da organização de um verdadeiro contra-investimento, os pacientes mobilizam às contra-cargas, um écran de elementos Beta (Bion). Esta patologia do comportamento, que atenta contra o corpo, evoca o masoquismo; paradoxalmente, mesmo que ameaçando por vezes a auto-conservação, apresenta-se como «guardião da vida» psíquica. (Brette & Roussillon, 1987).

Com a constituição das contra-cargas, forma-se o verdadeiro écran sobre o qual poderá assentar uma representação da mãe. A ideia é ilustrada por Baunschweig e Fain, com o modelo apresentado no Édipo-Rei: quando Édipo crava os olhos, evita uma desorganização traumática; a excitação dolorosa produzida torna Édipo capaz de formar hiperactividade ou as condutas auto-destrutivas dos seus pacientes têm a mesma função: permitir a emergência de uma certa representação fantasmática (Brette & Roussillon, 1987).

No lugar de um écran de sonho (Lewin, 1947, cit. por Brette & Roussillon, 1987), forma-se uma «prótese» que, por um lado, salvaguarda uma certa actividade

psíquica e, por outro, mantém permanentemente uma vigilância relacionada com traumatismos para evitar que o Eu se deixe surpreender.

A aliança terapêutica é difícil de alcançar com estes pacientes que parecem «mortos vivos».

Eles experimentam fortes sentimentos de perda e reatualizam as faltas, cada vez que ocorre a mínima frustração. Toda a decepção é imediatamente sexualizada, falha de uma integração estruturante do fantasma de castração. O trabalho psicanalítico propriamente dito parece subordinado a uma fase de reconstrução de uma pele psíquica, fase essa em que predomina a interacção agida. O seu narcisismo exige uma requalificação e um reconhecimento das suas necessidades e das suas vivências, que não se pode efectuar senão com uma lenta aproximação em que é fundamental conservar firmeza. Constitui-se um ambiente facilitador (Winnicott), em que o analista empresta o seu aparelho de pensar (Bion) e de experimentar, permitindo assim um relance da actividade do pré-consciente; as hipóteses e as construções que propõe dão forma aos afectos até então não reconhecidos e a fantasmas até então exclusivos. Com a diminuição dos mecanismos de denegação, torna-se possível a emergência e a elaboração de uma depressão profunda, que era mascarada pela carapaça caracterial. O pré-consciente desenvolve então a função de para-excitação interna que relega os processos da segunda-pele – assim que a falha na representação fantasmática desaparece, os actos, muitas vezes perigosos, mas que paradoxalmente serviram à sobrevivência, são a partir daí inúteis (Brette & Roussillon, 1987).

D. Pines (1980) defende que, na análise da transferência e contra transferência de pacientes femininos que sofreram eczema no seu primeiro ano de vida, é possível perceber que, na origem dessa alteração dermatológica, se encontra uma relação precoce perturbada. A pele assume importância especial como forma de comunicação entre a mãe e o bebé, fornecendo um ambiente facilitador, sobre o qual se vão formar os processos de identificação primária do self. A autora ilustra esse ponto, citando um filme em que se pode observar o efeito apaziguador do contacto pele a pele entre a mãe e o recém-nascido logo após o nascimento, após ele ter emergido abruptamente do corpo materno para um mundo frio e não contentor.

O contacto pele a pele restabelece os sentimentos de intimidade da mãe ao bebé, como se estivessem novamente fundidos, tal como acontecia durante a gravidez quando a mãe continha ambos. A pele transforma-se num mediador para o contacto físico, para o conforto e amparo, e também para a transmissão do cheiro, do tacto, do gosto e do calor, sensações que se podem constituir numa fonte de prazer e de intimidade para mãe e filho.

É por esta análise de casos psicopatológicos que o método de observação de bebés ganha toda a sua importância, uma vez que nos ajuda a compreender a organização e estruturação dos factores biológicos e psicológicos que promovem o desenvolvimento psíquico do bebé e quais os factores que dificultam o seu normal desenvolvimento e, conseqüentemente, o surgimento da patologia.

3.3. O Método de Observação de Bebés

Ester Bick (1964) desenvolveu os seus modelos teóricos e fundamenta o método de observação de bebés na experiência emocional vivida no setting da observação, em três momentos distintos.

O primeiro é treinar a capacidade de observação de todos os conteúdos emergentes durante o período da observação, o que possibilita ao observador uma gama de factores psicológicos que estão directamente relacionados com os objectos significativos para o desenvolvimento psíquico do bebé. A metodologia da observação de bebés desenvolve-se através de uma visita semanal ao meio habitual do bebé. No mesmo dia da semana, durante cerca de uma hora de observação, é pedido ao observador que se mantenha numa posição de neutralidade, não interferindo nos acontecimentos naturais da família, durante o período de dois anos.

O segundo momento, que começa ainda no tempo da observação, é a possibilidade de reter os factos ocorridos, neste momento sendo possível vivenciar o impacto emocional das vivências observadas entre os participantes da observação.

O terceiro momento corresponde à possibilidade de os pensar, registando os acontecimentos, posteriormente sendo realizada a leitura e a discussão da observação durante o debate no grupo de seminário, com objectivos de formação terapêutica e de discussão teórico-clínica.

Bick (1964) parte das linhas organizadoras em termos psíquicos, que surgem da elaboração dos conteúdos dispersos da observação para fundamentar o valor terapêutico do método de observação de bebés. Esta análise permite que o observador possa evidenciar aspectos de diferente natureza nos vários participantes da observação. Assinala que, durante o período de aprendizagem do método, é necessário avaliar e analisar todos os momentos interactivos na relação com os pais e o bebé, desde o início da observação e refere: o contacto com as mães, as conversas telefónicas, a apresentação do assunto, o acerto dos dias e das horas das observações, devem ser analisados e reflectidos no grupo de seminário.

O método consiste em previamente se realizar com o casal que está para ter o bebé uma primeira entrevista, a fim de se obter informações valiosas sobre a futura disponibilidade dos pais para que o observador se introduza num lar e de achar um lugar na família, durante o período de dois anos.

A supervisão através dos seminários de observação traz ainda uma análise dos conteúdos latentes das manifestações dos diferentes protagonistas que estabelecem relação com o bebé, sendo possível observar a sua evolução psíquica durante o período do nascimento até aproximadamente aos dois anos de idade. O tempo de observação proposto por Bick estará directamente relacionado com o desenvolvimento de sua tese teórica, nomeadamente a função da pele-psíquica da mãe no desenvolvimento mental do bebé.

Um dos passos importantes na metodologia de observação de bebés passa pela escrita das sessões, o mais próximo possível da realidade observada. Este processo de transcrição para uma linguagem escrita promove uma elaboração dos dados da observação, com a consequente estruturação do pensamento por parte do observador. Temos aqui a possibilidade de o observador desenvolver aspectos clínicos fundamentais para o desenvolvimento de sua prática clínica.

3.4 Observar-Observando

Várias questões poderão ser analisadas com o objectivo de questionar a postura e a capacidade do observador quer durante a observação quer depois na transcrição dos factos.

Didier Houzel (1995, cit. por Lemos, 2000) questiona o facto de o observador poder estar liberto da sua subjectividade, uma vez que cada palavra da linguagem está envolvida naquilo a que ele chamou «halo de afectos».

Didier Houzel (1995, cit. por Lemos, 2000) refere que durante o processo de observação de bebés, estão em jogo processos de pensamentos inconscientes e o psiquismo está organizado numa dinâmica em que os fenómenos de transferência e de contra-transferência acontecem, e finalmente, o pensamento está organizado em instâncias que se podem pôr em analogia, com os três tempos deste método: tempo de observação; tempo de elaboração das notas escritas; e tempo da supervisão. Estes tempos têm semelhança com a tabela construída por Bion, com a função de atenção, função de anotação e função de investigação, o que, no meu entender, torna bastante rica a qualidade do material analisado durante as observações, bem como as múltiplas relações que podem estabelecer-se quando nos propomos analisar os factores psicológicos promotores do desenvolvimento do bebé.

A postura do observador caracteriza-se por uma escuta activa, que se organiza numa total disponibilidade e receptividade. Esta escuta baseia-se num grande respeito pelo outro, seguindo atentamente todos os movimentos e reelaborando internamente os conteúdos da realidade.

Didier Houzel (1995, cit. por Lemos, 2000) chama atenção para a existência de uma atenção inconsciente para a capacidade de reverie da mãe, aproxima este tipo de atenção inconsciente, das lembranças oníricas que Bion considerou que vem à memória, de um modo não premeditado e que no caso da observação de bebés podem ser fruto de um pensamento observante que se processa a um nível inconsciente.

Noutra perspectiva, Bick (1964) refere que as características metodológicas do método de observação de bebés são fundamentais, nomeadamente a prática de execução dos três momentos porque “Foi sentido como importante que o observador se sentisse suficientemente dentro da família para experimentar o impacto emocional, mas não se sentisse comprometido em agir os papéis que os outros depositam nela.” A discussão e supervisão do caso em contexto dos seminários permite ao observador tomar consciência dos processos internos e externos a que está sujeito.

Segundo Bick, a observação atenta de um bebé, com a sua estrutura familiar, levanta várias questões por parte do observador, o registo das observações e o seu trabalho em seminário permitindo descodificar e compreender a natureza dos conflitos internos seus e da família observada. Bick (1964) refere “ enquanto muito disto pode ser tratado na análise do estudante, o seminário pode pelo menos desvendar algumas projecções pessoais que estão a ocorrer e as quais intensificam os seus próprios conflitos internos”.

3.5. Contributos Teóricos e Clínicos do Método de Observação

As teorias mais actuais, de psicanalistas que introduziram na sua prática o método de observação de bebés, tendem, tal como todo o pensamento científico, à introdução de novos conceitos que ajudem na compreensão da dinâmica relacional que se estabelece com o bebé. O conceito de «Unidade Originária», desenvolvido pela primeira vez por Pérez-Sánchez & Abelló (1981, cit. por Lemos, 2000), foi fruto de uma constatação de várias observações realizadas pelos próprios e também fruto das inúmeras discussões realizadas durante os seminários de supervisão a observadores de bebés através do método de Ester Bick. Os autores constataram que durante a observação que pai, mãe e bebé complementam-se, formando um todo, tendo cada um a capacidade – quando se veste no seu papel – de levar o outro, momentaneamente desorientado, a encontrar o seu papel.

É nesta sequência que se pode mostrar a originalidade do método de observação de bebés, permite o questionamento e a descoberta de novos conceitos e novas análises das relações do bebé com os seus objectos cuidadores. A introdução do pensamento da unidade originária é um exemplo disto. Por outro lado, Bion, após Melanie Klein, parecia-nos ter dito tudo sobre o nascimento do pensamento, através da interiorização dos objectos e, sobretudo, através da função alfa e a capacidade de reverie, que está intimamente ligada com a relação mãe-bebé. Deste modo, ao se colocar a capacidade de pensar e o próprio pensamento sob a égide da relação pai-mãe-bebé, a análise da observação do bebé poderá ganhar outros contornos. Nomeadamente, com os conceitos propostos por Brazelton e colaboradores, que evidenciam as características psicológicas dos vários intervenientes que estabelecem uma relação emocional e intencional com o bebé. O que nos parece surpreendente é que o cerne da observação passa a ser o próprio bebé com as suas extraordinárias competências vinculativas, já observadas desde a altura do nascimento.

Green (1992, cit. por Lemos, 2000) refere que o mais importante que se constata através da observação de bebés não são os momentos ricos em emoções, mas sim a elaboração que surge após o impacto emocional.

E foi justamente este impacto emocional que sentimos em cada momento de análise do caso apresentado, quer durante os seminários, quer durante a elaboração deste trabalho de tese.

Na nossa opinião, a observação de bebés pode ser usada como modelo preventivo da saúde mental do bebé, em contexto quer privado quer institucional, em que o psicólogo se oferece na relação de ajuda terapêutica, em que se encontram mãe, pai, bebé ou outra figura significativa para o seu desenvolvimento psíquico.

Segundo Meltzer (1995, cit. por Lemos, 2000), é possível traçar elementos integradores da observação do bebé e da teoria psicanalítica de Bion.

Bion preconizou que, para estarmos disponíveis para um acto de descoberta, teremos que fazer um exercício activo de desprendimento da memória, do desejo e da compreensão – o que requer uma capacidade de observação dos elementos óbvios que se apresentam para ser examinados. Esta é sem dúvida a postura de um bebé.

Bion desenvolve as suas teorias dos distúrbios psico-somáticos baseados na relação entre o corpo e o psiquismo, ou seja, os estados emocionais que não são conceptualizados por outras funções – e tornados disponíveis simbolicamente pelo pensamento necessitam de ser evacuados de qualquer maneira. No próximo capítulo, iremos perceber como a interpretação dos pais aos estados de consciência do bebé é fundamental para ajudar o bebé ao longo do seu desenvolvimento psíquico a aprender a autoregular-se.

Através da análise clínica da observação de bebés, é possível levantar a hipótese que um bebé é já um pensador à procura de pensamentos para serem pensados, à procura de novas descobertas. A atenção visual sustida que se observa no bebé, ou seja, a sua grande capacidade de observação, leva-nos a constatar, e de acordo com os estudos actuais de interacção emocional intencional precoce (Brazelton et al., 2000, 2001, 2002), que o bebé parece seleccionar acontecimentos e que se liga aos acontecimentos que geram vida psíquica, de acordo com os seus estados de consciência e da adequação destes estados na sua relação com os objectos cuidadores.

A grande questão é a de saber quais serão os factores psíquicos que podem facilitar este aprender com a experiência emocional, de acordo com o gradual desenvolvimento das competências do bebé, desde o seu nascimento, nas suas relações de interacção emocional e intencional com os seus objectos cuidadores (Brazelton et al., 2000, 2001, 2002).

Bion fala-nos da imaturidade do aparelho psíquico do bebé, mas segundo estudos recentes, o feto, já no útero da mãe, possui a capacidade para sentir os estímulos vindos do mundo externo e estímulos originados pelas emoções e pensamentos da própria mãe (Sá, 2001).

Este estudo parece oferecer a oportunidade de antecipar o conhecimento dos processos mentais, fazendo-nos questionar acerca do período do tempo e da qualidade das intervenções psicoterapeutas com os pais e o bebé, durante o período da gravidez.

Esta abordagem reconstrutora da vida psíquica, que se poderia chamar, segundo Melzert (1995, cit. por Lemos, 2000), uma conjuntura imaginativa, centrar-se-ia, não em encontrar respostas, mas sim perguntas significativas.

Faz-nos pensar que o que caracteriza, por excelência, o método de observação científica utilizando como método a observação de bebés e como conjuntura teórica os conceitos e teorias psicanalíticas é poder ampliá-los recentemente aos conceitos utilizados por Brazelton e colaboradores.

De facto, não se trata de encontrar respostas ou constatações, trata-se de nos colocarmos no lugar do bebé e construir, juntamente com ele, as suas descobertas e indagações.

CAPÍTULO 4

O DESENVOLVIMENTO DA INTERACÇÃO EMOCIONAL INTENCIONAL DO BEBÉ COM OS PAIS – BRAZELTON E COLABORADORES

“Há uns anos, na White House Conference on Infant and Child Development, verificou-se um consenso sobre o facto de as primeiras vivências serem fundamentais para o desenvolvimento intelectual e emocional. Quando se chegou a esse consenso, o presidente fez uma pergunta essencial: quais os tipos de vivências mais importantes e em que medida é necessária cada uma delas? Ninguém foi capaz de responder. Os profissionais ligados ao desenvolvimento infantil nunca articularam claramente uma resposta. Os pais e as mães fazem a mesma pergunta. Querem saber especificamente o que é preciso fazer para criar os filhos de forma a que eles cresçam felizes, confiantes, criativos, inteligentes e emocionalmente saudáveis. Querem que os seus filhos se tornem adultos, capazes de apoiar também eles os seus próprios filhos e que sejam suficientemente reflectidos para preparar o futuro de um mundo diverso e complexo.” (Brazelton & Greenspan, 2002, pp. 12-13).

Este, no nosso entender, será o desafio da nossa geração, homens preocupados com o bem estar físico e psíquico dos seres humanos, os cuidados de saúde mental deverão ser alargados a fases de desenvolvimento do ser humano cada vez mais precoces com objectivos terapêuticos em que o foco de intervenção será a grandiosa a tarefa de aprender a crescer com o bebé.

Com este capítulo quarto, é nossa intenção demonstrar e chamar atenção, não de uma forma exaustiva, que os recentes estudos da observação das competências do bebé nos irão ajudar a dar respostas mais eficientes e mais adaptativas quando nos propomos

a ajudar os pais a conhecerem e a se relacionarem com o seu bebé de forma a facilitar o seu desenvolvimento global.

Se nos capítulos anteriores nos debruçamos, fundamentalmente, sobre a importância da relação objectal primária e como a capacidade de pensar da mãe é contentora do progressivo desenvolvimento psíquico do bebé, quer através da exposição de modelos explicativos do funcionamento mental da díade, quer através da importância dada pelos psicanalistas ao período de separação /individuação do bebé, como motor do seu saudável desenvolvimento psíquico. Pensamos que a maior parte dos casos apresentados sublinharam as capacidades mentais da mãe (através de vários conceitos formulados por psicanalistas) na sua relação com o bebé, dando importância aos cuidados maternos da mãe como factores da coesão e expansão da personalidade do bebé. No entanto, podemos pensar que estas situações foram ilustradas na maior parte dos casos através da psicopatologia em crianças ou adultos que sofreram graves distúrbios durante o período precoce de suas vidas.

A mudança de vértice ocorre quando nos propomos conhecer o bebé em contexto de observação interactiva em meio natural, nomeadamente através do método de observação de bebés de Ester Bick, pois este método de observação nos ajudou a compreender, de uma forma real e saudável, o progressivo desenvolvimento do bebé na relação com os seus objectos cuidadores.

Estas reflexões nos levam a pensar que é preciso reconhecer a importância da intervenção de prestações de cuidados nos primeiros tempos de vida de um ser humano, pois é nesta fase sensível que todos os parâmetros do desenvolvimento psíquico entram em jogo.

Podemos então investigar, através da conjugação de diferentes modelos, o que cada um tem de melhor para complementar ou contribuir de forma diferente na análise do desenvolvimento psíquico do bebé. Poderemos chegar a conclusão de quanto é importante esta fase inicial do ser humano para o seu futuro desenvolvimento global, as questões culturais parecem intervir, de forma decisiva, para a facilitação ou não desses primeiros cuidados oferecidos à criança em crescimento. As políticas de saúde, nos diferentes países, podem favorecer ou não a possibilidade de os pais passarem o maior

tempo possível com o seu bebé. Podem oferecer unidades hospitalares em que se leve em linha de conta a prevenção primária dos cuidados de saúde.

4.1. A Pré-História das Competências do Bebé

Podemos levantar a hipótese, e de acordo com os estudos mais recentes de observação de recém nascidos, desenvolvidos por (Brazelton & Cramer, 1989/2001) de que as competências do bebé são mais precoces do que aquilo que se pensava.

O desenvolvimento neuro-fisiológico do bebé, nomeadamente o dos órgãos dos sentidos, tem sido alvo de outras investigações neuro-psicológicas. Actualmente, dá-se a mesma importância às capacidades de ver e de ouvir do bebé, como competências que o bebé apresenta desde o nascimento para facilitar a vinculação entre os parceiros da comunicação. A qualidade das experiências tácteis vividas pelo bebé na relação com a mãe foi aquela mais estudada por psicanalistas, reservando para o período de amamentação o momento por excelência para o estabelecimento da vinculação. A relação com o seio materno foi sem dúvida das mais tratadas na literatura psicanalítica, nas artes, no nosso senso comum, como a experiência qualitativa que mais favorece o desenvolvimento global do bebé.

Actualmente, vários estudos vão no sentido de observar e fazer a anotação que o bebé é um ser já equipado «mentalmente» com capacidades de seleccionar estímulos que lhe causam prazer ou desprazer, e será da quantidade e da qualidade destas experiências com os pais que se estabelecerá um padrão emocional que levará o bebé na caminhada do seu desenvolvimento. Neste contexto, o método de trabalho e de observação utilizado por Brazelton, (1984, cit. por Brazelton & Cramer, 1989/2001) e seus colaboradores, em contextos hospitalares, é usado em todo o mundo desde 1973, a Escala de Avaliação Neuro-Comportamental do bebé recém-nascido (NBAS).

O desenvolvimento desta escala surgiu, segundo Brazelton e colaboradores, das observações realizadas a recém-nascidos, em contexto hospitalar, quando constataram,

através de inúmeras experiências, que o recém-nascido nasce já com um sistema nervoso complexo e plástico. Este desenvolvimento e constatações estão relacionados com as capacidades de resposta do recém-nascido na sua relação com objectos inanimados e com pessoas. Verificou-se que a qualidade destas competências aumentavam se o recém-nascido, de uma forma precoce e contínua, fosse estimulado precocemente, através de interacções adequadas, com figuras significativas emocionalmente para o seu desenvolvimento psíquico.

“Os estímulos usados na NBAS são de vários tipos: o tacto, o acto de embalar, a voz, o comportamento facial, que os pais usam para lidar com o bebé, na tentativa de ajudá-los a adaptarem-se ao seu novo meio. Avalia-se através de vinte oito unidades aferidoras do comportamento a capacidade dos recém-nascidos a reagirem a diferentes estímulos humanos a voz e o rosto, por exemplo e a estímulos inanimados – o som suave de uma roca, o pegar ao colo e diferenças de temperatura. Tem como objectivo permitir um conhecimento mais objectivo da gama das capacidades motoras do recém-nascido normal.” (Brazelton & Cramer, 1989/2001, p.87).

O método utilizado por Brazelton e colaboradores tem como objectivo facilitar a investigação das competências do recém-nascido de forma a serem detectados os seus estados de consciência, que viabilizam ou não uma melhor interacção emocional e intencional com as experiências que lhe são proporcionadas. Observa-se que os bebés revelam e procuram já em tenra idade comportamentos vinculativos que facilitem a interacção, promovendo no parceiro da comunicação ou no ambiente à sua volta respostas para a mudança e para o crescimento.

Segundo Brazelton (1973, cit. por Brazelton & Cramer, 1989/2001, p. 90), “A NBAS foi criada para ajudar os profissionais a julgar o estilo de reacção dos bebés e, conseqüentemente, para ajudar os pais no seu esforço de chegar até aos filhos. A sua maior utilidade é, não tanto a de um teste, mas a de um meio de revelar aos pais o comportamento dos recém-nascidos, para que eles consigam entender os bebés e aperfeiçoar, desde o princípio, o trabalho que lhes está destinado”.

Nos estudos recentes da observação de recém-nascidos, segundo Brazelton et al. (2000, 2001, 2002), existe um estudo aprofundado das vivências ocorridas durante os

períodos anteriores ao nascimento do futuro bebê e avalia-se a capacidade de os futuros pais de lidarem com o futuro bebê real. E referem: “A vinculação do recém-nascido ocorre antes com um filho imaginário e com o feto em desenvolvimento, que faz parte do universo dos pais durante nove meses. (...) As forças, biológicas e ambientais, que levam homens e mulheres a desejarem ter filhos e as fantasias nascidas desse desejo, podem encarar-se como a pré-história da vinculação” (Brazelton & Cramer, 1989/2001, p. 17).

Os estados emocionais dos pais na sua interação com o futuro bebê, vivido durante o período dos nove meses de gravidez, são determinantes para se esboçar a futura relação que está para ser criada entre os três, sendo também esta fase um período em que a família poderá crescer e mudar, cada um descobrindo na sua interação com o futuro bebê novas competências emocionais e cognitivas.

Romana Negri (1995, cit. por Lemos, 2000) desenvolve um trabalho de observação centrado na vida fetal, captando a importância da vida antes do nascimento, quer pela riqueza de movimentos, quer pelo pressuposto de emoções e vida que se começa a esboçar.

As sessões de observação durante a vida fetal, por razões técnicas, foram feitas uma vez por mês e a população seleccionada para a observação foram gémeos heterozigóticos, pois possibilitavam mais facilmente a observação de movimentos conectados com a relação. Os fetos foram observados durante a gravidez, construindo-se relações tipo. Mais tarde, após os bebés nascerem, foram observados novamente e o tipo de relação que estabeleceram no feto permanecia na vida extra-uterina, notando a clara relação entre os comportamentos na vida fetal (posição, maneira como ocupa o espaço, relação com o outro) e os constatados na sua vida de autonomia.

Sá (2001), no seu livro «Psicologia do feto e do bebé», chama-nos a atenção para a importância da investigação da vida intra-uterina do feto, como uma fase fundamental para o desenvolvimento psíquico do futuro bebé e investiga estas questões de uma forma mais aprofundada.

4.2. Das Competências do Recém-Nascido ao Bebê

Segundo Brazelton e seus colaboradores, que têm levado a cabo o seu trabalho na Unidade de Desenvolvimento Infantil do Hospital Pediátrico de Boston, é importante informar os pais das reais competências apresentadas pelo recém-nascido, desde a altura do nascimento, pois este conhecimento é determinante para melhor adaptar os pais à compreensão destas competências, no evoluir dos estados mentais do bebê. E refere “(...) Este estudo do recém-nascido levou-me a reconhecer a interacção poderosa que existe entre todos os sistemas (motor, afectivo, autonómico e cognitivo) e o modo como eles se alimentam entre si, enquanto a criança luta para alcançar cada uma das fases do processo de desenvolvimento” (Brazelton & Cramer, 1989/2001, p. 11).

Neste contexto, segundo Brazelton e colaboradores, as interacções emocionais contínuas desde o período da gravidez contribuem para o desenvolvimento adequado do sistema nervoso do futuro bebê. “(...) Ouvir a voz humana, por exemplo, ajuda os bebês a aprender a distinguir sons e a desenvolver a linguagem. Experiências interactivas podem ter como resultado que as células cerebrais sejam recrutadas para fins particulares – mais para ouvir do que para ver, por exemplo. A interacção de gestos emocionais ajuda os bebês a aprender a tomar consciência e reagir a estímulos emocionais, e a formar a noção do ‘eu’ aprender a tomar consciência” (Brazelton & Cramer, 1989/2001, p. 27).

Pesquisas feitas por Brazelton e colaboradores demonstram que os recém-nascidos parecem nascer programados para irem ao encontro, através do seu olhar e através da audição, dos estímulos que lhe rodeiam, após ao seu nascimento “(...) Ele vai pôr a funcionar quatro reflexos com origem no mesencéfalo – o da tonicidade do pescoço, o reflexo mão-boca (Babkin), o de voltar a cabeça para o lado em que lhe tocamos na face (para procurar alimento) e o de sucção – para conseguir manter-se alerta.” (Brazelton & Cramer, 1989/2001).

A importância do contacto visual para os recém-nascidos e para o futuro bebê com os pais torna-se tão fundamental e tão crítico, como as experiências que favorecem o

contacto corporal. “(...) Os estímulos visuais que mais chamam a atenção dos recém-nascidos parecem ser o brilho dos olhos e da boca, assim como os contornos do rostos (Salapatek e Kessen, 1966). Isto permite ao bebê um conhecimento muito precoce das pessoas que cuidam dele e do universo humano que o rodeia. (...) Robert Frantz (1961) Ele e outros descobriram que os recém-nascidos preferiam objectos ovóides do tamanho de um rosto humano e um que tivesse olhos e boca.” (Brazelton & Cramer, 1989/2001, p. 70).

Os trabalhos realizados por Brazelton e colaboradores levam-nos a pensar que a importância dos primeiros contactos com o futuro bebê facilitam o desenvolvimento quer ao nível do sistema nervoso central quer ao nível das condições que puderam favorecer este desenvolvimento. “(...) uma mãe pode afirmar que o seu bebê começou a reconhecê-la com a idade de 3 semanas, e que reage de maneira diferente ao ver o pai ou outro familiar adulto por volta das quatro ou cinco semanas.” (Brazelton & Cramer, 1989/2001, p. 71).

Brazelton (1984, cit. por Brazelton & Cramer, 1989/2001) refere que afirmar que os recém-nascidos funcionam controlando os seus estados de atenção ou de consciência talvez seja um exagero, mas esse controle parece fazer parte das capacidades de um recém-nascido saudável e normal.

4.3. Os estados de consciência

Segundo Brazelton (1989, cit. por Brazelton & Cramer, 1989/2001, p. 82), os níveis de disponibilidade do recém-nascido correspondem aos nomes dados aos seus estados de consciência.

São eles:

1º sono profundo

O bebê encontra-se retirado do contacto com o mundo exterior, e segundo Brazelton, a ocorrência em ciclos curtos ao longo do dia é fundamental para possibilitar ao bebê acalmar e organizar um sistema nervoso imaturo e vulnerável.

2º sono activo (sono REM ou movimentos oculares rápidos)

O bebé tem um sono leve ou activo, tem os olhos fechados mas na sua observação podemos ver movimentos rotativos e lentos, neste estado o bebé apresenta mobilidade corporal e o seu sistema respiratório é irregular. Brazelton refere que segundo as investigações realizadas podemos admitir que é neste estado de sono que ocorrem o crescimento e a diferenciação cerebral.

3º Estado de sonolência ou intermédio

O bebé encontra-se num estado propício às reacções exteriores, parece adormecido, mas a qualquer momento pode abrir os olhos e ficar desperto.

4º Acordado, em estado de alerta

Segundo Brazelton, este é o período por excelência de maior interacção com os pais, tende a aumentar nos recém-nascidos por volta da segunda e terceiras semanas, sendo possível a manutenção deste estado de alerta cerca de 20 a 30 minutos. E já nesta altura é possível observar que os estímulos visuais e auditivos provocam já reacções previsíveis.

5º Alerta, mais irritado

Este é um sinal previsível do conseqüente estado de choro. Os bebés ficam neste estado quando estão sujeitos a uma sobrecarga de estimulação. Neste momento devem ser acalmados e acariciados com pouca intensidade.

6º Choro

Este estado no bebé poderá ser motivado pela dor, fome, pelo aborrecimento e desconforto, que segundo Brazelton se distinguem já nos primeiros dias de vida. Este estado apelativo promove nos pais a preocupação, responsabilidade e até o sentimento de culpa pelo estado do bebé se não se sentirem confiantes e seguros em alterar tal estado.

Segundo Lester e Zeskind (1982, cit. por Brazelton & Cramer, 1989/2001, p.82), “O choro é, obviamente, um sistema de comunicação importante para todos, um sistema indicador complexo através do qual os bebés se exprime de forma diferente, desde o início”.

4.4. Uma Aprendizagem Parental dos Estados de Consciência no Bebê

A importância da organização gradual destes estados de consciência está associada ao normal desenvolvimento maturativo do bebê e é também um indicador da qualidade da relação dos pais. Durante este período, é possível observar que é a capacidade de os pais serem sensíveis aos ciclos de sono e de vigília do seu bebê, que permite ao bebê ao longo do tempo aprender a auto-regular-se.

Segundo Brazelton & Greenspan (2002, p.33) “(...) por volta dos dois a três meses, um bebê e a sua mãe e o seu pai já terão passado três níveis de aprendizagem recíproca. (...)

No primeiro estágio, a mãe e o pai aprendem a como ajudar o filho recém-nascido a manter um estado de alerta. (1-3 semanas).

No segundo estágio (3-8 semanas), no estado de alerta ele produzirá sorrisos e vocalizações que são respondidos pelo adulto.

No terceiro estágio (8-16 semanas), estes sinais são reproduzidos em jogos (Stern), em que as vocalizações e/ou sorrisos são gerados em surtos de quatro ou mais, imitados pelo adulto, numa série de surtos ou jogos recíprocos. O ritmo e a reciprocidade emocional são aprendidos nestes jogos.”

Por volta dos quatro meses, “(...) o bebê já terá aprendido a assumir o controle do jogo, e a levar o pai ou a mãe a entrar nesses jogos (Margaret Maler chamava a isto Hatching, ou seja, «tramar» «arquitetar»). Assim, a autonomia emerge destes jogos. Mas o fundamental é que através destas interações recíprocas, o bebê está a aprender a controlar ou modular o seu comportamento e os seus sentimentos.”(Brazelton & Greenspan, 2002, p.33).

É sem dúvida ao longo do período de dependência emocional que a protecção e os cuidados parentais podem favorecer ou não a criação de uma comunicação emocional alicerçada nas capacidades psicológicas dos progenitores em compreenderem o seu bebê. A avaliação da interacção precoce liga-se, segundo (Brazelton et al., 2000, 2001, 2002), à capacidade de avaliar a comunicação e a adequação de atitudes estabelecidas

entre o bebé e os pais. “(...) Quando as crianças atingem um equilíbrio interior e, a seguir, acedem à expectativa e ao entusiasmo, no seio de uma relação segura e previsível, começam a descobrir a capacidade de emoção e de aquisição de conhecimentos de que são dotadas. Quando aprendem a aliciar e depois a responder aos adultos que as rodeiam, conhecem as recompensas da comunicação. Começam a reconhecer as suas próprias emoções e as dos outros. (...) No final dos 4 meses, as crianças sabem ligar e desligar os que os rodeiam com uma eficiência surpreendente.” (Brazelton & Cramer, 2001, pp. 143-144).

Toda esta aprendizagem, segundo os novos estudos de interacção emocional e intencional de ambos os protagonistas, abre as portas para a multiplicidade de factores de ordem biológica, social e psicológica para compreendermos os comportamentos e atitudes que devem ser observados antes de intervirmos no processo de ajuda aos pais e ao bebé.

Se as competências dos recém-nascidos e o respeito da sua progressiva maturidade estão directamente relacionadas com a capacidade de os pais observarem as competências do seu bebé, temos que ajudar os pais na identificação dos factores e atitudes que favorecem este desenvolvimento.

4.5. As seis características da interacções emocionais intencionais pais-bebé / bebé-pais

Segundo as observações realizadas por Brazelton & Cramer (2001, pp. 137-144), há que distinguir os recentes trabalhos de Stern, existindo seis características de interacção pais-bebé, que favorecem a evolução precoce da vinculação e, consequentemente, o saudável desenvolvimento psíquico do bebé são estes:

4.5.1. Sincronia

“Ao aprenderem a «linguagem do bebé», tal como esta se reflecte através dos comportamentos relativos à autonomia, aos estados de consciência, à actividade motora e à capacidade de concentração, os pais podem sincronizar os seus próprios estados de atenção e de distração com os do bebé. Podem ajudar este a concentrar-se e a prolongar a atenção até ao final da interacção. Ao atingirem a sincronia, os pais estão a dar o primeiro passo.” (Brazelton & Cramer, 2001, pp.137-138) Com o desenvolvimento desta sincronia afectiva, os pais criam as condições necessárias e suficientes para que o bebé na relação com os mesmos possa se sentir seguro, confiante e previsível nas suas reacções ao diálogo afectivo. Estas interacções permitem a abertura para o conhecimento entre ambos e para o eventual fluir de novas situações emocionais e descobertas. Podemos reflectir aqui acerca da semelhança entre o conceito de reverie dado por Bion (1962/1991a) em relação a figura materna, e o conceito de Stern de sintonia selectiva, fruto das várias interacções ritmadas ocorridas na relação da mãe com o bebé, marcando o passo das possíveis e futuras interacções intencionais do bebé.

4.5.2. Simetria

“(…) O adulto tem sempre mais tendência a iniciar a comunicação e a escolher o modo como essa comunicação se irá processar. A simetria numa interacção significa que a capacidade de atenção, o estilo e a preferência da criança por estímulos ou por reacções, influenciam essa interacção. Num diálogo simétrico, o progenitor respeita os limites da criança. Em consequência disto, ambas as partes estão interessadas em alcançar e em manter a sincronia. Durante as nossas investigações, constatamos que, numa interacção bem sucedida, ambos se empenham activamente em prestar uma boa contribuição. O pai ou a mãe, para se sentirem seguros, assume-se como responsável por esta simetria.” (Brazelton & Cramer, 2001, p. 138).

Vemos aqui também uma semelhança com Bion quando este refere que a mãe terá um aparelho para pensar mais maduro, isto requer que esta tenha uma relação simétrica com a criança, uma vez que é capaz de responder as suas necessidades físicas e psicológicas respeitando a sua tolerância à frustração.

4.5.3. Contingência

Segundo Brazelton e colaboradores, todo o comportamento do bebé tem por base os seus estados de consciência, já referidos anteriormente e que ajudam os pais a descobrirem o estado mental em que o bebé encontra-se mais predisposto para a interacção. Paralelamente vai ocorrendo um gradual desenvolvimento das funções autonómicas do bebé que facilitam as suas demonstrações afectivas, através dos sorrisos, vocalizações. Este através do aprender com a experiência emocional vai conquistando o seu interesse pelo mundo à sua volta e interesse por si próprio. É nesta contingência de acontecimentos que o bebé vai aprendendo a atingir o seu auto controlo e os pais vão aprendendo a respeitar as iniciativas do seu bebé de acordo com as suas necessidades físicas e psicológicas. “(...) Um sentido profundo de empatia põe a mãe em contacto com os sistemas de controlo do bebé. Uma mãe descreveu esta vivência do seguinte modo: Era como se eu estivesse dentro do meu bebé, como se eu fosse outra vez bebé, como se eu fosse aquele bebé. Mas, quando me apercebo da competência do meu bebé, dou-me conta de que se trata mais de experimentar aquilo por que ele está a passar, para que possa controla-lo e dar-lhe atenção” (Brazelton & Cramer, 2001, p.130).

“Este ritmo de atenção-distração é fundamental para o modelo homeostático a que aludimos. As mães têm de detectar e respeitar a necessidade de controlo que isto implica, caso contrário estarão a sobrecarregar o sistema psico-fisiológico imaturo dos filhos e estes terão de proteger-se a si próprios, abstraindo completamente a mãe” (Brazelton et al., 1975, cit. por Brazelton & Cramer, 2001, p. 139). Aqui vemos também a importância dada ao excesso de estimulação como algo prejudicial ao

desenvolvimento psíquico do bebé tal como foi referido por Bion (1962/1991a), e que será a capacidade de reverei da mãe a responsável pela transformação de elementos beta em elementos alfa.

Temos então, e de acordo com os novos estudos, uma abertura que nos permite avaliar o comportamento do bebé de uma forma mais rica e produtiva para o seu desenvolvimento global.

Se nos anos sessenta, várias investigações se preocuparam em detectar elementos simplista (Rheingold, 1961, cit. por Brazelton & Cramer, 2001, p. 139) para compreender as respostas emocionais do bebé, actualmente e desde os trabalhos de Stern (1974b, 1977, 1985, cit. por Brazelton & Cramer, 2001), os factores contingentes associados à disponibilidade cognitiva e afectiva da mãe, demonstram mudanças significativas nas atitudes afectivas do bebé. Nomeadamente, o ritmo da interacção parece ser condicionado pela capacidade que a mãe terá em criar momentos de expectativa e de previsibilidade da interacção com o bebé. Stern, fala-nos de uma «sintonia selectiva», esta podendo ser determinante para a incidência do envolvimento do bebé na interacção afectiva, na sua capacidade de criar o controle de sequências de comportamento, através da exteriorização dos seus sinais. “(...) A mãe tem então a oportunidade de adaptar o seu ritmo, de acordo com esses limites. Se acelera o seu ritmo, pode reduzir o nível de comunicação do bebé. Se o abranda, pode esperar um nível superior de envolvimento e de comportamento comunicativo da parte do bebé (Stern, 1974a). O modo como utiliza o seu ritmo para influenciar a reacção do bebé constitui talvez a base para que este aprenda a controlar os seus próprios sistemas. Como o nível de estimulação varia pouco, o bebé aprende a desenvolver este auto controlo básico.” (Brazelton & Cramer, 2001, p. 121). Aqui vemos também a semelhança com a proposta de Bion acerca das condições maternas que podem favorecer ao bebé o desenvolvimento do aparelho para pensar e o desenvolvimento dos pensamentos propriamente ditos. Será a capacidade da função alfa da mãe e sua capacidade de reverie que lhe permitirá compreender o nível de tolerância a frustração do seu bebé, de forma que na ausência de sua resposta o bebé possa criar um pensamento.

Este progressivo desenvolvimento sintónico e aprendizagem dos pais com o seu bebé ajuda o bebé ao longo do tempo cada vez mais a tornar-se mais autónomo. Esta autonomia é observada quando o bebé a partir dos 4 meses começa a querer dominar e a liderar a interacção, levando os pais a se adaptarem as novas competências do bebé. “(...) Até aqui, a mãe (ou o pai) lideraram a interacção. A maior parte dos «jogos» foram construídos por um dos progenitores, com base nas exteriorizações do bebé. A nossa análise revela que, por volta dos quatro meses, é o bebé que lidera a escolha do jogo, com a mesma frequência dos progenitores (Brazelton et al., 1979, cit. por Brazelton & Cramer, 2001, p. 134).”

Segundo Brazelton e colaboradores, “(...) É interessante verificar que, neste mesmo período, o eletro-encefalograma da criança revela uma tendência para o amadurecimento (Emde et al., 1976). Isto assinala a capacidade crescente do cérebro da criança para armazenar dados cognitivos e afectivos. Além desta tendência, há outros sinais de que as capacidades cognitivas estão a aumentar rapidamente, como os primeiros sinais de percepção dos objectos, a que já aludimos. Esta é também a idade em que surgem os primeiros indícios de percepção dos desconhecidos, acompanhados de chamadas de atenção à mãe.” (Brazelton & Cramer, 2001, pp. 135-136).

Com a contribuição destes estudos, muitos dos comportamentos da relação do bebé com sua mãe e que seriam interpretados como comportamentos psicopatológicos da relação da díade, passam a ser identificados como o início da autonomia do bebé tais como: aversão ao olhar, a omissão, o virar a cabeça, são forças, são sinais do seu desenvolvimento mais autónomo integrados nos vários momentos de interacção . E são a expressão de que o bebé vai alargando o domínio das suas acções face aos objectos e as pessoas e o mundo a sua volta. Será então a sua fase de separação/ individuação tão estudada e descrita pelos psicanalistas.

4.5.4. Adesão

Brazelton (1989, cit. por Brazelton & Cramer, 2001) foi buscar este termo a Lewis Sander e Willian Condon, 1974, para exemplificar a importância da lalação recíproca entre o bebé e sua mãe. Trata-se das conhecidas exclamações abebézadas o «oh-oh». A instauração da adesão tem a ver com o facto de cada um dos parceiros (mãe, pai e bebé) recorrerem à imitação dos ritmos e das vocalizações, fazendo com que a experiência emocional partilhada e vivida possa tornar-se em processos interacionais cada vez mais ricos. “(...) O bebé reconhece a imitação do som que produziu. À medida que a mãe repete o seu «oh-oh», ele começa a mexer a cara e os ombros, num crescendo de envolvimento. A mãe fica tão deliciada com esta prova de reconhecimento da sua vocalização, que altera a sequência e diz, extasiada «És um amor!»” (Brazelton & Cramer, 2001, p. 141).

É deste intercâmbio comunicativo entre o bebé e os seus pais que o sentido das suas emoções e das suas intenções abrem as portas para a subjectividade, e para o desenvolvimento psíquico. O bebé começa a aperceber-se de que as suas emoções e intenções têm um efeito sobre o outro. Facto determinante para o bebé continuar na sua caminhada de descoberta de novos afectos e novas competências.

4.5.5. Jogos

Com base na adesão criada entre mãe, pai e bebé, a sequência destes jogos segundo Stern (1974 b, cit. por Brazelton & Cramer, 2001) tendem a desenvolver-se criando regras que se estabelecem entre os parceiros da comunicação, aumentando progressivamente o conhecimento entre ambos. Como consequência disto, temos o bebé que progressivamente vai dominando o jogo e a interacção com os progenitores, tal facto permitindo ao bebé uma aprendizagem de si mesmo e dos pais. As previsibilidades e expectativas são aprendidas através destas interacções. O bebé vai tornando-se mais autónomo, na sua relação com os objectos e as pessoas. Vai querer

testar os acontecimentos, vai cada vez mais arquitectar situações para descobrir o efeito das suas interacções.

4.5.6. Autonomia e Flexibilidade

Com um comportamento contingente, sincrónico, e de adesão por parte dos progenitores, o bebé será lançado para a sua autonomia e flexibilidade de descobertas e acontecimentos, adquirindo uma maior capacidade de controlo interactivo. A partir dos 5 meses, esta mudança é surpreendente, “(...) muitos bebés começam a dominar o comportamento da mãe, através da sua capacidade para iniciarem a interacção e para se afastarem dela. Começam a pôr à prova a situação e a sua capacidade para dominar a audiência interessada (Brazelton e Yogman, 1986). É neste período que a autonomia nasce uma vez existirem respostas previsíveis da parte dos pais. (...) O comportamento autónomo nas crianças desta idade é sinal de que existe uma relação saudável com os pais, e a falta dessa autonomia traduz-se numa simbiose ou fusão aparente, sendo sinal de que existem anomalias de vinculação.” (Brazelton & Cramer, 2001, pp.142-143).

Estas anomalias de vinculação foram exaustivamente demonstradas, nos capítulos anteriores, através da exemplificação de casos psicopatológicos, em adultos e em crianças.

4.6. A Importância Emocional dos Cuidados Parentais no Bebé

Para Lebovici (1987, cit. por Begoin & Begoin-Guignard, 1985), é na relação entre a mãe e o bebé que podemos observar os comportamentos e comunicações que conduzem à ideia de interacções afectivas: as competências do bebé, as suas vocalizações, as suas mímicas, as suas posturas e os seus movimentos determinam aquilo que designa por “efeitos de contágio unificante e compartilhado com o ambiente materno”. Neste sentido, o diálogo comportamental seria expressivo pelo menos para

um dos protagonistas, a mãe, e corresponde ao diálogo tónico de J. Ajuriaguerra e é interpretado pela mãe. Ora, os elementos iniciais da comunicação intra e extra-verbal não podem ser separados do diálogo afectivo vivido na relação que o bebé terá com as figuras significativas para o seu desenvolvimento psíquico.

Segundo Eduardo Sá (2001, pp. 20-21), citando Bollas (1992), “A mãe transmite a sua estética pelo seu estilo de ser com o infante- alimentando, trocando fralda, acalmando, cantarolando, segurando e brincando – e é a plenitude da sua maneira de ser presente com o bebé que constitui a fenomenologia da transformação, operada por ela no ser do infante. Com uma «mãe suficientemente boa», a tradição de transformações produtivas das realidades internas e externas é confirmada, e a continuidade do ser é preservada”.

A. Montegu (1979) insiste sobre a satisfação dessa necessidade básica de o bebé de ser tocado, acariciado, amparado; tem necessidade de que se lhe fale mesmo se não estiver a ser amamentado ao seio.

Estas experiências, quando satisfatórias, são vividas como sensações securizantes de que o bebé carece para sobreviver e ter o mínimo de saúde.

H. Baw Kin foi um dos primeiros pediatras a reconhecer a importância dos cuidados de maternagem aos bebés internados nos hospitais; argumentava que são as sensações da pele, a sua sensibilidade cinestésica, que parecem ser o principal para o bebé pequeno. Os bebés são imediatamente acalmados pela palavra e pelo calor e choram quando sofrem dor ou têm frio. O efeito calmante obtido quando os bebés são transportados para o exterior dever-se-ia em parte ao movimento do ar sobre a pele (Montagu, 1979).

Inicialmente o bebé tacteia para encontrar e reter entre os lábios o seio e a auréola; a observação visual e a capacidade de ouvir entram no jogo das experiências de reverificação, e da reafirmação da existência do outro como fonte de prazer, que a mãe e outras figuras significativas para o bebé oferecem pela sua presença e pelo seu jogo interactivo.

Durante o período de amamentação e nos cuidados maternos dispensados ao bebé, este através da prova tangível com o contacto do corpo da mãe vai tomar

consciência do seu próprio corpo e do corpo da sua mãe e essa será a sua primeira relação com as coisas exteriores. As primeiras percepções organizam-se em torno da amamentação, fonte de múltiplas sensações cutâneas e tácteis. Segundo Ribble, é graças aos cuidados maternos que a criança combina e coordena pouco a pouco a amamentação com o desenvolvimento dos seus sentidos: a visão, a audição e o tacto. Assim se estabelece um conjunto francamente complexo de comportamentos. A partir do conhecimento do corpo da mãe, o bebé pode emitir sinais susceptíveis de provocar as respostas que deseja. Aprende a conhecer o seu próprio corpo como base em tudo o que sabe sobre a sua pele, lábios, língua, mãos e olhos – é fazendo uso das mãos que toma consciência do seu próprio corpo (cit. por Montagu, 1979).

Tocar designa tanto a faculdade de sentir um objecto material como descrever a sensibilidade aos sentimentos humanos. Neste sentido, descreve ainda que não o seja de modo estrito; é-o na medida em que os seus elementos sensoriais induzem modificações de ordem nervosa, glandular, muscular e mental que são do domínio da emoção. «Estar em contacto» significa estar em comunicação com alguém, qualquer que seja a distância.

A linguagem servia primitivamente para que o homem pudesse estar em contacto com o próximo. As sensações que o bebé experimenta no contacto com o corpo da mãe constituem o seu primeiro modo de comunicação, a sua primeira linguagem, o seu primeiro contacto com outros seres humanos, a origem do «tacto humano» (Montagu, 1979, p. 86).

Se um bebé não receber estimulações precoces satisfatórias, sofrerá dificuldades de integração: ser-lhe-á penoso tomar consciência de si próprio como ser humano e como ser amado. Ao ser acariciado, transportado, abraçado, embalado, beijado, aprende a amar os outros. Neste sentido, o amor é sexual na acepção mais bela do termo - traduz interesse, cuidado, responsabilidade, atenção e preocupação com as necessidades materiais e psíquicas do outro.

Segundo Eduardo Sá (2001, p. 22), citando Bollas, “Os cuidados maternos e paternos cuja tonalidade é marcadamente transformacional, permitem a expressão «do

conjunto de possibilidades pessoais únicas, específicas de cada indivíduo» (Bollas, 1992-c), que são o idioma de personalidade de cada ser humano.”

A experiência qualitativa e afetiva da relação precoce é fundamental para a evolução do ser humano. A patologia surge como forma da expressão muda do afecto, do não aprender com a experiência emocional, do não envolvimento com o vivo. Só no amor entre dois seres humanos, expressado pelo nascimento de um novo ser, o Homem tem a possibilidade de se representar e de se apresentar com a possibilidade de gerar frutos e desafios para novos funcionamentos mentais, novas criações, novas mudanças que possibilitam ao Homem , reinventar e repensar as suas origens.

CAPÍTULO 5

METODOLOGIA

5.1. Delineamento

A partir de uma observação, realizámos um estudo de caso, através de uma análise de conteúdo. Mas tal como em todas as análises de conteúdo, existe nesta a possibilidade de encontrarmos fragilidades científicas: na medida em que qualquer olhar, apesar de ser baseado em referências teórico-clínicas objectivas, é sempre um olhar interpretativo, que não independe de quem olha, existindo sempre uma subjectividade implícita no observador.

5.2. Sujeito

O sujeito observado é do sexo feminino, nasceu no dia 10 de Julho de 1999, de parto normal, com o peso de 3,570 kg.

Trata-se do primeiro filho de um casal jovem, em que a gravidez foi planeada e houve durante a gravidez a necessidade de repouso por parte da mãe do nosso sujeito, por esta apresentar problemas de asma.

Na altura do nascimento do nosso sujeito, a mãe tinha 36 anos e o pai 37 anos de idade.

Estamos perante um casal de estatuto social e económico médio, com profissões liberais. A mãe é técnica de radiologia e o pai trabalha numa oficina de manutenção de carros.

O nosso sujeito e a sua família viviam num apartamento com 3 assoalhadas e um quintal nos arredores de Lisboa.

5.3. Material Bruto Factual

Os conteúdos para a análise da observação são referentes ao trabalho de observação do sujeito em meio familiar habitual e foi realizado pela Dr.^a Catarina Marques, nossa colega do grupo de seminários de observação de bebés, no qual participámos com objectivos de formação terapêutica, durante cerca de dois anos.

- Estas observações foram baseadas no método de observação de bebés de Ester Bick, conforme descrito no capítulo terceiro desta tese.
- Para a realização desta observação, foi realizado um contacto prévio com a família do sujeito, com o objectivo de avaliar e planear as idas do observador a casa do sujeito.
- Foram realizadas observações durante o período de quase dois anos, em que o observador deslocava-se ao meio habitual do sujeito uma vez por semana, de preferência no mesmo dia da semana, à mesma hora, e era realizada uma hora de observação.
- Os relatos da observação eram transcritos após a observação, não era possível gravar nem era aconselhável, como tal existe nesta observação uma subjectividade inerente ao observador.
- Posteriormente, eram analisados e discutidos no seminário de observação de bebés os factos observados e onde as questões metodológicas do observador eram revistas e corrigidas.

- Foi no contexto dos seminários de observação que escolhemos a observação da Dr.^a Catarina Marques, por ter sido das observações apresentadas aquela em que as questões metodológicas foram as realizadas com maior rigor científico, nos vários momentos do método de observação.
- O material constituído a partir destas observações foi supervisionado por um grupo de seminário de supervisão, orientado pelo Dr. Coelho Rosa, que reunia com uma regularidade quinzenal. Posteriormente foram realizadas 4 jornadas com o Dr. Pérez-Sánchez e a Dr.^a Hafsa Chbani, que decorreram em Lisboa e Barcelona.
- É a partir de 50 observações (apresentadas em anexo no Vol II desta tese), que correspondem a um ano de observações, que vamos basear a nossa ilustração teórico-clínica deste caso.

5.4. Material da Observação

Neste tipo de análise, não existe uma grelha sistematizada. Existem, no entanto, determinadas referências teórico-clínicas apresentadas nos capítulos anteriores, as quais nos ajudaram na análise realizada nos conteúdos das observações. Tal como foi referido por Bion, em metodologia clínica não há factores certos ou errados, mas aqueles que promovem ou não o desenvolvimento.

Este, sim, compete investigar:

- O período pré-verbal no bebé, tão estudado pelos psicanalistas, que se encontra desenvolvido ao longo da parte teórica desta tese.
- Os conceitos de Bion acerca da constituição do aparelho psíquico e seu desenvolvimento e que estão desenvolvidos no capítulo segundo desta tese.
- Os conceitos de Brazelton e colaboradores desenvolvidos no capítulo quarto desta tese.

5.5. Procedimento

Após a leitura global do caso, decidimos escolher o período etário dos 4 dias de idade até um ano de idade do sujeito, por ser a fase de desenvolvimento psíquico pré-verbal do nosso sujeito, sendo esta fase primordial para o desenvolvimento psíquico do bebê, conforme foi descrito nos capítulos anteriores por vários autores.

- Quando pensamos estudar o desenvolvimento psíquico da bebê durante o período dos 4 dias até de um ano de idade, o volume das informações surge como uma das dificuldades com que nos deparamos e também com o facto de poder seleccionar as observações mais elucidativas daquilo que pretendemos constatar ou evidenciar acerca do progressivo desenvolvimento psíquico da bebê.
- Após nova leitura das 50 observações apresentadas em anexo, concentrámo-nos na selecção das observações que melhor ilustrassem e pudessem evidenciar as mudanças do crescimento mental da tríade.
- As observações foram analisadas com base na interpretação que realizámos no comportamento real e progressivo das competências psíquicas da bebê, nomeadamente nos seus estados de consciência, sua plasticidade mental constatada através das suas manifestações afectivas, sorrisos, vocalizações e sua progressiva autonomia observada pelos seus diferentes comportamentos internacionais, emocionais e intencionais na sua relação com os progenitores ou com outras figuras significativas para a bebê, tal como foram descritas por Braceletes e colaboradores.
- Simultaneamente analisámos também a aprendizagem do comportamento emocional dos pais na relação com a bebê, de acordo com os seus ritmos psíquicos, tentando identificar, sempre que fosse ilustrativo, as seis características de interacção emocional e intencional na relação com o bebê, conforme foram descritos por Brazelton e colaboradores, sendo elas: sincronia, simetria, contingência, adesão, jogos, autonomia e flexibilidade.

Paralelamente e sempre que possível, analisámos e interpretámos os construtos teórico-clínicos desenvolvidos por Bion, nomeadamente aqueles ligados à constituição do aparelho de pensar da bebé, e a análise da sua transformação mental na relação com os progenitores. Alargando os conceitos de função alfa e capacidade de reverie a outras figuras significativas para o desenvolvimento psíquico do bebé, nomeadamente o pai e que podem ajudar-nos a compreender como a capacidade de pensar e sua reverie são fundamentais para promover o desenvolvimento psíquico do bebé.

CAPÍTULO 6

OBSERVAR A LINGUAGEM DO BEBÉ

Numa análise global das observações, mais do que constatar factos ou querer confirmar hipóteses, o leitor é convidado a uma experiência emocional, tal como foi referido por Bion. E de acordo com alguns conceitos propostos por Brazelton e seus colaboradores, é convidado a compreender os comportamentos parentais nas suas aprendizagens ou dificuldades de entrar em contacto emocional com o seu bebé, de aprender os seus ritmos psíquicos. E observa-se ao longo das observações como estes comportamentos poderão influenciar o desenvolvimento psíquico do bebé, para a sua fase seguinte de desenvolvimento psíquico, cognitivo e motor e conseqüentemente para a sua autonomia.

Gostaríamos que o leitor, também com a sua análise, identificasse as capacidades que a bebé apresenta desde a altura do nascimento, para facilitar e promover a vinculação com os seus pais, tal como foi descrito por Brazelton e colaboradores.

E que os conceitos de Bion acerca da função alfa da mãe e sua capacidade de reverie pode ser alargada a outras pessoas significativas para a bebé. Observem a bebé ao longo das observações e verifiquem que os seus comportamentos mais intencionais e afectivos parecem promover nos pais mudanças no seu comportamento afectivo. E sigam o seu desenvolvimento psíquico e gradual capacidade para pensar.

E como as capacidades de pensar e de reverie materno, que se vão transformando no contexto relacional com o bebé, podem ser alargadas, as capacidades

psicológicas que o pai desenvolve desde o primeiro dia e ao longo da observação com o bebé igualmente se vão desenvolvendo.

Reservei para este capítulo uma selecção qualitativa das observações que, de acordo com a nossa metodologia, permitirão observar o gradual desenvolvimento psíquico do bebé alicerçado nas suas competências precoces, conforme os estudos abordados nos capítulos anteriores.

6.1. Análise e Reflexão das Observações

Vamos então tentar acompanhar o progressivo desenvolvimento da bebé Susana já na primeira observação. A bebé tem 4 dias, é notório nesta observação o esforço que ambos os progenitores fazem para ultrapassarem o período de turbulência vivido após o parto da bebé. Por outro lado, vemos o despontar do início dos estados de consciência do bebé, e vemos nesta observação como o pai atribui significado emocional ao início das interacções com o bebé. O pai parece preocupado em perceber o que promove o estado de alerta na bebé.

Obs. nº 1:

Bebé Suzana (S); Idade 4 dias; Presenças: Mãe (M), Pai (P), Avó Materna (AM), Observadora (O); Data: 99/07/13; Hora: 19.00

O – (Entra na sala, o pai vai abrir o estore, e a Susana estava deitada dentro do carrinho a dormir; acorda e começa a chorar. Ouvia-se Vivaldi. O pai aproxima-se da Susana).

P – Então, filhota, (faz-lhe uma festa) sua rabina. Olha quem está aqui, é a Catarina, veio ver-te.

O – Olá, Susana (sorriso).

P – (Põe a música um pouco mais alta, e a Susana cala-se). Ela gosta muito de música clássica, temo-lha posto sempre e ela acalma-se. Sente-se, Catarina.

P – Obrigado... Ela agora já está melhor, mas tem sido..., dormir pouco. Sou uma cachopa rabina, não é, filha?

S – (Recomeça a chorar).

P – Ela nasceu na 6ª..., na 6ª às dez e vinte da noite, com 3,570 Kg e tem sido puxado, mas ela já está a aprender. Não lhe posso estar sempre a fazer festas porque isso é o que eles querem agora. É, é, (ri-se)... mas têm que se habituar, não é? (brinca com a bebé).

Bem, ela tem uma força, faz mesmo força. Eu fiquei parvo, aperta com uma força, olhe...

M-Bom, até agora acho que valeu a pena mas... Isto foi puxado... Não sei se o meu marido já lhe disse que o parto foi provocado. Pronto..., ela já não estava bem, a placenta já estava velha. Ela já estava em sofrimento. Eu até julgava que ela vinha roxa, pronto, por causa do oxigénio, mas não...

P – Não, vinha toda rosadinha, com uma cara toda laroca.

M – Mas em relação aos ..., não sei se a Catarina sabe o que é..., mas já agora, como eu já sei.... Isto é assim, o bebé quando nasce tem determinadas funções que eles consideram..., como é que se diz?... natas, características natas que mostram logo a capacidade de adaptação do bebé. Pronto, e às vezes eles até precisam de ir para a estufa... incubadora, até terem os órgãos suficientemente desenvolvidos. E ela estava ótima. Portanto isso não houve problema, mas ela já estava em sofrimento. Pronto, isto tudo, depois às vezes não se sabe bem..., e sem ter os conselhos de alguém profissional. Foi puxado mas eu depois conto-lhe... (Olha para o meu saco).

(O pai põe o boneco a tocar mesmo ao lado da cabeça da Susana. A bebé desata a chorar).

P – (Passa-lhe o boneco, e acalma a bebé, pega-lhe nos pés, e depois põe-lhe o dedo dele na boca, e a Susana começa logo a chuchar, ele ri-se: Já viu...!

O – (Sorri).

P – Faz logo isto, mas nem sei se está com fome, se eu lhe ponho o dedo na boca puxa logo cá com uma força!

M – Cada vez que me lembro quando lhe prensaram o cordão umbilical, eu só pensava, estive nove meses à espera deste momento. Pronto, a pensar que ia ser um alívio, e afinal... (sorri).

(Silêncio)

M – Oh Paulo, trá-la aqui a ver se ela tem fome. (Começa a massajar o peito).

M – (Começa a amamentar a Susana, a inspirar e expirar, como se estivesse aflita).

P – Pois é, Catarina, isto de ser mãe é duro, é mesmo... A Catarina tem filhos, é casada? Quer dizer pode ter filhos e não ser casada.

M – (Interrompe-o) Oh Paulo, chiu, chiu...(Aflita a dar de mamar).

(Silêncio. Entretanto, a Isabel começa a ficar bem).

P – Ela puxa com muita força, você viu... Eles têm que fazer muita força para o leite sair. Mesmo porque às vezes o peito fica mesmo duro... É, é!

(Silêncio, o pai vai puxando o pé à Susana).

P – É para ela não adormecer, que eles adormecem a mamar, depois continuam.

M – Está bem, mas também não precisas fazer isso tantas vezes, também é bom para eles irem parando de vez em quando.

(A Susana deixa de mamar, e a Isabel deita-a ao seu lado, e põe a música do boneco).

(Silêncio)

P – Mas isto é terrível, não temos dormido nada, a Isabel esteve há bocado a dormir uma hora.

M – É muito cansativo.

P – Eu, a noite passada estive quase para ir dormir com os gatos...

(Riem-se os dois).

P – Isabel, dá-lhe o outro peito, para esvaziáres a outra...

M – (Começa a massajar o outro peito, e vira-se para o outro lado com a Susana).

P – Tem de ser, que ela agora ainda não tem muito leite.

M – (Começa a dar de mamar, no início faz novamente a respiração).

(Silêncio)

M – (Acaba de dar de mamar e deita a Susana ao seu lado, e põe o boneco a tocar).

P – Só! Afinal não tinhas muita fome, não é, cachopa?

M e P – (Olham a filha em silêncio, fazendo-lhe festas).

P – (Pega na Susana, e começa dar-lhe umas pancadinhas nas costas, depois deita-a na cama, e começa a brincar com ela).

M – Pois é, o pai está todo babado, até quer fazer tudo...

P – ...Não é, cachopo? Cachopo não, que tu és uma cachopa. Vamos aqui fazer uma ginástica, isto é bom sabe para quê?... Para as cólicas, é, aprendi lá no hospital. Houve vezes que ela chorava, chorava e a gente não sabia o que era, não era colo, não era fome... Vai lá a enfermeira e com um termómetro enfia-lhe assim no rabinho devagarinho. Ela começou logo a fazer cocó. Pronto são coisas que uma pessoa não tem experiência, e não sabe, não é?

O – Pois.

P – Então, e diga lá se ela não é bonita? Claro que os pais acham sempre que os filhos deles são os mais bonitos. Mas, normalmente os recém-nascidos nem são muito bonitos, e lá no hospital havia uns bem feiinhos...

O – É muito bonita (Sorri).

Análise e reflexão

Nesta observação, constatamos como o período anterior ao nascimento da bebé promoveu em ambos os pais atitudes diferentes. Estas atitudes, no decorrer da observação, ficaram mais evidenciadas de acordo com as capacidades expressas pelos mesmos, em viver o período turbulento após o nascimento da bebé.

Estas podem estar ligadas às fantasias dos progenitores face às suas capacidades de ir lidando com o bebé real.

A bebé tem quatro dias. Observamos que a bebé tem ainda grande necessidade de dormir e a sua resposta face aos acontecimentos é comunicada através do choro (um dos estados de consciência referido por Brazelton). E vemos também a aprendizagem dos pais para perceberem as alterações do estado de consciência da bebé.

Bastante mais notórias nesta observação são as ansiedades da mãe, face à vivência do parto e face ao nascimento da bebé, bem como a atitude do pai ajudar a mãe a entrar mais em contacto com a bebé real. “Ela já tem muita força”; “ponho o dedo e começa a chuchar”; “ela gosta é de brincadeira”, etc. São tudo observações que nos levam a pensar como este pai observa e tenta compreender a sua bebé, nos seus estados de alerta. Por outro lado, parece estar consciente de que a bebé irá necessitar de bastante atenção e cuidado.

Observamos também que a mãe do bebé está ainda muito envolvida nas questões ligadas ao nascimento da bebé, ligada ao receio se a bebé estará bem, está ainda muito preocupada se irá desempenhar bem as suas funções maternas. A mãe parece ainda encontrar-se em estado de alguma turbulência emocional. Depois do parto, tem necessidade de por cá para fora os seus fantasmas face ao facto de a bebé ser ou não, uma bebé normal. Vemos como a observadora é o continente para estas suas angústias. Tal estado da mãe parece influenciar o período de amamentação, este é vivido com alguma angústia e insatisfação. Parece não se sentir capaz de exercer as suas capacidades maternas, “pergunta à observadora se esta é casada e tem filhos.”

É no pai que observamos a capacidade de pensar os factos angustiantes, uma vez que os transforma na relação com a bebé e também ajuda a sua mulher nesta tarefa. Vemos como o pai na descrição real da bebé ajuda a mãe a perceber que a sua bebé está bem. Depois disso, ambos os pais se questionam no sentido de querer conhecer a sua bebé interpretando os seus estados de consciência.

Obs. nº 5:

Bebé Susana (S); Idade: 1 Mês 3 Semanas e 1 dia; Presenças: Mãe (M), Pai(P);

Data: 99/08/31; Hora: 19.00

M – Então vamos lá comer; quem é que está com muita fome? Quem é, filhota? (o seu cabelo por vezes cai em cima da Susana)

Olha, já está a puxar os cabelos, que malandra, agora é que a mãe fica sem cabelo. Ainda p'ra mais está na altura da queda.

Já viu!? Tem-me puxado os cabelos... (Sorri). Sua feiita. Quem é muito feiinha? Quem é? (Enrola os cabelos e põe-nos em cima da coberta da Susana).

M -Vá, é para mamar não é para brincar...

Ops! Um cocozito, estás a fazer uma prenda é, filha? (Olha para a filha)

S- (Continua a mamar, de vez em quando vai parando).

M - (Não olha para a filha)

M - Outro? É pá este é grande, muito grande ... cá para mim já estás a sujar a "cessa".

Oh Catarina, veja aí se ela está suja?

O - Parece que sim.

S - (Desata a chorar).

M - Pronto, sua porcalhota, fazes uma prenda deste tamanho; temos que ir mudar a fralda. (Levanta-se com a Susana ao colo e dirigimo-nos ao quarto). Oh Catarina, desculpe-lá trazia-me só a coberta que ficou na sala, para eu pôr por baixo dela?... Os cabelos meta-os aí na casa de banho.

O - (Foi buscar a coberta e voltou para o quarto).

M - Quem é muito feiito? Com um granda cocó. (Tira-lhe a fralda).

S - (Cala-se logo).

M - Vamos lá ver se não sujaste também a camisolita, vá lá....com uma prenda deste tamanho... não é, filha?... (Vai fazendo festinhas à Susana e dando-lhe beijinhos).

M - Estás a olhar... é a Catainha, pois é, a Catainha veio cá para conversar contigo...

S - (Arranca mais uns cabelos à mãe)

M - Ops... mais uns cabelos... Pois, tens toda a razão, a mãe está com um cabelo muito comprido, ainda não teve tempo para o ir cortar. (Continua a mudar-lhe a fralda, e a pôr-lhe o creme).

Agora vamos vestir uma cessa nova, verdinha, a que o teu pai te ofereceu; é do Sporting. A Susana fica vestida à Sporting, (O fato tem dois coelhinhos com um

relógio no meio. Era o fato que a Susana vestia na última observação antes das férias).

A mãe tem de arranjar tempo para ir cortar o cabelo...

(Silêncio)

M – (Vai fazendo festinhas à bebé).

e isto dá um trabalhão! Não dá para descansar! É muito bom também, mas... Mas eu digo isto porque a minha cabeça é que não descansa, não é o cansaço físico, é psicológico. Sinto que tenho tantas coisas na cabeça. Isto é a cabeça da mãe. Vá, agora vais ao colo da Catarina. (A mãe põe a Susana nos braços da observadora).

M – Oh Catarina, leve-a ali para a sala só enquanto eu trato aqui disto.

O – (Leva a Susana para a sala e senta-se com ela ao colo).

M – (Chega pouco tempo depois). Então, vamos lá acabar de comer... (Pega na Susana, e começa a dar-lhe de mamar, fazendo de início um esforço, que vai aliviando).

Então, quem é que dá maminha, quem é que gosta muito de maminhas, é esta feinha. (Faz-lhe festas na cabeça e dá-lhe beijinhos, olhando para ela).

S – (Olha para a mãe)

(Toca a campainha da rua)

M – Oh Catarina, desculpe lá, não se importa de me abrir a porta, é capaz de ser o Paulo.

O – (Levanta-se e vai abrir a porta da rua, e volta para a sala).

(Toca a campainha da porta de casa)

M – (Sorri). Catarina, desculpe lá, vai lá?

O – Claro.

P – Olá, Catarina, está boa?

O – Olá, Paulo.

P – Então, a Isabel?

O – Está ali na sala a dar de mamar à Susana.

P – (Espreita para a sala).

(Dirigimo-nos os dois para a sala)

P – Então, esteve de férias?

O – Uns dias...

P – Então, filhota, estás a papar (Dá um beijo à filha e à mulher).

Então não nota diferenças nela? Cresceu imenso.

M – Então não há-de notar, já não a vê há três semanas.

O – (Sorri). Está muito crescida e bonita...

P – Vês, linda?.... E como é que ela se portou?

M – Bem, fez um cocó, que até sujou a cessa toda, teve que vestir outra.

P – Não faz mal, então é mesmo assim..., não é, cachopa? Bem, tu agora queres é comer. Vou só tomar banho.

M – (Sorri para mim, como que a dizer: o pai está todo babado).

O – (Sorri).

S – (Mama durante um bocado).

M – Então, já estás a brincar com a mama. Dá-me umas dentadas, às vezes... Então cachopa, como é que é? O material não é para estragar... Senão, deixa de haver maminhas para a menina.

S – (Deixou de mamar. Fica a olhar para a mãe e a mãe para ela, a dar-lhe beijinhos. Passado um bocadinho a Susana começa a olhar para a janela, atrás da mãe, e depois para os lados).

M – (Vira a Susana de costas para ela, sobre a barriga da mãe).

S – (Começa a olhar nas várias direcções. (A mãe vai vendo para onde a Susana está a olhar, e a sorrir).

(Silêncio)

S – (Olha fixamente na direcção da observadora).

M – Então Susana, estás a ver, é a Catinha. Está muito observadora... Eu até estou a estranhar, ela não se costuma aguentar muito tempo nesta posição, desata logo a chorar.

(Toca o telefone)

M – Agora fica aqui que a mãe vai ver quem é. (Coloca a Susana deitada no sofá ao lado da observadora, e vai atender o telefone).

(Passado um bocado houve-se o pai aos berros na casa de banho: “Se for a minha mãe diz-lhe que quero falar com ela.”; M– “Acabei agora de desligar”; O pai sai da casa de banho; P – “Liga-lhe para o telemóvel”.....M - “Está desligado, depois tentas tu”.

S – (Desata a chorar).

(O pai entra na sala, seguido da mãe)

P – Então chorona, já comeste tudo! Anda cá (Pega na Susana ao colo e brinca com ela). Vamos pôr música, filha, vamos dançar.

M – (Ri-se). Só se for das músicas que a mãe gosta, senão, daqui a bocado estão cá os vizinhos.

P – Está a crescer muito depressa...

M – Daqui a pouco só quer andar na rua..., já é quase assim.

P – Gosto muito de passear, não é, filha?

Você havia de a ver era no banho, é um espectáculo.

M – Ela adora, fica toda contente.

O – Então um destes dias têm que lhe dar banho quando eu cá estiver, para eu poder ver...

P e M – Ah, está bem...

P – Fica logo bem disposta. No outro dia fez uma choradeira tão grande, que estive quase para a levar para o banho... Vai gostar de nadar, não é, filhota?

M – (Sorri). Depois come e dorme logo a seguir. É uma maravilha!

P – Ela agora já não faz tanta fita para adormecer...

O – Bom, vou andando.

Análise e reflexão

Nesta observação, parece que a mãe já vai conseguindo elaborar o sofrimento psíquico pós parto, mas ainda lhe é difícil comunicar com a bebé, mas fala com a bebé, perguntando se a mesma terá fome.

No entanto, a experiência de amamentação é ainda difícil para esta mãe, ainda não conseguiu estabelecer uma verdadeira comunicação com a bebé. Interrompe a mamada, o momento de amamentação é confundido com o momento de defecação da bebé. As suas atitudes parecem ainda muito funcionais, a descoberta da sintonia selectiva, como nos fala Stern, ainda não ocorreu. A interacção afectiva parece ainda causar nesta mãe a necessidade de verbalizar sentimentos culpabilizantes e desvalorizados face ao comportamento da bebé. A bebé chora com o desconforto e a confusão.

É notória ainda a falta de sincronia materna: a mãe encontra-se mentalmente indisponível para a bebé, queixa-se de um cansaço psicológico, esboça alguma culpabilidade.

Contudo, observamos a bebé a tentar introduzir uma mudança no comportamento da mãe, quando puxa os cabelos à mãe ou quando está a mamar e para, para olhar para a mãe, também vai seguindo com o seu olhar a mãe. Por outro lado, como nos refere Brazelton, assume uma postura com o pescoço de forma a manter mais o seu estado de alerta e a sua visão mais ampla para estabelecer a interacção afectiva. Vemos que a mãe não consegue ainda entrar em contacto emocional com a bebé, verbaliza a sua indisponibilidade mental. Usa-se da observadora como suporte de ajuda na ausência do marido.

Vemos na observação como a presença do pai ajuda a mãe a conhecer a bebé, introduz uma atitude mais voltada para os estados de consciência da bebé e para a naturalidade dos seus comportamentos tendo uma atitude afectuosa.

Durante a observação, vemos que a mãe a pouco e pouco vai se apercebendo dos estados de consciência da bebé. Sabe que quando ela está no banho, é um momento de estado de alerta e de prazer. E que existem momentos em que a bebé dorme satisfeita.

Nesta observação, a bebé começa a introduzir o seu ritmo de sono e de vigília e os pais começam a aprender os sinais dados pela bebé, para os momentos de interacção e para os momentos em que a bebé precisa dormir.

Mas é sem dúvida o choro, tal como foi referido por Brazelton e seus colaboradores, que mobiliza o pai para ir ao encontro da bebé. Neste encontro, o pai segura a bebé e fala com ela. Tal facto acalma a bebé. É a instauração do diálogo afectivo: o pai já demonstra aqui a sua capacidade de reverie (tal como foi descrita por Bion em relação à figura materna) – atribui significado ao choro da bebé e verbaliza as experiências da bebé que lhe dão prazer, dando um sentido à experiência na promoção do vínculo.

Mas vemos nesta observação, tal como foi referido por Brazelton, que são os pais os responsáveis pelo início da interacção, a simetria da relação entre a bebé e os seus pais é evidente. São os pais que fornecem os conteúdos para o estabelecimento da interacção. Tal como foi referido por Bion em relação à figura materna, compete à mãe com capacidade de reverie e maturidade psíquica intuir as necessidades físicas e psíquicas da bebé. Tais atitudes favorecem o desenvolvimento do aparelho mental rudimentar da bebé.

Obs. nº 6:

Bebé Susana (S); Idade: 1 Mês 4 Semanas e 1 dia; Presenças: Mãe(M), Pai(P) e Empregada(E); Data: 99/09/07; Hora: 19.00

(Entramos na sala, a Susana estava deitada no sofá)

P – Olha quem te veio ver?

O – Olá, Susana.

P – Cá está ela toda mandriona, não é, filha? Não tenho sono nenhum.

S – (Parece sorrir para o pai).

P – Quem tem esta cara linda? (Dá-lhe muitos beijos, na cara e na barriga).

S – (Começa a chorar).

P – (Pega-lhe ao colo).

S – (Cala-se).

P – Isto é que ela gosta de andar cá em cima, para ver as vistas.

S – (Olha muito atentamente para os quadros pendurados na parede, e para um móvel envidraçado).

P – Ela adora isto. Se pudesse andava sempre aqui às cavalitas do pai, não era, Susana?

S – (Continua a olhar, para o móvel, com os olhos muito despertos).

P – (Vai fazendo festas na cabeça da filha, e dá-lhe beijos. Depois pega nela no ar e levanta-a, rindo-se).

S – (Olha para o pai e depois em frente).

P – Vês, estás mais alta que o pai.

Você já viu, ela é comprida, vai ser alta, vai vai.

O – (Sorri).

P – Agora vais-te deitar ali um bocadinho ao pé da Catarina, que o pai vem já. (Deita a Susana ao meu lado, e sai da sala).

S – (Olha em volta, mexe as mãos, e depois fica a olhar para a observadora).

O – (Sorri).

S – (Continua a olhar, depois olha na direcção da televisão, e depois da janela, levando a mão à cara, e mexendo os pés).

(Passado um bocadinho desata a chorar).

P – Então, então, já aqui estou.

S – (Cala-se e olha para o pai).

P – (Dá-lhe beijos e brinca com as pernas dela).

S – (Sorri).

P – Não gosta quando a gente se vai embora... Não é, filhotinha, velhaquita! Mas tens que te habituar, que é para te desenvencilhares...

S – (Olha para o pai).

P – É para não seres menina da mamã, agarrada à saia da mãe. Bem, mesmo que quisesses, a tua mãe ..., não é muito dada para mãe galinha, sou mais eu que ela.

Mas tu sais ao pai, toda bem disposta.

Por acaso é! Eu às vezes queixo-me, mas ela é muito boazinha, coitadinha.

Deixa cá ver mais, em que é que vais sair ao pai? No feitio. Sim porque o da tua mãe...

(Vai brincando sempre com a Susana).

S – (Olha para o pai, e para os lados).

P – Vou-te pôr uma música, das do pai. (Levanta-se e liga a aparelhagem).

S – (Olha para a observadora).

P – Agora deixa cá ver no que é que podes sair à mãe,... é difícil... mas vamos arranjar alguma coisa... Já sei, é bom que tenhas um fígado como o da tua mãe, que o do pai já não é lá muito bom. A mãe não bebé.

S – (Desata a chorar).

P – Pronto, vamos ao passeio. (Pega-lhe ao colo).

Isto, por ela passava a vida na rua, adora quando sai.

O – (Sorri).

S – (Cala-se).

P – Não é, menino, menina? É tão gira. (Vai-lhe dando beijos, enquanto a Susana olha para a televisão). Tem cara de menino, tem não tem?

O – (Sorri).

P – Diz assim: sou parecida com o pai, mas não sou menino.

S – (Começa a bolsar).

P – Que é isto,... estás a bolsar, então não tens fome, precisavas era de dares estas voltas, que ainda não tinhas bolsado. Vá, vais para ali para o pé da Catarina que o pai vai limpar isto.

(Deita a Susana ao meu lado e sai, voltando com um pano para limpar o chão).

S – (Começa a fechar os olhinhos).

P – Já está com sono. Se fosse para o banho despertava já. É um espectáculo no banho, fica tão bem disposta, não é, filha? Adora água. Vá, toma a chucha.

S – (Deixa cair a chucha).

P – Pronto, agora já fica aqui a dormir.

(Silêncio)

P – (Sai da sala e passados uns minutos volta. Faz umas festas à Susana). É tão bonita, não é?

O – É. (Sorri).

(Silêncio)

P – (Pega num livro que estava em cima da mesa, sobre sexualidade na adolescência). Deixa cá ver o que é que a tua mãe anda a ler. (Folheia o livro, depois volta a pôr o livro em cima da mesa, e faz uma festa e dá um beijo à filha).

P – (Sai da sala. Diz à Isabel que ainda quer ir à nataçãõ).

S – (Continua a dormir; de vez em quando, quando o pai fala, abre um bocadinho os olhos).

P – (Entra na sala). Vou só aqui ajeitá-la. (Aconchega a Susana no canto do sofá, e volta a sair, passando várias vezes no corredor).

(A observadora fica sozinha com a Susana)

(Passados uns cinco minutos aparece a Isabel)

M – Está a dormir?

O – (Acena que sim com a cabeça e sorri).

M – (Faz umas festas à Susana e senta-se ao lado dela, debruçando-se para a frente a ler umas revistas, e depois um livro sobre sexualidade na adolescência).

(Silêncio, durante cerca de dez minutos)

O – (Sorri). Pois.

S – (Mexe as mãos e os olhos).

(Silêncio)

M – Bem, vou até lá dentro.

O – (Fica sozinha com a Susana).

P – (Entra na sala, senta-se e faz umas festas à filha)

(Silêncio)

P – Deve ser muita chato estar a vê-la dormir. Não é?

O – Não.

P – Bem, eu digo isto porque quando são os nossos,... agora os outros putos não conseguia...

O – (Sorri).

P – (Levanta-se e vai para o corredor).

(A mãe está no quintal a pendurar roupa; a observadora vê-a através da janela da sala)

P – (Volta a entrar na sala e senta-se ao lado da Susana). É tão querida, já deve estar a sonhar, assim com os olhinhos.

S – (De vez em quando virava os olhos).

O – Bem, Paulo, vou andando...

Análise e reflexão

Registamos nesta observação o interesse do pai em compreender os estados de consciência da bebé e a aprendizagem da manutenção do estado de alerta da bebé, mas respeitando o seu ciclo de sono.

Observamos que o pai atribui ao estado de alerta da bebé um desejo de interacção e tenta prolongar esta interacção. A mãe parece restringir este desejo apenas ao estado de fome ou de mal-estar da bebé.

Vemos aqui uma diferença parental no desenvolvimento de uma atitude mental do pai mais ligada às necessidades psíquicas da bebé e uma atitude materna mais ligada às necessidades materiais da bebé. Bion chama-nos atenção que, se tal clivagem entre as necessidades psíquicas e físicas for excessiva, podem ocorrer dificuldades na constituição da barreira-de-contacto, e conseqüentemente, dificuldades na qualidade e natureza da constituição do aparelho psíquico da bebé.

Perante tal diferença, vemos que a bebé, quando está com o pai, sorri e reconhece a sua voz, e está mais atenta aos acontecimentos, parecendo estar a aprender a auto-regular-se, tendo uma maior plasticidade emocional e motora. São notórios nesta observação os vários estados de consciência que a bebé apresenta (estados de: alerta,

sono intermédio, choro). Esta plasticidade mental ajuda a bebé a elaborar os seus conteúdos psíquicos, no estado de sono e no estado de vigília.

Observa-se, por outro lado, como cabe aos pais nesta fase proporcionar o início das interações atribuindo significados emocionais e ajudando a que a bebé aprenda a auto-regular-se e a manter o seu estado de alerta dando significação emocional a experiência. Segundo Brazelton, é neste período que surgem os primeiros sorrisos e vocalizações, a atitude mais sincrónica do pai com a bebé parece facilitar estas competências da bebé.

Obs. nº 9:

Bebé Susana (S); Idade: 2 Meses 2 Semanas e 6 Dias; Presenças: Mãe (M) e Avó Materna (AM); Data: 99/09/29; Hora: 10.00

M – (Dirigindo-se à observadora). Já tinha dado por ela ter acordado? Oh minha querida, já acordou! Foi, Susana?... (Aproxima-se da filha e faz-lhe umas festas na cara).

S – (Sorri).

M – (Pega na Susana ao colo e leva-a ao hall, junto da avó). Olha, a avózica, é a avózica...

O – (Acompanha a mãe e a filha).

M – (Leva a Susana para a sala. Senta-se com a filha ao colo).

O – (Senta-se do lado esquerdo).

M – Vamos comer, filhocas. (Prende o cabelo e começa a dar de mamar com a mama esquerda). Olha! O que é? São as mamicas, as mamicas da filha!

S – (Mama com uma respiração muito forte e faz muitos sons).

M – Então, não é para escavar o material!... Oh Mãe, comprei carne, tem que se guardar! (Raramente olha para a filha, depois repara num arranhão na cara da Susana, perto do olho). Temos que cortar estas unhas...

S – (Continua com uma respiração forte e a fazer sons).

(Pausa)

M – Pronto... (Deita a Susana e coloca-a ao colo virada para si, enquanto prepara a mama direita). Vá, vamos lá a esta... (Começa a dar-lhe de mamar da mama direita).

S – (Olha para a mãe, mexe os pés).

M – (Raramente olha para a Susana; parece mais atenta ao barulho que vem do quintal).

S – (Olha para a mãe e põe a mão direita sobre a mama).

M – (Segura a mão da Susana e faz-lhe festas na mão, sem olhar para a Susana).

S – (Olha, ora para a mama, ora para cima na direcção ao lado da cara da mãe).

M – (Interrompe a mamada da Susana, pega na bebé e deita-a ao lado da observadora). Eu vou só ali, fique aqui com ela, Catarina. (Levanta-se e sai da sala).

S – (Olha para a observadora, estica o braço esquerdo e toca-a na mão. Depois roda a cabeça e olha em volta, bolsa e mantém-se calada).

M – (Volta, e recomeça a dar de mamar à Susana). Vamos lá continuar, filha...

S – (Esperneia e mexe a mão, olha para a mama e para cima, raramente para a mãe. Quando o faz desvia logo o olhar).

M – (Não olha para a Susana, continua atenta ao que se passa lá fora).

S – (Deixa de mamar).

M – Já não queres mais, afinal não tinhas muita fome! (Pega na Susana ao colo, do seu lado esquerdo e acaricia-lhe as costas, e os pés. Vira-a de frente). Esta minha vizinha... (Respira fundo).

Estás a olhar para a Catarina... (Sorri para a observadora).

O – (Sorri).

M – Vem cá para conversar contigo; é uma visita, não é, filha? Eu gosto muito de visitas! (voz abebézada).

Vamos mudar a fralda e vestir a cessa nova, lindicas... (Deita a Susana no sofá e começa a mudar-lhe a fralda). Ai, que eu tenho uma cessa nova, não é? (Sorri para a Susana, e faz-lhe festas).

S – (Sorri).

M - Então, a vizinha ainda estrebuchou muito? ... (Discussão por causa da vizinha que se queixa das gatas da Isabel. Isabel irrita-se com a mãe e levanta-lhe a voz, quando a mãe não lhe dá razão, e lhe diz que um dia destes as gatas têm mais não sei quantos filhos. Isabel argumenta com a mãe que a vizinha também tem cobras e lagartos e ela nunca se queixou. Compreende que é chato para a vizinha que as gatas lhe estraguem o quintal, mas ela não tem culpa. As gatas aparecem-lhe no quintal dela, ela não consegue deixar de lhes dar de comer, e também não as vai matar. A vizinha que as mate...).

S - (Olha para cima, e para a avó, bolsando sem que a mãe repare).

M - Oh mãe, senta-te. (Vai continuando a mudar a fralda à Susana, quase sem olhar para ela).

S - (Faz uns sons ...).

M - Então, filhota, já estás a refilar, estás como a vizinha. Vá, agora vamos para a sessão de manicura... (Deita a Susana sobre as suas pernas, de barriga para baixo, com a cabeça virada para o lado direito dela, enquanto prepara uns cremes que tem sobre a mesa).

S - (Roda a cabeça e levanta um bocado as pernas).

AM - (Sai da sala).

M - (Deita-a sobre as suas pernas, de frente para ela e põe-lhe creme na cara). Ai que bom, caricas lindas ... (Sorri para a Susana).

S - (Sorri).

(Pega a Susana ao colo de costas para ela)

M - Oh mãe, não guardaste a carne! Depois estraga-se.

Anda, vamos ver a avozicas, que está ali a trabalhar.

O - (Acompanha-as até ao hall, onde a avó estava a passar a ferro).

M - Oh filhitas, olha a avozicas, pois é. É a avozicas!

AM - (Sorri para a Susana).

M - Olha, filhocas, a Catarina vai-se embora. Faz adeus à Catarina. Diz lá: adeus Catainha (Acena com a mão da Susana).

S - (Olha para a observadora).

O – Adeus Susana, até quarta. (Despeço-me da Isabel e da avó). Boa tarde, até para a semana.

Análise e reflexão

Nesta observação, vemos que a indisponibilidade da mãe (Isabel) face à bebé poderá estar relacionada com as suas dificuldades de relação com a sua própria mãe. O contexto de discussão com a sua mãe surge à volta da capacidade materna, ter ou não ter capacidade de ser boa mãe, de alimentar os filhos (gatos).

Este conteúdo latente é expresso, na relação com sua mãe, através de um desentendimento com a vizinha. Tal como foi referido por Ester Bick, a análise dos conteúdos latentes na observação ajuda-nos na compreensão dos fenómenos psíquicos observados, quer estes sejam de ordem do consciente ou do inconsciente.

Podemos compreender que as dificuldades desta mãe, que está mentalmente confusa e perturbada, podem interferir nas suas capacidades de atenção face à bebé, de interpretar correctamente o desejo de interacção afectiva que a bebé demonstra.

Observamos que a bebé deixa de mamar perante a indisponibilidade expressa pela mãe que está irritada e que não olha para a bebé. Observamos que a bebé tenta promover uma interacção emocional, olhando para a mãe e tocando na mão da mãe. Quando fica sozinha, com a observadora toca-lhe na mão, pessoa que provavelmente sente como mais disponível. Encontramos esse comportamento na bebé, graças à sua atenção visual sustida e a sua capacidade de tolerância à frustração, capacidades para lidar com a experiência de dispersão e de agressão projectada pela sua mãe (falha na função alfa da mãe como nos fala Bion). A bebé, perante a ausência da mãe, vai procurar o contacto visual e de tacto com a observadora, demonstrando o seu desejo de partilha emocional. Quando a mãe sente-se menos zangada, estabelece com a bebé uma relação mais próxima, tal facto promovendo na bebé sorrisos e vocalizações. Isto também demonstra, tal como foi referido por Bion, que a bebé apresenta uma razoável tolerância a frustração e que neste momento podem surgir novas realizações e novos pensamentos.

Por outro lado, e de acordo com Brazelton, podemos pensar que os ciclos de sono da bebé vão diminuindo como uma clara demonstração do seu estado de auto-regulação, que leva a bebé a procurar em outros objectos e em outros acontecimentos comportamentos de auto-estimulação, que lhe permitem momentaneamente desprender-se do que já tem como adquirido, tolerando a possibilidade de não compreensão por parte da mãe.

Observamos o esboçar-se das capacidades da bebé em ligar-se a outras experiências e a aprender a tolerar a ausência de resposta da mãe, fruto da transformação dos elementos beta em elementos alfa, função da função alfa e capacidade de reverie, exercida em outros momentos de experiências de significação emocional, com os objectos cuidadores.

Obs. nº 12:

**Bebé Susana (S); Idade: 3 Meses 1 Semana e 3 Dias; Presenças: Mãe (M) e Pai (P);
Data: 99/10/19; Hora: 20.00**

M – Ela está aqui no quarto. Tem estado um bocado mal.

P – Não tem dormido nada, parece que está com cólicas, não sabemos bem.

M – Entre, sente-se. (Espreita a Susana, que dormia na alcofa). Fique à vontade, nós estamos ali na sala. Deixo-lhe a luz do hall acesa.

O – Está bem.

S – (Dormia de barriga para cima, com os braços por cima da coberta. Por vezes fazia uns sons).

(Passados cinco minutos a Susana acorda)

S – (Começa a chorar).

M – Então, filha (Pega na Susana ao colo), não consegues dormir? Pronto. (Senta –se com a filha na cama, faz-lhe festas nas costas).

M – Não dorme nada desde ontem. Está com umas cólicas, coitadinha. (Dá beijos à filha e começa tirar-lhe as peles dos ouvidos, e a fazer-lhe festas).

S – (Cala-se).

M – (Embala-a com o corpo).

S – (Fica ora quieta, ora a abanar a cabeça).

(Silêncio)

S – (Desata a chorar).

M – Também não sei se não serão os dentes.

S – (Continua a chorar).

M – (Deita-a na cama e faz-lhe massagens na barriga).

S – (Continua a chorar).

M – (Pega na Susana ao colo e vai até á cozinha).

O – (Acompanha-as).

S – (Cala-se).

(O pai estava na cozinha)

M – Olha, já se calou. Eu sei bem quais são as tuas cólicas.

P – (Pega na Susana ao colo e faz-lhe festas e dá-lhe beijos na cabeça). Então, filha, já passou? (Sorri; vira-a para a mãe).

M – Então, então. (Sorri para a filha. Faz-lhe uns sons).

S – (Sorri).

M – Olha, olha, já não me dói a barriga.

P – (Brinca ao avião com a filha na direcção da mãe. Sorri).

M e S – (Riem-se uma para a outra. Susana vocaliza uns sons).

P – (Brinca ao avião com a filha na direcção da observadora).

S – (Sorri).

P – (Continua, na direcção da mãe). Ah, já comprei o magnésio. Já há aí...

M e S – (Sorriem uma para a outra).

M – Pronto, já brincaste, agora óó, que o papá vai ter que ir jantar. (Pega na Susana ao colo e leva-a para o quarto).

O – (Acompanha-as).

M – (Recosta-se na cama e começa a dar de mamar, da mama direita à Susana).

S – (Fica irrequieta, começa a mamar, depois tira a boca, e vai fazendo isto repetidas vezes).

M – (Vai tentando ajeitá-la fazendo-lhe festas na cara e dando-lhe beijos na mão).

S – (Recomeça a chorar).

M – (Deita-se na cama em posição fetal, com a filha ao lado, tentando continuar a dar-lhe de mamar).

S – (Mama com sofreguidão, interrompendo por vezes com o choro).

M – (Aproxima mais a filha de si, de forma a ficarem mais aconchegadas, e puxando mais a sua camisola para cima).

S – (Mama com uma respiração calma).

M – (Vai fazendo festas à filha, limpando-lhe as orelhas, e dando-lhe beijos na mão. Fica muito pensativa).

(Silêncio)

S – (Deixa de mamar).

M – (Ajeita-se melhor e experimenta dar-lhe a mama esquerda).

S – (Vira a cara já com os olhos fechados).

M – (Aconchega a filha do lado direito, ao seu colo, e faz-lhe festas).

S – (Parece adormecida).

Análise e reflexão

Os bebés, tal como foi observado por Brazelton e seus colaboradores, estarão despertos para a interacção emocional. A relevância destes estudos permite uma abertura para compreendermos quais as atitudes parentais que favorecem o equilíbrio emocional da bebé. Por outro lado, parece ser o choro e a compreensão dos estados de sono e vigília que mais mobiliza os pais para tentarem compreender o estado emocional da bebé.

O pai parece estar sintónico com a bebé, sendo capaz de perceber o desejo de interacção: a bebé acalma-se após brincar com o pai. O pai vai arquitectando momentos

de expectativa e de entusiasmo, facto que transforma o mal estar inicial da bebé, ficando contente após atitude afectuosa do pai.

Por outro lado, vemos que a mãe tem uma atitude mais amorosa e tenta pela primeira vez intuir o desejo da bebé, preocupa-se com o estado da bebé, tenta acomodar-se aos ritmos da bebé, colocando-se numa postura fetal para melhor dar de mamar e permitindo que a bebé adormeça.

Vemos também que a mãe pela primeira vez parece partilhar uma experiência emocional com a bebé, fica pensativa, identifica-se com a bebé, coloca-se no lugar da bebé. Temos aqui a capacidade de reverie materna, no dizer de Bion e temos também uma sintonia selectiva no dizer de Stern.

Consequentemente, a repetição destas experiências permitirá a bebé avançar no seu desenvolvimento psíquico e motor. E progressivamente, como nos fala Bion, a constituição do início de uma barreira de contacto que irá permitir a bebé ao nível do seu desenvolvimento mental progressivamente distinguir as experiências emocionais nas suas realidades externas e internas.

Obs. nº 17:

Bebé Susana (S); Idade: 4 Meses e 2 Semanas; Presenças: Mãe (M) e Pai (P); Data: 99/11/23; Hora: 20.00

O – (Senta-se do lado direito da Susana).

P – (Põe a música mais alto).

S – (Sorri para a observadora).

P – (Senta-se ao lado da filha e vê televisão).

S – (Olha para a televisão, depois para a observadora, sorri e começa a emitir sons (ua...ua...)). Os sons vão-se tornando cada vez mais agudos).

P – Olha, então filha! (Ri-se e volta a olhar para a televisão).

S – (Olha para a observadora e sorri. Recomeça a emitir sons ao mesmo tempo que mexe as pernas. Os sons vão aumentando de tom, acabando sempre num tom cada

vez mais agudo. Faz pausas entre cada emissão de sons, ficando a olhar para a observadora e sorrindo, recomeçando de novo a vocalizar).

P – Estás a falar com a Catarina? (Massaja a barriga da Susana, quase sem olhar para ela).

S – (Continua a olhar para a observadora e a vocalizar).

P – (Pára de massajar a barriga da Susana e dá-lhe um beijo na cara). Tens aqui um arranhão, é sempre a mesma coisa, filha! (Pega nas mãos da Susana). Também com estas unhas. Bem, é incrível, as unhas crescem-lhe...!

S – (Olha para o pai).

P – (Segura os pés da Susana e continua a ver TV.)

S – (Olha para o tecto, depois para a observadora, depois novamente para o tecto e começa a seguir, devagar, com o olhar a sua mão direita, na direcção da observadora. Olha para a observadora, e logo de seguida para o tecto começando a chorar).

P – Então, já estás a ficar chata. (Põe-lhe a chucha).

S – (Cala-se e chucha a chucha e volta a olhar para a observadora, deixando cair a chucha).

P – (Volta a pôr-lhe a chucha).

S – (Olha para o seu lado esquerdo e arranha o sofá. Depois põe um dedo da mão esquerda à boca, chuchando a chucha e o dedo. Passado um bocadinho deita a chucha fora e recomeça a chorar).

P – (Pega na Susana ao colo, virada para ele, e dá-lhe beijos na cabeça, virando-a de seguida de costas para ele e continuando a ver TV).

S – (Olha para a televisão e desvia o olhar para as suas mãos que junta e leva a mão esquerda à boca. De seguida olha para baixo atirando o corpo para a frente).

P – (Segura a Susana, deixando-a ir um pouco para a frente e puxando-a novamente para trás).

S – (Repete de novo, desta vez sem a mão na boca).

P – Já viu isto!? Já se quer mandar. Se a gente não a segura... É a super mulher, não é, filha? Tem de ser, que eu não gosto cá de meninas mariquinhas.

S – (Começa a fazer bolinhas de saliva).

P – (Deita a Susana no sofá e começa a encolher e a esticar-lhe as pernas). Vá, vamos a fazer ginástica.

S – (Olha para a observadora e depois para o tecto e desata a chorar).

P – Então, não sejas chata. Assim já estás a ficar chata. Se calhar tens fome... mas o leite está na vizinha.

S – (Continua a chorar).

P – (Pega na Susana ao colo e vira-a de costas para ele).

S – (Continua a chorar).

P – (Põe a Susana deitada de barriga para baixo sobre o braço dele).

S – (Cala-se e fica a olhar para baixo, com a mão direita na boca).

P – Assim já gostas, não é, filha? (Continua a olhar para a televisão).
(Ficam assim um bocado, e depois deita novamente a Susana, de barriga para cima, no sofá)

S – (Desata a chorar).

P – Pronto, assim se não é fome, deixa cá ver a fralda. (Desaperta-lhe o fato e põe-lhe os dedos dentro da fralda).

S – (Continua a chorar).

P – Não pareces ter chichi, mas vamos lá tirar isto. (Tira-lhe a fralda).

S – (Cala-se).

P – Não está muito pesada, mas sempre tem alguma coisa. Esperas um bocadinho que o pai vai buscar outra. Agora não te esqueças de fazer aqui em cima do sofá. Não era a primeira vez que fazes onde não deves. (Sai da sala).

S – (Olha para as suas mãos em frente à cara e mexe lentamente os dedos da mão direita, olhando atentamente para eles).

P – (Entra na sala com uma fralda na mão, e muda a fralda à Susana). Sempre ficaste melhor... Mas também deves ter fome. O papá vai-te preparar o leite. (Recomeça a ver TV).

S – (Olha para a observadora).

P – (Põe a chucha à filha).

S – (Chucha e olha para a observadora, deixa cair a chucha, flecte as pernas e agarra o joelho. Recomeça novamente a chorar).

P – (Pega na chucha). Está sempre com pêlos. (Limpa a chucha com a mão e põe novamente a chucha à Susana).

S – (Tira a chucha com o dedo, e desata chorar).

P – Pronto, ficas aqui com a Catarina, que eu vou buscar-te o leite. (Sai da sala e de casa).

S – (Continua a chorar).

P – (Entra em casa e dirige-se à cozinha). Pronto, já vou fazer.

S – (Continua a chorar).

P – (Fala alguma coisa da cozinha mas não se consegue perceber o quê devido ao choro da Susana).

P – (Entra na sala, senta-se e pega na Susana ao colo). Pronto, já está a fazer.

S – (Soluça).

P – (Vira a Susana de costas para ele e continua a ver TV).

S – (Continua com soluços, a olhar para as suas mãos).

P – Está com soluços, não é? Então, filha? (Deita-a novamente no sofá e vai à cozinha).

S – (Chora e encolhe e estica as pernas com força).

P – Já vai

S – (Chora mais um bocado e depois deixa de chorar, e começa a fechar os olhos).

P – (Entra na sala). Pronto, está só a arrefecer. Estava muito quente, está em água. Acho que é em banho-maria, que se chama. (Senta-se e faz festas nos pés da Susana, recomeçando a ver TV).

S – (Parece quase adormecida).

P – (Não olha para a Susana, continua a ver TV). (Passado um bocado) Olha já está a dormir. Afinal fui fazer o leite, tinha era sono. Coitadinha. (Faz uma festa na barriga da Susana).

(Eram 20.45, ouve-se o barulho da porta da entrada do prédio)

P – Olha, é capaz de ser a mãezinha.

M – (Entra em casa, olha para o lado do telefone, e entra na sala.) Então... (Sorri e cumprimenta o marido).

M – Olá, Catarina. (Sorri).

O – Olá, Isabel. (Cumprimentam-se).

S – (Olha para a mãe e volta a fechar os olhos).

M – (Despe o casaco e olha para um papel que estava em cima da mesa).

P – Olha a mãezinha...

M – (Olha para a Susana) Então, querida... Já está a dormir...!

P – Ferrou-se, fui eu fazer-lhe o leite. (Levanta-se e sai da sala).

M – (Aproxima-se da filha pega-lhe ao colo e senta-se no lugar onde estava a Susana, com esta ao colo, dando-lhe beijos na cara e cabeça). Então, filha, estás com soninho. (Sorri-lhe).

S – (Abre os olhos e sorri).

P – (Entra na sala com o biberão e senta-se ao lado da mulher e da Susana). Então, já acabaste o curso?

M – Já.

(Silêncio)

M – (Faz festas à filha e sorri-lhe).

S – (Vai ficando cada vez mais desperta, olhando para a mãe).

P – (Aproxima-se de ambas). Agora é que entornaste o caldo; era só metê-la na cama, que era uma maravilha. (Ri-se). Quem me dera que isto acontecesse outras vezes que eu quero estar aqui a ver televisão e a menina não adormece. Agora que podia ficar aqui e ela dormia que nem um anjo, pronto! Não é, filha? (Sorri e beija o pé à filha).

M – Op... (Sorri para a observadora).

S – (Olha para a mãe).

M – Então! (Sorri). Então... (Sorri).

S – (Sorri).

P – É tão linda, fica mesmo querida.

M e S – (Continuam a olhar uma para a outra e a sorrir).

M – Dá cá, que eu dou-lhe. A menina não podia ir dormir já, ela tem fome.

P – (Passa o biberão à mulher). Isso, se ela tivesse fome não adormecia. Quando se tem fome nem se consegue dormir.

M – (Começa a dar o biberão à Susana). Ai leitinho, filha...

S – (Olha para a mãe e começa a beber o leite, olhando para a mãe).

(Silêncio)

M e S – (Olham uma para a outra).

P – (Debruça-se sobre ambas).

M – Lembra-me que tenho de telefonar ao médico.

P – Mm.

S – (Olha para a observadora, e de novo para a mãe).

M – (Apalpa a cabeça da Susana). Ela tem aqui uma borbulha.

P – Onde? (Começa também a apalpar a cabeça da Susana).

M – Aqui.

P – Pois tem. (Dá um beijo na cabeça da filha).

S – (Olha para a mãe).

P – Já viu isto, não dá trabalho nenhum, é mesmo linda. Por enquanto não dás trabalho. Era bom é que continuasse sempre assim, mas depois já se sabe. Crescem, depois vêm os rapazes, discotecas. Bem, se saíres à tua mãe não vais muito nessas vidas. A tua mãe também foi de menos, não havia discotecas nem copos. O pai é que já foi diferente. É tão linda! (Beija a cabeça da filha).

M – (Sorri).

M – Oh, Paulo, segura só aqui um bocadinho (o biberão).

P – (Segura o biberão).

S – (Olha para o biberão).

M – (Puxa o cabelo para trás).

P – Eu espero é que ela seja desenrascada. Não vás ser como um cliente que eu tenho lá no trabalho, que a filha vai para a discoteca e depois às três da manhã telefona ao papá para a ir buscar. Teve a curtir e o homem deita-se e depois tem que se levantar para ir buscar a menina. Havia de ser comigo.

M – Não digas isso, tem mais é que a ir buscar.

P – Essa agora, quer se ir divertir, digo-lhe: toma lá cinco contos para depois apanhares um táxi. Não, brincas, estava a dormir e depois levantava-me para a ir buscar. E quando souber conduzir leva o carro.

M – Dizes isso, mas...

P – Se não quiser não vai...

M – Vai com a mãe, vamos as duas curtir, não é, filha?!

(Silêncio)

P – Eu às vezes queixo-me, mas ela não dá trabalho nenhum.

M – (Sorri para o pai e volta a pegar no biberão).

(Silêncio)

O – Vou indo, volto então para a semana.

M – (Sorri). Até terça, Catarina. (Despede-se da observadora).

P – Adeus, Catarina. (Despede-se). Espere lá, que eu levo-a à porta. (Muda o canal da TV e acompanha a observadora à porta).

Análise e reflexão

Nesta observação, vemos que a interacção desadequada do pai em interpretar os estados de consciência da bebé promove na bebé um estado de desconforto, a bebé começa a chorar. O pai tenta interpretar o mal-estar da bebé. No entanto, observamos que fica zangado por não alterar o estado da bebé, vai levantando várias hipóteses, será fome, será por ter a fralda suja. A bebé comunica, no meu entender, várias coisas em relação ao seu estado psíquico, quando o pai tem uma atitude de que respeita o ritmo interactivo da bebé, ela colabora e acalma-se.

Quando o pai tem uma atitude monótona, a bebé aborrece-se. Nestes períodos, além de olhar para a observadora, brinca com o seu próprio corpo. Esta observação é significativa há vários níveis: a bebé já sabe diferenciar o pai da mãe, olhava muito para a observadora para estabelecer o contacto visual e por outro lado a ausência da mãe fazia-se sentir. Pois a bebé sai do seu estado de sono intermédio, quando ouve a voz da mãe, muda o seu comportamento com a chegada da mãe, acorda e estava disponível

para a vivência emocional, existindo uma sintonia afectiva entre mãe e bebé. E existe também uma sintonia do casal em relação a bebé, ambos tentam responder de acordo com as necessidades físicas e psíquicas da bebé.

Há uma aprendizagem recíproca na relação entre a tríade. O que me faz pensar no conceito de Unidade originária de Perez Sanches. E nas observações de Brazelton e colaboradores na importância de existir por parte dos pais um sentimento de competência e de compreensão face ao comportamento da bebé. As características das interações intencionais e emocionais dos pais na sua relação com a bebé, neste caso a sincronia, e contingência em ambos os progenitores.

Obs. nº 18:

Bebé Susana (S); Idade: 4 Meses e 3 Semanas; Presenças: Mãe (M) e Pai (P); Data: 99/11/29; Hora: 20.00

(A mãe abre a porta)

M – (Trazia um recipiente com água na mão). Olá! (Sorri).

O – Olá, Isabel.

M – Ela está ali, eu ia agora mudar-lhe a fralda.

M e O – (Dirigem-se para o quarto).

S – (Estava deitada em cima da cama, sem a fralda).

M – Olha, é a Catarina.

S – (Sorri para a mãe e depois para a observadora).

O – (Senta-se na cama, do lado direito da Susana. O boneco oferecido à Susana continua pendurado na cama dos pais).

M – (Começa a limpar a Susana). Olha quem veio ver-te, a Catarina.

S – (Sorri).

M – (Sorri). Olha ela tem uma piua, tem uma piuzita.

S – (Começa a vocalizar num tom agudo, mas baixo, e olha para o tecto).

M – Ai a piua da menina, tem uma piua pois, uma piua pequenita. (Sorri).

S – (Olha para a mãe e mexe as pernas. Depois olha para a observadora e novamente para a mãe).

M – Não faz é cocó, a malandra da menina. Já há dois dias, cocózito é que nada. (Começa a limpar-lhe o rabo). Ai o cuzito, tem um cuzito pequenino.

S – (Começa a fazer uma respiração forte, mexendo as pernas com força, fazendo pausas e lambendo-se, repetindo).

M – (Começa a pôr o creme à Susana nas virilhas).

S – (Recomeça a vocalizar num tom muito agudo, desta vez num tom um pouco mais alto).

M – (Continua a pôr o creme, na vagina).

S – (Começa com uma respiração muito forte, mexendo de forma rápida as pernas, a mão direita, olhando para o tecto, e fazendo vocalizações muito agudas, mas num tom baixo).

M – Ai a piua , a piua da menina.

S – (Repete de novo as vocalizações, da mesma forma que a anterior, mas desta vez levantando as pernas e segurando os pés).

M – Ai, então. (Puxa as pernas da Susana para baixo, e continua a pôr-lhe o creme).

S – (Repete o movimento das pernas, a respiração e o olhar para o tecto, mas desta vez levando as mãos à boca).

M – (Sorri). Ai a menina, tá contente. (Começa a pôr-lhe o creme no rabo, segurando-lhe os pés).

S – (Fica com um ar sério, olha para o tecto, põe a mão esquerda na boca e com a direita segura o pé direito. Começa com uma respiração forte e contida, e depois vocaliza “ba ba, pruu, ba ba pruu”. Começa a fazer cocó, sólido e escuro).

M – Olha um cocó. (Limpa-lhe logo o rabo e o cocó com um pano. Põe-lhe outro pano debaixo do rabo).

S – (Continua a fazer cocó, e a fazer a vocalização “ba ba pruu”).

M – Vá, força, filha. (Limpa-lhe logo o rabo e embrulha o cocó no pano, e põe-lhe outro pano debaixo do rabo, desta vez segurando no pano).

S – (Mantém as pernas para cima, segurando nos pés).

M – (Sorri). Vá, faz mais filha, ainda há mais filha...? (Massaja-lhe a barriga pressionando-a).

S – (Continua a fazer cocó).

M – Oh Catarina, se lhe fizer impressão, pode ir dar uma volta, o cheiro, pode ir dar uma volta ali à sala.

O – (Não responde, continua a olhar para a Susana).

S – (Faz uma respiração contida, pruu, pruu, e continua a fazer cocó).

M – Ai um cocó grande, cheira mal, filha, não é? Muita mal cheiroso!

M – (Limpa logo o rabo à Susana e volta a embrulhar o cocó dentro do pano, sem lhe pôr outro pano debaixo). Então, já está? Ainda há mais, filha? (Massaja-lhe a barriga).

S – (Sorri).

M – Ai que linda, fez cocó. Não é, filha? (Dá-lhe palmadinhas no rabo).

S – (Olha para a mãe com um ar sério. Olha para o lado e agarra a fralda).

M – Não, isso não, isso é porcaria. (Tira-lhe a fralda). Então, não fazes mais... (Faz-lhe festas no rabo). Ah! Então, filha, fez chichi...

S – (Levanta mais as pernas).

M – Olha olha a malandrecia, sua chatita, a menina é chatita. (Começa a limpar a Susana com uns “dodots”, e a limpar a cobertura que estava debaixo da Susana).

S – (Olha para a observadora).

M – (Levanta um pouco mais a Susana). Vamos lá ver se não sujaste a cessa. Sua chata, sua chatita! Vá lá.

S – Pruu, ba ba, pruu, ba ba... (Mexe as pernas).

M – (Recomeça a pôr-lhe o creme).

S – (Faz uns sons muito agudos, olhando para o tecto, mexendo muito as pernas e a mão direita).

M – Então, filha! (Não consegue pôr o creme devido aos movimentos da Susana).

S – (Continua a movimentar muito as pernas, a mão direita, e a fazer uns sons muito agudos).

M – (Segura os pés da Susana e põe-lhe o creme).

S – (Continua a vocalizar, a olhar para o tecto, pondo de vez em quando a mão na boca, ou segurando um dos pés com a mão).

M – (Começa a vestir a Susana, pondo-lhe a fralda).

S – (Recomeça a fazer “pruu, ba ba...”)

M – (Veste a Susana). Onde é que está este, filha? (Não consegue apertar o fato da Susana).

S – (Olha para a observadora e sorri).

M – Isto está difícil.

(Pausa)

M – Pronto, já está. (Dá um beijo à Susana). Já estou lavadicas, não é, filha? (Faz festas ao longo do corpo da Susana).

S – (Recomeça com uma respiração forte a olhar para o tecto, a mexer a mão direita, e a vocalizar sons agudos).

M – (Retira debaixo da Susana a coberta plástica e pega na fralda e nos panos com que limpou a Susana e sai do quarto).

S – (Olha para a observadora e para o tecto).

(Ouve-se, da casa de banho, o barulho do autoclismo e do chuveiro)

S – (Recomeça a mexer muito as pernas, a olhar para o tecto e ora mexe muito a mão direita ou leva-a à boca. Por vezes emite uma vocalização aguda num tom baixo, ou faz os sons “pruu, bááá”).

S – (Continua, fazendo pausas, sorrindo e recomeçando de novo. Passado um bocado olha para a observadora e volta a cabeça para o outro lado começando a arranhar a cama com as unhas).

M – (Entra no quarto e deita-se em posição fetal ao lado da filha, olhando de uma forma ternurenta para a Susana). Então,... (Vai fazendo festas à Susana ao longo do corpo e na cara).

S – (Sorri para a mãe, quando esta lhe faz festas na cara na zona da boca, começa a pôr a língua de fora tentando lambe o dedo da mãe).

(Silêncio)

M – (Continua a fazer as festas à Susana). Já disseste à Catarina que já comes sopa? Comes mas não gostas, não é, filha?... É uma malandra. Já come, não gosta é ainda...

S – (Sorri para a mãe e recomeça a fazer os sons muito agudos alternados com o “pruuu pruuu”. Os sons vão aumentando de tom, e a Susana começa a agitar muito as pernas, de uma forma cada vez mais rápida, parecendo mesmo pontapés. Com estes movimentos roda o corpo ficando mesmo de frente para mãe).

M – Eh lá, que ela está valente! (Continua a fazer-lhe festas na cabeça e na cara).

S – (Acalma-se um pouco, olhando para a mãe e para o tecto).

M – O papá ainda não está, não é, filha?... Ela é muito linda, é o embrulho da mamã e do papá, não é? É o nosso embrulho.

S – (Olha para a mãe).

S e M – (Olham uma para a outra, enquanto a mãe lhe faz festas na cabeça, e nas pernas e pés).

M – Também já deves estar a ficar com soninho, não é, filha? (Puxa a Susana, encostando-a a si, e dando-lhe beijos na cara). Agora vais ter que dormir...

(Pausa)

M – (Ajeita-se para se levantar, pega na Susana e deita-a na cama, com os pés de fora, e sai do quarto). A mãe já vem.

S – (Fica em silêncio a olhar para as mãos).

M – (Entra no quarto). Ai que linda... (Sorri para a filha).

S – (Sorri para a mãe).

M – Olha, olha ela...Ela estava quase a cair da cama. (Pega na Susana ao colo e senta-se com ela, fazendo-lhe festas na cara). Vá, agora tem que ser..., tu já deves ter soninho.

S – (Olha para a mãe e de vez em quando fecha os olhos).

M – (Com a filha ao seu colo, vai-lhe fazendo a cama e deita-a, aconchegando-a). Pronto, agora é camisas. Camisas, filha...É o óó, para a menina dormir.

S – Bá bá.

M – É para dormir, já acabou a paródia. (Dirige-se à porta do quarto, espreita a Susana, sorri para a observadora e sai do quarto indo para a cozinha).

S – (Está deitada de frente, coma cabeça virada para o lado esquerdo. Vai emitindo algumas vezes sons como o “bá bá bá” e ficando em silêncio a olhar para o lado).

P – (Entra em casa). Hello, hello! (Vai para a cozinha).

S – (Olha para cima, atenta ao som).

P – (Fala com a mãe). Então, ela já está a dormir?

M – Já. Não vás para lá acordá-la.

P – (Entra no quarto, cumprimenta a observadora). Então, filha. (Dá um beijo à Susana). Ela não está nada a dormir. Ela só dorme depois de brincar com o pai, não é, filha?

M – (Entra no quarto). Pronto, já a estás a acordar. Oh, vá querido, deixa-a estar. (Sai do quarto, e vai para a cozinha).

P – (Faz festas à Susana, dá-lhe beijos). Vá, filha, tens que dormir. (Sorri e sai do quarto e vai para a cozinha).

S – (Fica desperta, ora em silêncio, ora fazendo sons “bruu bruu” alternados com “aá aá aá” num tom mais alto).

(Ouve-se os pais a conversarem, estando a mãe a dizer que deu 50 contos à vizinha. O pai parece surpreendido, “mas oh Ana, porquê?”; “Oh querido ela fica todas as tardes com a menina, e ela não é nossa criada, acho que lhe devia dar alguma coisa”; “Está bem, mas 50 contos! Ela também gosta de ter lá a menina.”)

S – (Continua a alternar silêncios com os sons “pruu pruu, bá bá”, cada vez num tom mais alto).

P – (Volta ao quarto). Então, filha...

S – (Sorri).

P – Está tão linda. Vá, toma a chucha que tens que dormir. (Sai do quarto).

S – (Fica em silêncio, deita a chucha fora e recomeça a fazer o “bá bá “. Desta vez num tom muito alto).

(Passado um bocadinho)

P – (Volta ao quarto). Então... (Volta a pôr-lhe a chucha).

M – (Entra no quarto). O pai veio cá acordar-te, não é, filha?

(Saem os dois do quarto)

S – (Deita novamente a chucha fora e recomeça fazer os sons alternados de silêncio. Passado um bocadinho começa a fazer o som “bá bá” repetidas vezes num tom mais alto).

P – (Volta ao quarto, traz na mão um frasco com pudim). Então... (Fala num tom mais baixo). Vá, vou-te dar isto, mas é sem a mãe ver. Ela gosta de pudim. Gosta gosta. (Põe a chucha á Susana).

M – (Vai a passar no corredor). Vê lá, deixa a menina dormir, não andes aí a arreliar a menina.

P – (Ri-se, e sai do quarto).

M – Não podes estar sempre a ir lá, senão ela não adormece.

*P – Ela agora só adormece depois de eu brincar com ela. (Vão os dois para a sala).
(Silêncio)*

S – (Deixa cair a chucha e recomeça com o “bá á bá á” várias vezes).

(Ouve-se os pai a conversarem, a mãe conta ao pai que a Susana fez cocó, quando ela a estava a limpar).

S – (Fica atenta e cala-se).

P e M – (Continuam a falar sobre a Susana ter feito o cocó).

S – (Parece adormecer).

(Silêncio)

P e M – (Passam no hall, e vão para a cozinha. Aqui a mãe refila qualquer coisa com o pai em voz alta).

S – (Acorda e vocaliza o “bá á bá á” repetidas vezes num tom alto, até que se cala e volta a adormecer).

P e M – (Voltam para a sala).

(Silêncio)

O – (Sai do quarto, encontra a mãe no hall, e despede-se da mãe e do pai).

(Enquanto a observadora sai, a mãe parece dirigir-se ao quarto)

Análise e reflexão

Nesta observação, constatamos que a mãe aprendeu a linguagem da bebé. A sua sincronia e contingência face aos comportamentos mais adequados, ligados aos estados de consciência da bebé, favorecem um maior desenvolvimento psíquico e motor da bebé. Constatamos isto através da sua crescente actividade motora, da sua capacidade de concentração e das suas demonstrações afectivas através das suas vocalizações.

Um sentido profundo de empatia por parte da mãe proporcionou que a bebé fizesse cocó, entrando assim em contacto com os sistemas de controlo da bebé, tal como nos fala Stern.

Paralelamente, a bebé vai se sentindo mais confiante para estabelecer relações quer com o exterior (quando tenta agarrar a fralda) quer consigo própria, fazendo ligações através dos seus órgãos do sentido com os seus movimentos corporais, estando mais atenta às suas mãos, ao seu corpo, conquistando o interesse pelo ambiente à sua volta e por si própria.

E através das suas vocalizações, tenta prolongar o tempo de interacção com os seus pais, levando o pai ou a mãe a voltarem novamente ao quarto, com claro desejo de continuar a interagir.

Nesta observação, vemos o gradual desenvolvimento das capacidades autonómicas da bebé, vai aumentando a sua capacidade de fazer várias ligações ao ambiente que à rodeia, tentando perceber o ambiente à sua volta e arquitectando situações para chamar a atenção, com objectivos de interacção afectiva. Como nos fala Brazelton e colaboradores, nesta fase é visível observar o comportamento intencional da bebé nas suas interacções.

Obs. nº 22:

Bebé Susana (S): Idade: 5 meses 2 semanas e 5 dias; Presenças: Mãe (M) e Pai (P);

Data: 99/12/28; Hora: 20.00

(.....)

M – (Entra na sala e olha para a filha). Então, chatita, só fez birras a tarde toda. Estive uma tarde inteira à espera do médico, e a menina foi uma chatita, só birras, foi demais. (Sai da sala).

S – (Olha para a mãe e depois vira a cabeça de lado virada para a observadora).

P – (Põe-lhe a chucha. Levanta-a virada de costas para ele e tira-lhe o casaco).

S – (Deixa cair a chucha e começa a chorar).

P – (Vira-a para ele). Então... (Dá-lhe um beijo na cara). Tão querida... (Olha para a observadora) Então..., querida. (Beija a filha).

S – (Cala-se).

P – (Põe a Susana deitada de barriga para cima no tapete). Ficas aqui com a Catarina, olha a Catarina... (Levanta-se e sai da sala).

S – (Recomeça a chorar).

P – (Entra na sala). Então, sua chata. Vá ... (Coloca-lhe a chucha e sai da sala).

S – (Cala-se e olha para a observadora. Vira a cabeça de um lado para o outro, até que uma parte do tapete que estava por cima da cabeça lhe cai e tapa um bocado da cara. Vira a cara para a observadora e fica com a cara destapada, vira a cara para o outro lado e fica com a cara tapada, repete algumas vezes, sorrindo quando fica com a cara destapada, olhando para a observadora. Repete algumas vezes).

O – (Sorri para a Susana).

S – (Repete várias vezes até que o tapete lhe tapa a cara, quer vire a cabeça para um lado ou para outro. Repete ainda mais umas vezes e depois desata a chorar, abanando a cabeça de um lado para o outro).

P – (Entra na sala). Então, coitadinha. (Destapa a cabeça da Susana e senta-se ao lado). Então... (Faz-lhe cócegas na barriga com a mão e depois com a boca e ri-se para a filha).

S – (Sorri e olha para o tecto mexendo as mãos e vocalizando, “Pru...pru...” e “Aa...aa...”. Depois continua a olhar para o tecto e leva a mão esquerda à boca com a direita por cima desta).

M – (Entra na sala. Olha para a filha, pega nuns papéis que estavam em cima da mesa). vê se ela come e toma banho para ir dormir.

P – (Dá uma palmada no rabo da mãe e ri-se para a filha).

M – Hoje foi demais, e foi a tarde toda. A tarde toda à espera e ela a portar-se mal. (Olha para a filha). Foi foi...

S – (Olha para a mãe e desvia o olhar para as suas mãos que vai juntando, mexendo devagarinho os dedos e ficando a olhar para eles).

P – (Coloca uma coberta por trás das costas da filha e deixa-a deitada mas meia de lado). Mas o que é que foi, foi com o médico?

M – Não, querido, ela portou-se mal foi por tua culpa, por causa das tuas brincadeiras com a menina. Estava toda excitada.

P – (Olha para a mãe).

M – Não podes brincar com a menina dessa maneira, és muito agressivo.

P – Sou agora agressivo, ela gosta. (Olha para a Susana). Não é, filha?

M – (Sai da sala).

P – (Põe a chucha à Susana e sai da sala).

S – (Começa a mexer no tapete, na zona que faz o barulho (estilo papel de rebuçado). Depois começa a debruçar-se para a frente, fazendo várias vezes isto. Parece mesmo que se tenta voltar. Olha para a observadora. Até que fica quase virada podendo cair do sofá).

O – (Põe a mão na beira do sofá).

S – (Fica perto da beira do sofá e começa a chorar).

P – (Entra na sala). Então, filha, estás quase a cair. (Puxa a Susana para trás).

S – (Deixa cair a chucha).

P – (Senta-se no sofá e pega-lhe ao colo, sentando-a de costas para ele, e olhando para a TV).

M – (Entra na sala com um biberão na mão). Agora, dá-lhe o leite. (Sai da sala e dirige-se ao quarto, que a Isabel uma vez referiu como sendo o dos pais. Parecia estar lá uma cama de bebé).

P – (Senta a Susana de lado para ele e de frente para a observadora e começa a dar-lhe o biberão). Olha, o pai vai dar o leitinho.

S – (Começa a tomar o biberão e a olhar para a observadora, segurando as mãos do pai).

P – (Olha para o leite). Oh Isabel, este leite está bom?

M – (Entra na sala).

P – (Dá o biberão à mãe). Tem aqui estas manchas...

S – (Começa a chorar).

M – (Pega no biberão). Isto é mesmo assim, é do leite. Está bom.

P – (Dá novamente o biberão à filha).

S – (Olha para o pai, depois para as suas mãos, para a direcção ao lado da observadora e novamente para as suas mãos. Vai mexendo as mãos, tocando nas mãos do pai, e ficando com as mãos em cima dos dedos do pai).

P – (Olha para a TV).

S – (Acaba o biberão).

P – (Põe a Susana virada para ele, e começa a penteá-la com as mãos). Já estás com o cabelo grande, filha. Dá-lhe um beijo. Já faz aqui um caracol. As orelhas é que também estão grandes (ri-se), e todas para fora. Pareces o primo! O meu sobrinho, aquele que já vii nas fotografias, é que quando tinha a idade dela tinha tal e qual assim as orelhas, tal e qual... (Recomeça a ver TV).

S – (Vira a cara de um lado para o outro).

P – (Senta a Susana de costas para ele e continua a ver TV).

S – (Olha para a TV, depois para a observadora. Depois debruça-se para a frente várias vezes).

P – (Puxa a Susana para trás. Depois deita a Susana de barriga para cima no tapete e sai da sala).

S – (Olha para o tecto e para uma planta que cai sobre o sofá. Depois olha para a observadora, e vocaliza de uma forma aguda “Aa...Aa...”, depois olha para o outro lado para o sofá e começa a arranhar o sofá, depois continua a passar a mão pelo sofá, mas sem arranhar. Passado um bocadinho começa a chorar. Fica assim um bocado).

M – (Entra na sala e senta-se ao lado da Susana olhando para ela). Ela está chateadita. (Pega na Susana ao colo virada para si e dá-lhe um beijo na cabeça, depois volta-a e senta-a de lado, de costas para a observadora e começa a procurar alguma coisa). Oh Paulo, despacha-te lá, querido, que a menina tem que ir dormir. (Olha para a TV e tira debaixo de uma das almofadas do sofá o comando da TV, mudando os canais).

(Silêncio)

M – (Dá um beijo na cara à filha e faz-lhe festas numa das mãos, dando-lhe beijinhos). Então e as suas festas foram boas? (Sorri e olha para a observadora).

O – (Sorri). O habitual...

M – (Sorri, pega no comando e muda de canal). Oh Paulo, acaba lá isso!

S – (Olha para a mãe e leva as mãos à boca).

M – Ela está numa excitação, também não tem parado. Foi o Natal e a agitação toda. (Olha para a observadora e dá um beijo à filha. Volta a olhar para a TV e põe a chucha à filha).

(Silêncio)

M – (Pega nuns papéis que estão em cima da mesa e começa a olhar para eles).

(Silêncio)

S – (Deixa cair a chucha e começa a chorar).

M – (Põe-lhe a chucha e levanta-se com a Susana ao colo). Oh querido, agora tens de acabar com isso que ela já está a ficar com sono. (Dirige-se ao quarto).

O – (Acompanha-as).

(Entra-se no quarto, estava o pai sentado à secretária a jogar computador)

M – Vá, querido, agora deixa-te lá de jogos, acaba lá com isso. (Deita a Susana de barriga para cima na cama).

S – (Cala-se).

O – (Senta –se do lado direito da Susana).

M – (Começa a despir a Susana). Vamos mudar a fralda, filha, vamos. (Sorri para a filha).

S – (Olha para a mãe).

M – Ai que ela tem uma piula, uma piulazita linda pequenita. (Faz massagem com a mão na barriga da filha).

P – (Desliga o computador e fica a olhar para a filha, depois passa por cima da cama e sai do quarto).

M – (Limpa a Susana).

S – (Começa a vocalizar “pru...pru...” e a olhar para o tecto e a mexer muito as pernas).

M – Pronto, pronto, (E massaja novamente a barriga da filha e o sexo e vai fazendo os estalidos com a boca. Começa a pôr-lhe o creme).

S – (Fica parada a olhar para o tecto).

P – (Entra no quarto e dá um beijo à filha, pondo-se de cócoras à beira da cama, puxando-lhe os pés e dando-lhe beijos nos pés).

M – (Sorri). Pronto... (Acaba de vestir a Susana e prepara-lhe a cama).

P – (Sai do quarto).

M – (Coloca a Susana dentro da cama com a chucha). Toma lá o boneco. (Aconchega a filha, põe-lhe um boneco “novo” ao lado e faz-lhe uma festa no nariz).

(...)

Análise e reflexão

Nesta observação, a bebé já passa dos cinco meses e os seus comportamentos mais autonómicos e interactivos começam a surgir de forma mais consistente e intencional. A mãe parece ter dificuldades em lidar com esta fase da bebé, pois esta fase

implica que a mãe reconheça na bebé o início da fase de individuação/separação. A mãe confunde a excitação da bebé com mau comportamento e não com o seu desejo de querer liderar a interacção, e progressivamente possibilitar que a bebé faça a descoberta de novas emoções e sentimentos, tornando-se assim mais autónoma. Nesta observação, até culpabiliza o marido pelo facto de a bebé estar mais activa, uma vez que é possível ver ao longo das observações que é o pai que propõe à bebé mais jogos interactivos. A mãe parece confundir autonomia com agressividade.

Observamos que a bebé, perante a indisponibilidade dos pais, propõe à observadora o jogo do esconde-esconde e é surpreendente como o tenta fazer repetidamente. Perante a falta de resposta mais interactiva por parte da observadora, a bebé sente-se incompreendida e desata a chorar. Comportamento que é alterado quando o pai tem uma atitude mais contentora e afectuosa com a bebé, capacidade de reverie paterna.

Observamos na bebé o seu auto-controle afectivo, e o seu desejo de interacção intencional, numa clara demonstração afectiva na relação com o pai. Observamos que a mãe tem ainda necessidade de ter com a bebé comportamentos mais ligados aos estados de dependência da bebé e não tanto aos comportamentos que geram uma maior autonomia. No entanto, observamos que a bebé já aprendeu um padrão emocional com a mãe: a bebé deixa cair a chucha, chora para promover um comportamento de aproximação da mãe, já memorizado noutras experiências.

Observamos também claramente como se estabeleceu um padrão emocional por parte da bebé na relação com os diferentes objectos cuidadores.

Obs. nº 23:

Bebé Susana (S); Idade: 5 meses e 3 semanas e 5 dias; Presenças: Mãe (M); Pai (P); Observadora (O); Data: 00/01/04; Hora:20.00

(.....)

S – (Continua a comer e vai olhando ou para a mãe, ou para a TV, ou para a observadora).

M – (Vai olhando de vez em quando para a TV).

S – (Olha principalmente para a TV, e depois começa a chorar).

M – Vá, então eu mudo de canal. (Muda o canal da TV).

S – (Não come mais, começa a chorar cada vez que a mãe lhe tenta dar uma nova colherada, pondo para fora a papa).

M – Pronto. (Pousa a colher, tira-lhe os panos e senta-a, de costas para si e de frente para a TV, continuando a ver TV e dando, algumas vezes, beijos na cabeça da Susana).

S – (Começa a inclinar-se para a frente e a olhar para a mesa).

M – (Olha para a mesa a ver para onde a filha estava a olhar).

S – (Tenta alcançar o comando da TV que estava na beira da mesa).

M – (Põe a mão à beira da mesa, junto ao comando da TV).

S – (Arrasta o comando e deixa-o cair no chão).

M – (Pega no comando) An... Susana, estás mesmo já a querer pegar nas coisas todas. Não é? (Pega na Susana e deita-a de bruços, de frente para a observadora). Vá, assim ... (Fica a olhar para a filha a sorrir).

S – (Apalpa o tapete das texturas e sons, olha para a observadora, e depois para a chucha).

M – Ah... queres é a chucha, não é? (Põe-lhe a chucha, e deita-a de barriga para cima e começa a puxá-la pelas mãos).

S – (Deixa cair a chucha).

M – Vá vá... sentadita! Vá, força! (Continua a ajudar a filha. A Susana fica sentada e a mãe põe-lhe a mão por trás das costas a segurá-la). Viste que consegues, filha! (Sorri-lhe).

S – (Sorri para a mãe).

(....).

Análise e Reflexão

Nesta observação, vemos como a bebé vai se tornando cada vez mais autónoma. A situação de alimentação é acompanhada por oposição e por desejo de se ligar e desligar a outros acontecimentos. A mãe parece ter dificuldades em lidar com a autonomia da bebé, quando a bebé agarra os objectos, quer liderar a escolha dos jogos, leva a mãe a acompanhar o seu olhar e a questionar-se acerca do seu desejo.

Obs. nº 24:

Bebé Susana (S); Idade 6 meses e 2 dias; Presenças: Mãe (M), Pai (P) e Observadora (O); Data:00/01/11; Hora: 20.00

(...)

S – (Continua a levantar as pernas e a segurar com as mãos os dois pés, puxando os collants, e a olhar para a observadora. Recomeça a vocalizar “Bruu...bru...”, muito alto).

M – Eia rapariga, que ela vai de lambreta! (E imita a filha).

S – (Olha para a observadora).

M – (Dá um beijo à filha e sorri-lhe). Sou muito linda, sou a menina da mamã, da mamã e do papá. (Começa a vestir-lhe a parte de cima do pijama).

S – (Começa a fazer beicinho, quase a começar a chorar).

M – (Ri-se da cara da filha, e olha para a observadora a sorrir). Oh filha! É o pija, é o pijaminha, vá vá, é rápido... Ops já está. Ai que linda com o pija, o pija da menina. (Fica debruçada a olhar para a filha e a sorrir).

S – (Olha para a mãe e depois para o tecto).

M – (Sai do quarto e encosta a porta).

S – (Olha para a observadora e recomeça a pegar nos pés e a puxar os collants, e vocaliza “Bruu...bruu...”. Depois cala-se e olha para a observadora).

M – (Entra no quarto com as calças do pijama da Susana na mão). Agora falta o resto, filha, as calcinhas do pijama. (Começa a vestir-lhe as calças, tirando a toalha debaixo da Susana).

S – (Começa a mexer muito os braços para cima e para baixo e a vocalizar “Bruu...bruu...” e faz um som novo mais grave).

M – E fugam, rapazes, que ela vai de lambreta!

S – (Continua a vocalizar, caindo-lhe a manga do lado esquerdo do pijama, sobre a mão).

M – Olha, a mão escondeu-se, a mãozita escondeu-se.

S – (Fica a olhar para a mãe e vocaliza “Áa”).

(...)

Análise e Reflexão

Os comportamentos da bebé são uma demonstração clara das suas competências: sua maior mobilidade motora, sua capacidade de se ligar e de se desligar dos acontecimentos. No entanto, observamos que quando a mãe tem uma atitude mais de adesão e de interpretação aos elementos de comunicação expressos através dos comportamentos da bebé, esta aumenta o ritmo de interações, vocaliza com maior intensidade em vários surtos. Observamos os sentimentos de expectativa e de previsibilidade com o seu “Ah”, quando a mãe a surpreende no jogo do aparece e esconde. E também uma maior capacidade de a mãe a atribuir no diálogo afectivo com a bebé significações emocionais ligadas às competências da bebé, como foi constatado por Stern.

Obs. nº 26:

**Bebé Susana; Idade: 6 Meses 2 Semanas e 2 Dias; Presenças: Mãe (M), Pai (P),
Observadora (O) ;Data: 00/01/25; Hora: 20.00**

(.....)

P – (Deita-se em cima da cama, de barriga para cima, e senta a Susana, amparando-lhe as costas, em cima do seu peito). Olá! (Começa a fazer-lhe caretas e a debruçar a Susana sobre a sua cara e a dar-lhe beijos na cara. Depois, mantém a Susana sentada, mas vira-a de costas para ele, de frente para a observadora e começa a fazer-lhe a brincadeira do foguete). Isto é que ela gosta!

S – (Sorri, e antes de o pai a levantar, a seguir ao som, ela fica com os olhos muito abertos ficando muito atenta, parecendo estar à espera que o pai faça o som e a levante).

P – (Repete várias vezes. Ri-se). Está aqui, está a andar...

S – (Sorri).

P – (Pára a brincadeira e senta-se com a filha ao colo, de costas para ele, e de frente para a observadora. Fica com um ar mais calmo).

S – (Olha para a observadora).

P – É a Catainha, a Catainha.

S – (Continua a olhar para a observadora).

P – Bem, ontem é que ela fez aí uma cena, era uma da manhã, eu já estava acordado. Bem, ela desata num berreiro, mas com uns berros! Eu vim ver o que é que era, mas não sei o que terá sido, se calhar ela estava a sonhar... Quando eu cheguei ela não tinha a chucha, pus-lhe a chucha e ela calou-se logo! Ficou a dormir logo, assim...

S – (Leva as mãos à boca).

P – (Recomeça a fazer-lhe o foguete).

S – (Sorri).

P – (Continua durante um bocado e depois Para).

M – (Sorri). Olha, vai mas é buscar a comida dela que eu agora fico aí com a menina.

P – Bem, chegou a hora do jogador suplente se retirar, para entrar outro jogador. (Levanta-se e sai do quarto).

M – (Senta-se na cama com a Susana ao colo, de lado para si, e dirige-se à observadora). Então isto tem estado um gelo, não é?

O – (Faz um ar de interrogação e olha para a Susana).

M – Tem estado gelo, não é? Tem estado um gelo, tem estado muito frio, não é, filha? Tem estado muito frio. (Olha para a filha).

S – (Olha para a observadora e para a porta).

M – Ai a mãe é uma cozinheira e pêras, não é, filha?! Uma cozinheira! (Olha para a filha).

S – (Começa a chorar. Olha, ou para a observadora, ou para a porta, parecendo estar atenta ao som que vem da cozinha).

M – (Pega num boneco que estava em cima da cama, que era um pinguim e começa a tocar no nariz da Susana com o bico do boneco).

S – (Continua a chorar, sem olhar para a mãe).

M – Ai, eu não gosto do pinguim, o pinguim... (Pousa o boneco e agarra noutro, que era um urso de peluche que tinha escrito o nome "Tommy". O boneco falava consoante o sítio em que o tocavam. Põe-no em frente da filha). Olha, faz festinha, faz festinha ao boneco, faz festinha ao bicho.

S – (Pára de chorar e olha para o boneco).

M – (Aproxima mais o boneco e vai olhando para a filha).

S – (Vai tocando na cabeça do boneco).

M – (Vai carregando em várias partes do boneco. "Olá eu sou o Tommy"; "Queres brincar"; "Oh, quero um abraço". Vai carregando no boneco e olhando para a filha, repetindo três vezes o toque na barriga do boneco que dizia: "Oh, quero um abraço").

S – (Pareceu estranhar um bocado, começando a fazer beicinho, mas depois fica a olhar muito atentamente para o boneco).

M – (Pega na mão da filha e vai fazendo festas no boneco).

S – (Continua a olhar).

M – (Toca noutros pontos do boneco que dizem: "Tenho fome", "Quero dormir"). Olha o Tommy também quer fazer óó. É como a Susana, também vai fazer óó. (Repete algumas das palavras: "Sou o Tommy"; "Queres brincar?").

(.....)

Análise e reflexão

Nesta observação, vemos como os comportamentos mais contingentes e simétricos do pai ajudam a bebé a avançar na sua autonomia e flexibilidade de emoções, o seu estado de atenção aos estados emocionais da filha, vão-lhe permitindo atribuir à bebé um funcionamento psíquico cada vez mais autónomo.

Os jogos interactivos propostos pelo pai criam um sentimento de expectativa na bebé, facilitando o reconhecimento de suas emoções. A bebé fica em estado de expectativa à espera de novos acontecimentos. Tal como nos falou Stern, a previsibilidade por parte da mãe (neste caso vemos que é por parte do pai) ajuda a bebé a aprender a ter um melhor conhecimento das suas emoções e os efeitos que elas causam. Poderemos pensar aqui, tal como foi referido por Bion, nos primórdios do pensar humano.

Vemos nesta observação o estado de expectativa da bebé em relação à ausência do pai. Esta teria o desejo de continuar a brincar com ele, “esta, atenta ao som que vem da cozinha”, está à espera que o pai apareça, numa clara distinção do seu desejo de continuar a brincar.

A mãe apercebe-se desse desejo da bebé e observamos como a bebé faz uma selecção dos acontecimentos que lhe agradam ou não. A mãe vai modificando a sua interacção com a bebé, de acordo com o prazer que lhe proporciona, e vai lhe facilitando o início das interacções com o boneco “Tommy”. A bebé interessa-se e explora o boneco, vai assim aprendendo com a experiência emocional, vai aprendendo a pensar.

Obs. nº 27:

Bebé Susana (S): Idade: 6 Meses 3 Semanas e 2 Dias; Presenças: Mãe (M), Pai (P), Observadora (O); Data: 00/02/01; Hora: 20.00

(.....)

M – Ai é o gato. É o gato, filha, é o miau. (Olha para a filha e sorri-lhe).

S – (Olha para a observadora).

M – Pronto, vamos lá para dentro. Diz assim: “Anda daí Catarina”. (Sorri para a observadora).

O – (Sorri).

M – Oh Catarina, feche-me só a luz, se faz favor.

O – (Fecha a luz e acompanha-as para a sala).

(Em cima do sofá da sala estavam vários brinquedos, incluindo o boneco que a observadora tinha oferecido à Susana, no dia da primeira observação, que tem estado sempre pendurado na cama do casal, no quarto dos pais).

M – (Afasta o boneco um bocado e deita a Susana de barriga para cima).

O – (Senta-se do lado direito da Susana).

M – (Senta-se ao lado dos pés da filha). Olha, o palhacinho... (Pega no boneco, puxa-lhe o fio do som, e coloca-o ao lado da Susana, sorrindo-lhe. Levanta-se e sai da sala).

S – (Olha para o boneco e pega-lhe, olhando para a observadora. Depois olha para o boneco e puxa-o pelo fio de pendurar. Fica assim um bocado, depois acaba o som do boneco. Continua a olhar para o fio e a agarrar com as duas mãos. Deixa-o cair ao seu lado e o boneco faz um som. Pega-lhe pondo-o em frente da sua cara e levando-o à boca, depois pega-lhe pela argola, e depois fica durante um bocado entretida a pôr o dedo na etiqueta do boneco, sempre a movimentá-lo. O babete vai-lhe para cima da cara e a Susana mexe a cabeça continuando a segurar o boneco, e começando a vocalizar. Deixa cair o boneco para o lado e começa a tentar voltar-se. O babete sai-lhe da cara. Susana pega novamente no boneco. Desta vez fica a olhar para a cara do boneco e leva-o à boca. Começa a mexer-se e a vocalizar, e o babete vai-lhe novamente para a cara. Deixa cair o boneco, que faz um som).

M – (Espreita do hall).

S – (Tenta novamente voltar-se, tentando dar balanço. O babete sai-lhe da cara e a Susana pega novamente no boneco que faz um som. Continua atenta a este, pegando-lhe nos fios ou na etiqueta. Depois deixa cair o boneco, olha para a observadora, sorri e olha para o outro lado para o sofá, depois para o tecto e depois para a porta. Volta a pegar no boneco e a levá-lo à boca).

(...)

M – (Dá à filha um brinquedo que estava em cima da mesa, uma espécie de tambor com um pauzinho e que tem dois botões que fazem sons).

S – (Olha atentamente para o brinquedo).

(Os cabelos da mãe caíam um pouco sobre a cabeça da Susana)

P – (Arranja os cabelos da mãe sobre a cabeça da filha). Ai que linda, de cabelo comprido. Eh pá, já tens um cabelo, filha! (Ri-se para a filha).

S – (Olha para o pai e leva o brinquedo à boca).

P – (Sai da sala).

M – (Bate com o pauzinho no tambor). Assim, filha.

S – (Agarra o pauzinho e leva-o à boca).

M – Pois, então! (Sorri para a observadora).

O – (Sorri).

M – (Carrega num dos botões e olha para a filha).

S – (Olha atentamente, depois olha para a observadora e sorri).

M – (Bate novamente com o pauzinho).

S – (Olha para a mãe e leva-o à boca, vocalizando “Aa...”).

(.....)

Análise e reflexão

Nesta observação, tal como na anterior, vemos novamente esta interacção emocional, e como a mãe vai proporcionando à bebé o início das interacções intencionais, isto é, vai permitindo a bebé uma maior exploração dos objectos, e uma maior capacidade de ir ao encontro do seu desejo. E a bebé cada vez mais, vai explorando as novas experiências do brincar e convida a mãe para a brincadeira e convida a observadora através do seu sorriso para a interacção.

Estas experiências irão cada vez mais permitir a bebé à diferenciação dos seus estados emocionais e à integração da sua personalidade, de acordo com os padrões emocionais estabelecidos nas relações significativas para a bebé.

Obs. nº 30:

Bebé Susana (S); Idade 7 Meses 1 Semana e 6 Dias; Presenças: Mãe (M) Pai (P) e Observadora (O); Data: 00/02/22; Hora: 20.00

(...)

S – (Continua a olhar para a observadora fixamente e a pouco e pouco vai esboçando um sorriso. Depois deixa cair um pouco a chucha e olha em volta, olha com um ar de estranheza para um quadro que está em cima do sofá com a cabeça de um cão com um osso na boca. Depois olha para a observadora com ar sério, puxando a chucha para dentro e continua a olhar em volta, ficando a olhar durante algum tempo para um retrato do casamento dos pais que está na parede por cima da TV, onde está o casal. Volta a olhar para a observadora e tira a chucha. Olha para a chucha, depois deixa-a cair e volta a olhar para a observadora vocalizando “Dá...da” repetidas vezes. Depois olha para as suas mãos e começa a mexer as pernas, levantando um bocado a perna esquerda. Volta a olhar para o quadro do cão depois para a planta que cai sobre o sofá, começando a descair no sofá. Volta a olhar durante algum tempo para a observadora com um ar sério e depois começa a sorrir).

O – (Sorri).

S – (Recomeça a vocalizar alto “Dá... da...”, parecendo algumas vezes fazer, também, “Vá... va...”. Repete várias vezes, olhando e sorrindo para a observadora. Depois escorrega mais um bocado e começa a choramingar alternando com vocalizar “Bruu...bruu...”).

(...)

Análise e reflexão

Vemos nesta observação como a bebé tenta estabelecer comunicação com a observadora, iniciando uma interacção emocional, expressa através das suas

vocalizações. Diz “dá dá”, que é uma clara demonstração de um pedido de interação emocional.

Anteriormente, e de acordo com os jogos aprendidos na interação com os pais, a bebé começa a aprender que as suas emoções e intenções têm um efeito sobre o outro. Tal como nos foi referido por Brazelton e colaboradores, a bebé começa a pôr à prova as situações e sua capacidade para dominar a audiência interessada. Este comportamento é a prova clara de que existe uma relação saudável com os pais e um indício do seu desenvolvimento psíquico global, que, no dizer de Winnicott, corresponde na bebé ao seu sentido de integração e de personalização, e começa a adquirir um sentimento de unidade corporal e psíquica como nos fala Anzieu.

Obs. nº 36:

Bebé Susana (S); Idade: 8 Meses 3 Semanas e 5 Dias; Presenças: Mãe (M) , Pai (P) e Observadora (O); Data: 00/04/04; Hora: 20.00

(.....)

S – (Olha para a mãe a ir-se embora, virando-se para trás. Depois olha para a frente para a observadora, sorri e começa a vocalizar imensos sons, incluindo o “Bruu...”, mas numa grande variedade. Os sons parecem ligados, dando várias entoações e melodias. Vai olhando à volta, depois vai descaindo da cadeira e começa a abrir e a fechar a mão direita (que fica do lado da porta da sala), e a olhar de vez em quando para a porta. Fica muito atenta aos sons que vêm da cozinha. Depois entretém-se com as mãos, e pega na bota de lã e manda-a para o chão, tentando depois debruçar-se a ver onde caiu a bota. Depois, volta a olhar muito à sua volta, fixando-se nos quadros com a imagem da Marilyn Monroe, inclusivamente para um que fica atrás da cadeira dela, ao lado da porta. Tenta debruçar-se para trás, olhando para ele. Depois, logo de seguida, olha para a foto dela que está em cima da aparelhagem ao lado da TV e do vídeo. Começa a vocalizar sons graves mas muito audíveis, num tom muito alto, e

olha para a porta. Depois começa a choramingar, olha para a observadora e começa a sorrir. Recomeça a vocalizar e olha muito para a TV. Depois volta a olhar para o quadro da Marilyn Monroe e volta a olhar para a foto dela. Continua a olhar em volta, e para trás abrindo e fechando a mão direita. Desata a chorar e parece que está mesmo a querer escorregar da cadeira. Chora durante um bocado).

M – (Entra na sala) Vá vá, então o que é que foi? A mãe está só a fazer a sopinha. A mãe já vem; vá, não sejas chata! (Apanha a bota de lã do chão e dá-lha para a mãe. Sai da sala).

S – (Olha ainda um bocado para a bota, depois manda-a para o chão e volta a debruçar-se a ver onde caiu a bota. Depois olha para o que está em cima duma mesa pequena que está ao lado do sofá. Tenta apanhar alguma coisa. Depois volta a olhar em volta e desata novamente a chorar).

P – (Entra em casa).

S – (Fica a olhar para trás, e deixa de chorar).

P – (Do hall fala qualquer coisa para a filha).

S – (Sorri).

P – (Vê uns papéis que estavam em cima da mesa do telefone. Vai à cozinha). Isabel, tens ali mais uma coisa para levatares. (Fica um bocado na cozinha a falar com a Isabel e vai à sala. Cumprimenta a observadora, apanha a bota de lã que estava no chão e põem-na em cima do tampo da cadeira. Pega a filha ao colo). Então, já estavas aqui toda torta. Tu não gostas de estar aqui, vens é para aqui para o pé da Catarina. Assim, para o sofá, sentadinha, que já és uma mulherzinha... Também já é uma mulherzinha... (Senta a Susana ao lado da observadora e senta-se do outro lado. Dá à filha os brinquedos, roca, tambor e o fantoche). Pronto, agora podes mandar tudo para o chão.

S – (Vai pegando no tambor, levando o pauzinho à boca, com ar sorridente para o pai. Depois deixa a roca cair e vai-se debruçando para baixo, para apanhar a roca).

P – Bem, agora é preciso um cuidado..., ela agora manda-se mesmo cá para baixo! Já caiu três vezes! Uma vez daqui, e duas vezes lá da cama. É uma maluca... (Olha para a filha e sorri-lhe).

S – (Leva novamente o pauzinho à boca).

P – (Levanta-se e sai da sala).

S – (Larga o tambor e começa movimentar-se e a vocalizar vários sons como se fosse tons de música. Tenta apanhar a roca e cai para frente. Apanha a roca, depois manda-a para o lado da observadora, tenta alcançá-la, mas não consegue e pega no tambor. Leva o pauzinho do tambor à boca e depois deixa cair o tambor. Cai para a frente, ficando deitada de barriga para baixo. Começa a mexer muito as pernas, parece fazer os movimentos do gatinhar. Não consegue levantar-se e começa a tentar rodar. Faz várias tentativas, até que se começa a voltar já na beira do sofá).

O – (Ampara a Susana com a mão para ela não cair).

S – (Fica de barriga para baixo, um bocado, tentando fazer força com as pernas e levantando a bacia).

P – (Passa no hall, em direcção à casa de banho).

S – (Deixa-se descair e começa a pôr a cabeça junto ao sofá e a abaná-la de um lado para o outro, desatando a chorar. Fica assim um bocado).

M – (Entra na sala, dirige-se à filha). Então, então... Quem é que te pôs aqui!? Foi o pai, claro! (Pega-lhe ao colo, virada para si, e dá-lhe beijos na cara. Fica um bocadinho com ela ao colo, embalando-a. Depois volta a pô-la na cadeira, e põe-lhe o cinto).

S – (Desata logo a chorar, quando a mãe a senta na cadeira. Manda a bota de lã para o chão, continuando a chorar).

M – Ai, não sejas chata, não sejas chata! Não sejas chata, que a mãe vem já. (Sai da sala).

S – (Continua a chorar, num berreiro, tentando virar-se, e ficando a olhar ou para a porta, ou para a observadora).

M – (Entra na sala). Prontos, ela está zangada com a mãe, não é? (Pega-lhe ao colo, dá-lhe beijos, aconchega-a a ela).

S – (Pára de chorar, mas fica a fungar).

M – Oh Catarina, vem daí, que eu quero ir para o pé da mãe. (Voz abébezada).

Ela tem que ir para ali para o pé de mim, senão é uma choradeira, e mesmo assim depois ali ao pé de mim também chora...

(Dirigimo-nos à cozinha)

M – (Senta a Susana no parque, que estava quase encostado a uma arca de madeira, onde estão plantas por cima. Acaba de a sentar e a Susana cai para trás, batendo com a cabeça na arca).

S – (Desata a chorar).

M – Ai, que ela já se magoou outra vez, pronto! (Pega-lhe ao colo). Está sempre a mexer-se! Nunca consegue ficar quieta!

S – (Continua a chorar).

M – (Senta a Susana de costas para si e para a observadora e vai para a bancada fazer a comida).

O – (Vai para o outro lado da cozinha para ver melhor a Susana).

S – (Continua a chorar, sentada sem se mexer, fica num berreiro).

P – (Entra na cozinha). Então, o que é que se passa?

M – Olha, foi ela que não pára; quando a sentei bateu ali com a cabeça! (Continua a arranjar o peixe).

P – (Pega na Susana ao colo e abraça-a). Vá, conta ao pai o que é que se passou...

S – (Acalma-se, continuando a fungar).

P – Venha daí, Catarina, que isto não é o lugar dela. Não é aqui que ela gosta de estar. Ela gosta mais é de estar aqui na sala!

(Dirigimo-nos à sala)

P – (Senta a Susana ao lado da observadora e senta-se do outro lado de frente para a filha).

S – (Fica sentada, com os olhos cheios de lágrimas).

P – (Começa a fazer-lhe a corneta).

S – (Não olha para o pai. Está com um ar zangado. Quando olha para o pai desvia o olhar).

P – (Começa a esconder-lhe um boneco, um polvo, e a fazê-lo aparecer).

S – (Olha, mas depois desvia o olhar, e olha para a observadora).

P – (Começa a pegar-lhe, só com uma mão, levantando-a e mantendo-a sentada sobre a mão. A mão treme-lhe um bocado. Desequilibra-se e a Susana cai de lado e bate com a cabeça na roca).

S – (Não chora logo, mas depois desata a chorar).

P – (Pega-lhe pelos braços e senta-a). Ai, meu Deus! Também, filha, não é preciso esse berreiro... Também, isto não é nada, filha. Também tens que ser forte! Não sejas mariquinhas. Não sejas mariquinhas que eu não gosto de meninas mariquinhas. (Olha para a observadora). Também, ela nem é lá muito mariquinhas... (Pega-lhe ao colo e começa a dar-lhe beijos).

M – (Entra na sala). Então, o que é que foi?

P – Olha, foi mais um!

M – Caramba, ela hoje...

P – Ela hoje está mesmo com queda prós trolhos. Já ontem foi um!

M – Pois...

P – Mas também ela aguenta-se!

M – Aguenta-se..., mas foram duas de seguida! Coitadinha da minha filha, da minha querida... (Aproxima-se da filha, e faz-lhe festas na cabeça, dá-lhe um beijo na cabeça. Depois sai da sala).

S – (Acalma-se).

P – (Senta-a novamente ao lado da observadora e começa a fazer-lhe novamente a brincadeira de esconder e fazer aparecer o polvo).

S – (Fica de olhos muito abertos e a sorrir, cada vez que vê o boneco aparecer).

M – (Entra na sala com a comida, pousa o prato na cadeira da Susana. Olha para a filha e sorri-lhe).

S – (Olha para a mãe).

M – (Pega na filha ao colo e senta-a na cadeira, pondo-lhe o cinto).

P – Oh Isabel, vê lá o prato.

M – Eu estou a ver. (Começa a dar-lhe a sopa).

P – (Continua a fazer o jogo do esconde e aparece com o polvo e a sorrir para a filha).

S – (Vai comendo, e depois vai-se debruçando para ver onde está o boneco).

M – (Sorri para a filha e vai esperando que ela veja o boneco até lhe dar a próxima colher de sopa).

S – (Não come a papa toda, começa a fechar a boca).

M – Pronto, não queres mais... Vai lá para o colo do pai. (Põe a Susana ao colo do pai. Sai da sala com o prato. Depois volta e senta-se ao lado do marido e da filha, ficando a olhar para a Susana).

P – (Continua a brincar com a Susana, a fazer a brincadeira de fazer aparecer e desaparecer o polvo, e fazer o avião em direcção da mãe).

M – (Sorri para a filha).

S – (Sorri-lhe).

(Ficam assim um bocado)

O – Então, até terça. (Levanta-se, despede-se do casal).

P e M – Até terça, Catarina.

Análise e reflexão

Nesta observação, vemos como os pais tentam adaptar-se ao gradual desenvolvimento cognitivo e motor da bebé. As suas autonomia e flexibilidade permitem-lhe uma maior exigência face aos acontecimentos, a expressão de suas emoções mobiliza os pais para irem ao encontro do seu desejo de interacção.

Vemos mais uma vez como a bebé tenta mobilizar a observadora, como esta não responde de uma forma mais interactiva. A bebé tenta inicialmente auto-estimular-se, mas depois começa a chorar, chamando a atenção dos pais.

A facilidade que a bebé demonstra na alteração do seu estado de choro, de irritação e depois de alegria e bem-estar, quando entra numa sequência de jogos interactivos com o pai, favorece, tal como já foi referido, um maior conhecimento entre

os parceiros da comunicação. Isto vai permitindo a bebé uma maior aprendizagem de si própria e de seus pais, tal como foi referido por Brazelton e colaboradores.

Obs. nº 37:

Bebé Susana (S); Idade: 9 Meses e 2 Dias; Presenças: Mãe (M), Pai (P) e Observadora (O); Data: 00/04/11; Hora: 20.00

(....)

S – (Olha para a mãe e depois em volta. Já se aguenta sentada perfeitamente. Depois entretém-se com os bonecos, e debruça-se para a frente, batendo com a palma da mão esquerda no chão do parque e arqueia o corpo e faz muitos movimentos com as pernas. Repetindo o movimento de bater com a palma da mão no chão).

M – Ai, que a menina está-se a portar tão bem! Está tão linda! Ela porta-se mesmo bem! (Faz um grande sorriso para a filha).

S – (Sorri para a mãe).

M – (Vai ao frigorífico, passando mesmo em frente da filha e sorri-lhe).

S – (Vocaliza e leva a argola para os dentes à boca).

M – (Sai da cozinha e vai ao quintal).

S – (Segue a mãe com o olhar. Depois olha para a observadora e sorri. Entretanto brinca com a lagarta abanando-a, sorrindo e vocalizando alguns sons).

M – (Entra na cozinha com alguma roupa na mão e começa a pendurá-la no parque da Susana).

S – (Fica atenta, e depois começa a puxar algumas peças).

M – Olha que a roupa está molhada. (Continua a preparar comida na bancada).

S – (Olha para a roupa e tenta puxar. Parece-me que ela com a roupa pendurada não consegue ver a mãe).

P – (Entra em casa).

S – (Começa por ficar alerta e depois começa a agitar-se, mexendo muito as pernas e vocaliza, tentando ver o pai).

*P – (Entra na cozinha, dá uma palmada no rabo da mulher). Então... (Cumprimenta a observadora e depois pega na filha ao colo, abraçando-a e dando-lhe muitos beijos).
Então gordas, estás boa?*

S – (Sorri-lhe).

M – O teu primo falou contigo?

P – Ele tentou, mas eu não podia atender. (Põe a Susana sentada no parque, sai da cozinha e vai à sala).

M – (Vai atrás do marido e diz-lhe alguma coisa que não se percebe, acerca do primo).

S – (Começa a chorar).

M – (Volta a entrar na cozinha seguida do marido).

P – Então... (Pega na filha ao colo). Vá, vamos para a sala.

O – (Segue-os, senta-se no sofá).

(Os CDs já estavam arrumados)

P – (Senta a Susana na cadeira).

M – (Entra logo de seguida com a papa da Susana, coloca-lhe o babete, e começa a dar-lhe a papa, e liga com o comando a televisão).

P – (Senta-se, olha para a filha). Vá, papa.

S – (Olha para o pai e de seguida para a TV).

M – (Vai soprando a comida e olhando para a TV).

(Estão os três a olhar para a TV)

S – (Olha para a observadora e depois para a comida e novamente para a TV. Depois começa a fazer a careta que o pai lhe ensinou e olha para o pai).

P – (Olha para a filha e ri-se).

S – (Ri-se e faz novamente a careta).

P – Estás a fazer a careta do velho morto, filha...

M – (Olha para os dois). Agora não é hora de velho morto... (Faz-lhe festas na cabeça e vai-lhe dando beijinhos, deixando de olhar para a TV).

S – (Vai-se virando e fazendo a careta quer para o pai, quer para a mãe).

M – (Sorri-lhe e depois sorri para a observadora).

O – (Sorri).

M – (Parece estar mais paciente, deixando a filha fazer as caretas e esperando até lhe dar uma colher de papa. Fica sempre a olhar para a filha).

S – (Começa a fazer uma expressão de quem está a fazer força, ficando a olhar para a janela e depois para a observadora).

M – Estás a fazer cocó, filha! Vá, força! Força! (Sorri-lhe e sopra-lhe na cabeça).

S – (Abre a boca e faz um ar aliviado e distrai-se da papa, olhando ou para a mãe, ou para o pai, ou para a observadora).

M – Então, não queres mais papa?

P – (Começa a mandar-lhe o boneco que é um polvo, para cima).

S – (Sorri).

M – (Sorri-lhe).

P – Bem, a gente queixa-se que ela tem vezes que faz birra para comer, mas ela não tem nada a ver com aqueles miúdos que não comem. Ela come (Olha para a observadora). E quando não come, não come mesmo. Quando não quer comer, não come mesmo!

S – (Olha para o pai).

M – (Manda o polvo ao marido).

P – (Manda o polvo à cara da Susana).

S – (Ri-se).

M – (Manda o polvo à cara do marido).

S – (Ri-se olhando para os dois).

P – Olha, Susana, agora é para a mãe. (Manda o polvo à mulher).

M – (Sorri. Manda ao marido).

(Ficam assim um bocado)

(...)

Análise e reflexão

Observa-se a capacidade da bebé em interagir com os pais. A bebé imita uma careta aprendida no contexto de interacção emocional com o pai, “a careta do velho morto”, brinca com o pai e brinca com a mãe, aumentando assim progressivamente o conhecimento que vai tendo de ambos os progenitores.

A função alfa dos pais permite que se estabeleça entre a tríade um aprender com a experiência emocional através do jogo, através da brincadeira. Estes acontecimentos permitem que a bebé cada vez mais vá associando o prazer de estar na relação, com outros acontecimentos e outros conhecimentos. Isto favorece o seu sentido de identidade e o seu funcionamento psíquico próprio e gradualmente mais individualizado e diferenciado de seus pais.

Obs. nº 39:

Bebé Susana (S); Idade: 9 Meses 2 Semanas e 2 Dias; Presenças: Mãe (M), Pai (P) e Observadora (O); Data: 00/04/25; Hora: 20.00

(....)

S – (Olha para o pai, depois para a TV. E de seguida para a observadora, emitindo várias vocalizações em tom de pergunta, fazendo uma pausa e repetindo. Parece estar à espera de uma resposta. Depois entretém-se com o tambor, levando o pauzinho à boca. Depois começa a choramingar, olha para a observadora e sorri, depois volta a olhar para o tambor e começa novamente a choramingar, até ficar a chorar muito alto, dando gritos).

P – Então. (Entra na sala. Pega na filha ao colo, coloca-a nos ombros e depois levanta-a, olhando para ela e sorrindo-lhe).

S – (Sorri e baba-se).

P – (Deita-se no sofá de barriga para cima com a filha sentada em cima da barriga. Começa a fazer-lhe caretas e a sorrir-lhe).

S – (Faz um ar sério, depois olha para a porta e deixa-se cair para cima da cara do pai).

P – (Dá-lhe beijos). Hoje não dormiste o suficiente; foi borgan, não é? Por ti ainda estavas na brincadeira. (Olha para a observadora). É sempre bem disposta, mesmo com as outras pessoas, toda a gente se ri imenso com ela. Está sempre bem disposta, não é, filha? Deixa cá ver o dentinho. (Começa a tentar abrir a boca à filha).

S – (Começa a virar a cara).

P – (Continua). Já está aqui, filha...

S – (Desata a chorar).

M – (Entra na sala com um prato de papa, na mão, que pousa na mesa). Então? Oh querido, não faças isso à menina, que ela não gosta.

S – (Continua a chorar).

M – Vá, anda cá à mãe. Está rabugenta a minha querida. Pronto. (Aconchega-a ao seu corpo).

S – (Está cheia de lágrimas, acalma-se).

P – Vai lá à tua mãe, ela que te ature.

(Silêncio)

M – (Senta a filha na cadeira dela, põe-lhe o babete, e começa a mexer a papa e a olhar para a TV).

S – (Olha para a papa, abrindo a boca e olha para a mãe).

M – (Começa a soprar a papa).

P – (Olha para a filha, depois para a TV, e novamente para a filha).

S – (Olha para o pai e faz-lhe a careta “velho morto”).

P – (Ri-se para ela, depois olha para a observadora). Já sabe! (Olha para a filha). Estás zangada com o pai... (Olha para a filha).

M – (Vai-lhe dando a papa, deixando-a olhar para a TV e para o pai, até lhe dar a nova colherada).

S – (Olha atentamente para a observadora).

M – (Olha para a observadora). É a Catarina, filha.

P – (Olha para a TV). Coitados destes, queriam aproveitar o feriado e tiveram que ir para ali aturar a conversa do presidente. Coitados... (Ri-se). Têm que fazer aquele frete...

M e S – (Olham uma para a outra).

M – (Vai-lhe fazendo festas na cabeça). Já disseste à Catarina? Diz assim: “Hoje estive o dia todo a laurear a pevide, não queria nada dormir”.

P – Oh, isso quando toca para a brincadeira não há sono para ninguém..., mas também ainda bem que viemos mais cedo, que hoje deve ser um trânsito...

M – Talvez não, mas, também, não foi por isso que viemos mais cedo, querido...

P – (Olha para a filha e mostra-lhe um brinquedo, a lagarta, e esconde-o).

S – (Olha atentamente para as mãos do pai).

P – (Mostra-lhe o boneco e faz um som ao mesmo tempo).

S – (Fica muito atenta, de olhos muito abertos, na expectativa de o boneco aparecer, cada vez que o pai o esconde).

M – É a lagarta, filha. (Olha para ela e sorri-lhe).

P – (Continua com a brincadeira um bocado).

S – (Deixa de comer).

M – Prontos, agora é que já não há papas para ninguém. Vá, vai lá ao teu pai. (Tira-a da cadeira e leva-a ao colo do pai. Volta para trás a levantar o prato da Susana, saindo da sala).

S – (Segue-a com o olhar).

M – (Volta a entrar e senta-se ao lado do marido e da filha).

P – Estes senhores são uns chatos, filha (Olhando para a TV).

M – Se são!

S – (Olha para os pais e leva a mão à cara da mãe, e à boca).

M – (Apanha-lhe a mão com a boca e sorri-lhe).

S – (Sorri e olha atentamente para a mãe. Depois olha para o pai).

P – (Abre logo a boca).

S – (Mete a mão dentro da boca do pai).

M – (Vai fazendo festas na cabeça da filha e tirando-lhe umas peles dos ouvidos).

PM e S – (Continuam assim um bocado).

(Silêncio)

(.....)

Análise e reflexão

Vemos que as características emocionais da bebé são cada vez mais respeitadas pelos pais, ela já tendo desejos e preferências próprias. Os pais são capazes de compreender estes comportamentos e identificar na bebé outra característica na sua relação com os outros.

Vão também partilhando com a bebé outros sentimentos e outros acontecimentos. Como nos diz Bion, a importância da significação emocional abre as portas para o desenvolvimento de um aparelho para pensar os pensamentos. Este surgirá com a contínua interpretação que os pais irão fazendo dos estados emocionais da bebé: esta já fica zangada, não gosta de determinadas coisas, gosta de brincadeira, etc.

Obs. nº 42:

**Bebé Susana (S); Idade: 10 Meses e 1 Semana; Presenças: Mãe (M), Pai (P),
Observadora (O), Vizinha (V) e Outras Vizinhas (OV); Data: 00/05/16; Hora:
20.00**

(O pai abre a porta de casa)

P – Olá, Catarina, está boa?

O – Olá, está tudo bem.

P – Você, ao menos, também está sempre boa! Pelo menos parece que está sempre boa! Pelo menos parece que está sempre bem! Ela está lá fora no quintal com a mãe. Vai ver aqui a nossa quinta! (Sorri). Isto é um privilégio ter um quintal!

(Chegamos ao quintal, a mãe estava com a Susana ao colo, encostadas a um muro baixo, que separa o quintal deles do da vizinha. A vizinha estava do outro lado)

M – Oh Catarina, venha cá, suba as escadas. Venha para aqui, Catarina.

O – (Cumprimenta a Isabel). Olá, Susana.

S – (Vocaliza e sorri para a observadora).

M – Esta é a minha vizinha... (Diz o nome e apresenta-me). É uma amiga minha, que é psicóloga. Vem cá ver a Susana.

V – (Senhora com os seus setenta anos de idade) Ela reconheceu-a logo. (Sorri).

M – Ah, e estas são mais duas vizinhas. (Atrás da observadora, no primeiro andar do prédio, e no prédio ao lado, estava cada vizinha à sua janela. Senhoras dos seus cinquenta e tal anos de idade).

O – Boa tarde.

OV – Boa tarde.

M – (Sorri). Já conhece as minhas vizinhas todas.

V – (Estava sempre a meter-se com a Susana a fazer-lhe adeus e a mandar-lhe beijinhos com as mãos. Parecia muito afectuosa. Faz o movimento para a Susana ir para o colo dela).

S – (Estica-se logo).

M – (Deixa-a ir para o colo da vizinha).

S – (Ia repetindo os movimentos da vizinha, (Beijinhos e acenar) mostrando-se muito satisfeita, sorridente).

M e V – (Vão falando das flores que a Isabel tem no quintal, mas a vizinha está sempre a olhar para a Susana).

S – (Vai batendo palminhas).

V – (Acompanha-a, batendo palmas também).

M – (Olha para a vizinha e para a filha a sorrir).

(O quintal, tinha muitas flores, mas não estavam misturadas, havia canteiros só de malmequeres, outro só de papoilas e outros cada um de sua espécie de flores.

A mãe fala que as flores de que gosta mais são as papoilas. A vizinha comenta que a Isabel até tem flores do campo.

De vez em quando o pai vem à porta da cozinha e olha para a filha, batendo palmas e dizendo-lhe para ela bater palminhas).

S – (Sorri logo que vê o pai e depois bate também as palmas).

P – (Volta a entrar dentro de casa).

V – Eu tenho de ir para dentro...

M – Dê-a cá, vizinha.

V – Vá, vais para a tua mãe, ela que te ature! (Sorri-lhe e dá-lhe um beijo na cara).

M – (Dá beijos à filha).

V – (Continua a falar com a Susana e vai-me dizendo que ela está muito esperta. Que é uma menina muito bem criada e vai-lhe dando beijos na cara e mandando-lhos com a mão). Dá lá atenção à tua amiga, que eu vou andando. (Dirige-se à Isabel).

OV – (Vão chamando a Susana pelo seu nome e batendo-lhe palminhas).

S – (Responde com as palmas, mas também pondo o dedo indicador na palma da mão).

OV – É a pitinha que põe o ovo, Susana. (Fazem o movimento. Depois há uma que se vira para a vizinha: Agora só falta o seu ter um...!)

V – (Dirige-se à observadora). Ah, já não sei. O meu filho já está casado há seis anos... (Diz isto com um ar triste). Quem me dera ter assim uma coisa boa como esta riqueza. (Agarra os pés da Susana).

M – Então, e há-de ter. Agora eles já têm a vida organizada... Oh vizinha, tem ali uma barata perto da sua porta; é melhor matá-la senão ela entra-lhe para dentro de casa. (Realmente estava uma barata enorme na parede da casa da vizinha)

V – (Tira a barata com uma vassoura).

S – (Olha para a vizinha).

M – É uma chatice isto dos bichos; também nunca posso ter a janela aberta. Baratas não, mas houve aí uma altura que eram os bichos de conta, que se enrolam todos. (Fala para as vizinhas de cima). E depois, são os gatos que aí aparecem.

(Silêncio)

OV – Ela está muita gira! O meu neto, o Rafael...

S – (Olha para a senhora).

M – Olha, filha, é o Fael. Pois, é a avó do Fael... (Olha para a vizinha). Já sabe que está a falar do Fael.

OV – ...ele para comer a sopa, é que é lindo, entorna a sopa toda..., fica todo sujo... (Sorri).

M – Ah, ela faz com mais cuidadinho, não faz tanto, mas lá se suja, também, um bocado.

V – (Manda beijos à Susana). Vou para dentro, tenho o jantar ao lume. Adeus, boa tarde. (Dirige-se à observadora).

O – Boa tarde.

M – Diz adeus à vizinha, filha. (Acena com a sua própria mão. Parece muito carinhosa com a filha).

S – (Acena também).

M – Vá, vamos para dentro também. Diz adeus às vizinhas, filha.

S – (Olha para cima e sorri, vocalizando e acenando a mão).

M – Até amanhã.

OV – Até amanhã. Boa tarde. (Olham para a observadora).

O – Boa tarde.

(Dirigimo-nos para dentro de casa. Passamos no hall, ouve-se água a correr na casa de banho. Vamos para a sala, onde a TV estava ligada).

M – Oh Catarina, tire só daí os papéis. (Estavam no sítio onde a observadora se costuma sentar, em cima do sofá).

O – (Arreda os papéis e senta-se).

M – (Senta a Susana no sofá e senta-se ao seu lado).

S – (Começa a brincar com o burro de borracha).

P – (Entra na sala, trazia o cabelo molhado, olha para a TV e para a filha, abre o armário e vê qualquer coisa, e senta-se no banco onde a Isabel costuma dar de comer à Susana).

S – (Começa a dar imensas voltas, até se aproximar da observadora. Começa a puxar-lhe os botões do casaco).

M – (Olha para a filha e depois para a TV).

S – (Debruça-se para o chão e olha para um cesto onde estão produtos de beleza da mãe. Consegue puxar um creme. Depois deita a cabeça nas pernas da observadora e fica a olhar para o creme, a dar-lhe voltas e a levar à boca. Depois levanta o casaco à observadora e baixa, volta a olhar para o creme e volta a fazer o mesmo com o casaco).

M – Estás-te a meter com a Catarina!

P – Ela já a conhece bem, também ela já está com dez meses. (Olha para a observadora). Ela já fez os dez meses!

O – Pois, fez na terça-feira passada.

S – (Continua entretida com o creme).

P – Pois... (Faz um ar, um pouco surpreendido). Pois, dez meses..., (Fica a pensar, parece estar a fazer contas de cabeça). Pois, dez meses, já a viu pelo menos 40 vezes....

Pois, já a viu 40 vezes, já a conhece, (olha para a mulher), e agora, cada vez está mais esperta, cada vez vai conhecendo melhor as pessoas.

(....)

Análise e reflexão

Vemos nesta observação a abertura da significação emocional no contexto que a bebé estabelece noutras relações significativas (nomeadamente com uma vizinha que tomaria conta da bebé na ausência dos pais). Este fluir para as relações exteriores permite à bebé o conhecimento de novos modelos de identificação e, conseqüentemente, novas oportunidades de aprender novas experiências.

A relação afectiva que estabeleceu com a vizinha é um exemplo disto. Esta diversidade de experiências emocionais permite à bebé modular os seus comportamentos afectivos, possibilitando-lhe cada vez mais transformar as suas experiências emocionais em conhecimentos adquiridos.

E notamos nesta observação a capacidade dos pais perceberem a autonomia e flexibilidade da bebé. Também nesta observação a observadora é referida como alguém

que também tem acompanhado a bebé neste processo de crescimento e de aprendizagem.

Obs. nº 44:

Bebé Susana (S); Idade: 10 Meses e 3 Semanas; Presenças: Mãe (M), Pai (P), Avó Materna (AM) Vizinha (V) e Observadora (O); Data: 00/05/30; Hora: 20.00

(...)

M – Olhe, Catarina, nós vamos sair, mas está cá a minha mãe e a minha vizinha, fique à vontade.

S – (Olha para mãe).

AM – Olha, a vizinha estava a perguntar se tu precisas de tirar alguma coisa lá do frigorífico, como ela vai estar fora dois dias...

M – Não, não preciso. Então, vai estar fora? (Sorri-lhe).

V – Vou. Agora estes dois dias vou ter com a minha irmã. Ela telefonou-me há bocado.

P – (Aparece a fazer caretas à filha).

S – (Sorri para o pai).

M – (Dá um beijo à filha). Olhe que bom! Vá, vizinha, aproveite bem! Cumprimentos à sua irmã. Até terça, Catarina.

O – Até terça.

M – Oh vizinha, feche a sua porta e venha para aqui, tem aqui a minha mãe, até lhe faz companhia e põem a conversa em dia.

V – Ah, eu tenho a comida ao lume.

M – (Veste um casaco de cabedal, pega num capacete).

P – (Sai de casa).

M – (Quando já está à porta). Se quiserem, sentem-se!

S – (Olha para a porta).

V – (Dá-lhe um beijo e sorri-lhe).

S – (Sorri e começa a bater palmas).

V – Ai as palminhas.

AM – Vamos sentar-nos.

(A avó senta-se e faz-me sinal com o braço para eu me sentar ao seu lado, mas um bocadinho afastada. Observadora senta-se no sofá. A vizinha senta-se no banco, onde a mãe costuma dar de comer à filha. A Susana fica ao seu colo, de lado para si, e de frente para a observadora e para a avó).

AM – Não quer vir aqui para o sofá?

V – Não, aqui estou bem.

S – (Olha para a porta).

AM – (Faz sinal à vizinha para olhar para a Susana, sorrindo para a neta).

V – Foram embora, minha querida... Está tudo bem. (Dá-lhe um beijo na cabeça. Depois dirige-se à mãe da Isabel). Então, daqui a uns dias ...! (Segura as mãos da Susana e abana as pernas, fingindo que dançam).

S – (Sorri muito para a vizinha. Raramente olha para a avó).

V – (Vai falando com a Mãe da Isabel, mas vai sempre interagindo com a Susana, dando-lhe beijos e batendo palmas).

S – (Acompanha a vizinha, acrescentando aos movimentos da vizinha, o movimento de acenar, do dedo indicador esticado a bater na palma da outra mão).

V – (Vai respondendo). Diz adeus ao cão, Susana. (Ouve-se um cão a ladrar). Ai, a pitinha põe o ovo...!

S – (Depois leva a mão à cabeça).

AM – É a tonta, Susana. É a tonta da menina.

(Ao longo destas brincadeiras:)

V – (Fala de uma vizinha qualquer, que parece que tem um filho que não é dela, mas que essa vizinha tem educado o menino. Refere ainda que, essa vizinha, agora, já tem um bom contrato de trabalho).

S – (Mexe-se muito, olhando para a observadora e para a avó).

AM – Anda cá...(Pega na Susana ao colo e senta-a ao seu lado, entre ela e a observadora). Tens que começar por aqui a andar..., lá na “terra”, é que era uma maravilha, andava por onde queria!

V – Ah pois, e a tua avó ficava toda contente por te ter lá. A tua avó e o teu avô.

AM – Oh, isso era uma loucura, já nem ia tratar lá da agricultura. (Sorri para a neta).

V – Ela lá em casa gatinha por tudo o que é sítio. Dorme lá no colchãozinho, no chão. (Olha para a observadora). Eu não tenho nenhuma cama para bebé, então arranjei-lhe lá uma caminha com um colchão, ela dorme lá muito bem. Mas também só a deito quando ela já está mesmo a dormir. Depois, quando acorda, eu estou na cozinha e começo a chamá-la e aí vem ela. Sempre a gatinhar, e a arrastar-se pelo chão, tuca, tuca! Vem toda contente ter comigo! (Sorri para a Susana).

S – (Começa a arrastar-se em direcção da observadora. Senta-se ao seu lado e puxa o botão do casaco).

V – Vou-me embora. Adeus, fofa!

S – (Olha para a vizinha).

V – (Acena-lhe).

AM – Gostei muito de a ver.

V – Também eu, agora já não é como antigamente. Que estávamos sempre aqui, lado a lado.

AM – Pois, mudam-se os tempos.

V – Há que dar o lugar aos mais novos.

AM – Pois é...

V – Bom, até logo. (Manda beijos à Susana e acena-lhe).

S – (Leva a mão atrás da cabeça e lança-a para a frente, depois acena também).

V – Adeus, boa tarde. (Dirige-se à observadora).

O – Boa tarde.

V – (Sai de casa, sozinha).

S – (Continua de volta dos botões da observadora, aproximando a boca deles).

AM – Vá, não sejas chatica, anda cá. (Puxa-a para o seu lado, boceja).

S – (Sorri para a observadora. Começa a tentar trepar pelo sofá, para olhar pela janela).

AM – (Ajuda-a, segurando-lhe as costas). Ai, é rua, são as flores. (Ouve-se um cão). É o “ão ão”.

S – (Deixa-se descair, passa por cima das pernas da avó. Parece querer alcançar um cesto, que está na ponta do sofá, onde estão os produtos de beleza da mãe).

AM – (Vai-lhe segurando o pé).

S – (Tenta alcançá-lo, mas não consegue arrastar-se mais, pois a avó está a segurá-lhe o pé. Começa a chorar, e senta-se a chorar).

AM – Aquilo não é para a menina mexer.

S – (Olha para a observadora e cala-se. Depois volta a passar por cima das pernas da avó e tenta alcançar o cesto).

AM – (Agarra-lhe o pé, mas deixa-a alcançar).

S – (Puxa um dos frascos).

AM – (Senta-a ao seu lado e traz o cesto para o seu colo). Ai tantos bonitos!

S – (Começa a tirar os frascos para fora do cesto).

AM – (Vai-os arrumando dentro do cesto).

S – (Volta a tirá-los).

AM – (Arruma-os logo).

S – (Começa a irritar-se e a tirar a mão da avó, começando a chorar).

AM – Temos que arrumar. (Boceja).

S – (Olha para a observadora e cala-se. Trepa pelo sofá para olhar para a rua).

AM – (Atrapalha-se arrumando os produtos dentro do cesto, e a segurá-la ao mesmo tempo. Depois olha para a neta e para a rua). Há muita coisa na rua, os gatos, o “ão ão”. (Silêncio)

AM – Ah, os pombos! Os pombinhos estão lá fora...

(Silêncio)

AM – Ah, e os pais foram embora e não levaram a menina, não é, Susana?

S – (Põe as mãos na cara da avó).

AM – (Afasta a cara).

(A avó, tem um certo “ar de menina”, com uma saia de pregas azul e com uma camisola branca, com a gola aos quadrinhos cor de rosa, igual à borda das mangas. É magra, de cabelo curto. É bastante morena. (De quem trabalha no campo). Tem os braços musculosos, bem como as mãos trabalhadas)

S – (Volta a tentar tocar na cara da avó).

AM – (Deixa um bocado, mas desvia a cara).

S – (Volta a debruçar-se sobre o cesto, tirando os produtos, e levando à boca).

AM – (Vai-lhe tirando da boca). Não põe na boca... (Agarra um papel que estava também no cesto e tenta que a neta se entretenha com ele, enquanto arruma novamente para dentro do cesto os produtos).

S – (Agarra o papel, mas quando vê a avó a arrumar os produtos, recomeça a tirá-los).

AM – Não mexe nos perfumes, que são da mãe. Depois a mãe zanga-se.

S – (Continua).

AM – (Continua a arrumar, o que a Susana tira).

S – (Começa a ser mais rápida a tirar os produtos).

AM – Pronto, então tira lá tudo. (Boceja).

(O cesto fica vazio)

S – (Mete a mão dentro do cesto).

AM – É o cesto para os ovos...

S – (Começa a por os produtos dentro do cesto).

AM – (Recomeça a arrumá-los mais depressa).

S – (Recomeça a tirá-los).

(Cesto fica vazio)

AM – Ai o cesto para a menina dos ranchos, e para ir apanhar as azeitonas!

S – (Recomeça a pô-los dentro).

AM – (Acaba de os arrumar, e põe o cesto, novamente, no canto do sofá).

S – (Começa a chorar).

AM – Vá, olha a rua! (Põe a Susana virada para a rua, segurando-lhe os pés). Ah, e é o barulho do vento. (Boceja).

S – (Começa a abrir um dossier que está atrás do sofá).

AM – Não, não! Que isso é da mãe e do pai. (Fecha o dossier, mantendo lá a mão, para a Susana não o abrir).

(Sempre que a Susana vocaliza, a avó responde “Pois, pois é”).

S – (Volta a sentar-se e a tentar passar por cima das pernas da avó).

AM - Rebola, rebolinha, cabaça, cabacinha, ainda não vi uma velhinha. (Dá-lhe um beijo. Segura –lhe os pés).

S – (Volta a alcançar o cesto, e a tirar e a pôr novamente os produtos).

O – Bem, então boa tarde, vou andando.

AM – Ai, olha a menina vai-se embora... (Olha para a neta).

S – (Olha para a observadora e sorri).

O – (Levanta-se). Adeus, Susana, até terça.

AM – (Levanta-se, despede-se da observadora e acompanha-a à porta). Diz adeus, filha!

S – (Olha para a observadora, acena-lhe, mas fica com um ar sério a olhar para a observadora).

Análise e reflexão

Nesta observação, constatamos como a ausência dos pais é vivida pela bebé. Isto nos permite observar, segundo Bion, o grau de tolerância à frustração, o nível de representação mental e capacidade de abstracção, ou seja, podemos observar na bebé a sua capacidade de transformar o pensar em realizações simbólicas.

Vemos que perante a ausência dos pais, a bebé procura transformar os acontecimentos, interligando várias esferas do conhecimento adquirido com pessoas significativas emocionalmente (o pai, a mãe, a vizinha, a avó e a observadora) a bebé vai observar, investigar e exercitar a sua autonomia, vai se aproximar e afastar da avó, da observadora, mas vai fundamentalmente de uma forma simbólica através do jogo do tira e põe elaborar a ausência dos pais.

Pois ao longo da observação vimos que este era o estilo preferencial de jogos que os pais teriam com a bebé. O “dá e tira”, o “aparece e esconde”. Perante a atitude da avó que lhe tirava os objectos, observamos a capacidade da bebé tolerar a frustração, arquitectando em jogos através das suas interacções intencionais sua capacidade de pensar os acontecimentos. Este facto só é possível visto ter em sua mente a representação interna de seus pais.

Obs. nº 47:

Bebé Susana (S); Idade: 11 Meses e 1 Semana e 4 Dias; Presenças: Mãe (M), Pai (P) e Observadora (O); Data: 00/06/20; Hora: 20.00

(...)

S – (Está calma ao colo da mãe, olha para o pai e para a observadora).

S – (Olha a mãe, depois olha para o pai).

P – (Está a ver o futebol).

M – (Ouve-se o barulho da porta do quintal, depois abre o estore da sala, passado um bocadinho, ouve-se a porta do quintal a fechar).

S – (Olha para a observadora, arrasta-se até ela, agarra-lhe o relógio e começa a olhar muito para os botões do casaco e a mexer, muito cuidadosamente. Depois puxa-o e olha para a observadora. Fica assim um bocado).

P – (Começa a observar a filha. Raramente olha para a TV. Depois pega na escova de dentes e abana-a levemente).

S – (Olha para o pai).

P – (Com a escova de dentes, faz um teatrinho para a filha). “Olá, Susana, estás boa? Ouvi dizer que já estás quase a precisar de mim. Sou uma escova muito bonita, para uma menina muito bonita”.

S – (Olha atentamente para o pai, sentada muito direita, no sofá).

P – (Entrega-lhe a escova). Toma, é “pa ti”!

S – (Agarra a escova e leva-a à boca, chupando-a).

P – (Observa a filha).

S – (Depois estende o braço ao pai, com ela na mão).

P – (Aceita-a). Agora é para ti. O pai dá.

S – (Agarra-a).

P – Agora dá ao pai.

S – (Dá).

P – Pois, filha, é dar e receber. Estás a aprender a saber partilhar, que é uma coisa muito importante.

P – (Dá novamente à filha).

S – (Leva à boca, depois estende novamente para o pai).

P – Dá à Catarina.

S – (Olha para a observadora e sorri).

O – (Sorri).

S – (Estende o braço ao pai, para lhe dar).

P – Agora fica para ti, Susana.

Análise e reflexão

Observamos nesta observação, de forma clara, a capacidade da bebé através da linguagem verbal “dá”, de demonstrar as suas competências emocionais intencionais. A aprendizagem emocional com os pais e outras figuras significativas, vividas nos diferentes contextos relacionais que as observações nos mostram, permitiu o início do desenvolvimento do pensamento verbal.

Obs. nº 50:

Bebé Susana (S); Idade: 1 Ano e 2 Dias; Presenças: Mãe (M) , Avó Materna (AM) e Observadora (O); Data: 00/07/11; Hora: 20.00

(A avó abre a porta, trazia a Susana ao colo)

S – (Sorri).

O – Boa tarde. Olá, Susana.

AM – Olha, tens uma visita. (Cumprimenta a observadora). Boa tarde, como está?

(Dirigimo-nos à sala. Do hall vê-se a Isabel; estava no quintal a tirar roupa)

AM – (Senta-se no sofá, sentando a neta ao lado).

O – (Senta-se no sofá).

(Na sala estava um carro de brincar, grande. Em cima do sofá estava o tambor, um saco pequeno com um nó onde estavam peças de encaixar pequenas. Havia também um piano a pilhas, onde além das teclas tinha várias “janelas”, nas quais tocando-se produz um som. Estava, também, o tambor)

S – (Pega no saco).

AM – Espera. (Ata melhor o saco). Estas peças são muito pequenas.

S – (Olha para dentro do saco e leva-o à boca. Depois fica, fixamente, a olhar para a observadora. Emite um som e continua a olhar para a observadora. Volta a olhar para o saco. De seguida gatinha em direcção à observadora e agarra-lhe o relógio).

AM – Oh Susana. (Fala num tom baixo e fica a olhar para a neta a sorrir).

S – (Depois senta-se ao lado da observadora e olha novamente para o saco).

(Entra a mãe na sala)

M – (Vinha de pijama). Olá, Catarina, está boa?

O – (Debruça-se para a cumprimentar). Olá, Isabel.

S – (Pegava no saco e olhava de fugida para a mãe).

M – Então, ficas com ela? (Dirige-se à sua mãe). Ficas aqui com avó e com a Catarina, que a mãe tem de ir lá para dentro trabalhar. Isto ela anda... (Olha para a observadora e para um saco que estava ao meu lado).

O – Trouxe aqui uma coisa para ti, Susana. Já tens um ano. (Dá a prenda para a mão da Susana).

M – Olha uma bonita, filha! A Catarina trouxe-te uma prenda.

S – (Olha para a observadora, depois fica a olhar para o embrulho, pegando na fita e levando-a à boca. Depois pega na caixa pela fita).

M – Vá, abre.

S – (Continua entretida com o laço).

AM – (Desembrulha-lhe um bocadinho).

S – (Começa a rasgar o papel a desembrulhar).

AM – Assim, estragas o papel.

M – Deixa estar.

AM – (Vai ajudando).

(Era um jogo de peças de encaixar, de vários tamanhos, que se encaixam todas umas nas outras, ou que dá também para fazer um pirâmide)

M – Olha, Susana, que bonito. Obrigada, Catarina.

O – (Sorri).

M – Ai tantas peças. Olha, e ficam todas juntas! (Agarra a caixa do brinquedo e vê).

S – (Vocaliza imenso, começando a pegar na peça maior, e depois nas outras).

M – (Continua a ver, atentamente, a caixa do brinquedo. Depois sai da sala e vai para o quarto do casal, levando consigo a caixa).

S – (Olha para a mãe e depois para a observadora. Volta a entreter-se com as peças.)

AM – (Põe-lhe uma peça pequena dentro de uma maior e abana). Olha, Susana!

S – (Pega nas peças e abana, depois mete o dedo indicador dentro da peça grande. Tira a peça pequena de dentro dele, e volta a pôr o dedo, e depois a mão).

AM – (Dobra o papel que está um bocado rasgado. Coloca-o em cima da mesa).

S – (Olha para o que a avó está a fazer, depois larga a peça e agarra a fita de embrulho, levando à boca. Depois tira e estica o braço em direcção à observadora, com a fita na mão, emitindo um som. Volta a pegar na peça maior e leva-a à boca, pondo-a à frente do nariz e da boca. Depois deixa cair, apanha e leva com a mão

atrás da cabeça, voltando e ficando a olhar para a peça. Pega no saco que tem as peças pequeninas e tenta pôr dentro da peça grande. (Não cabe)).

AM – Pronto, a avó dá uma “bonita” à menina. (Tira uma das peças do saco). Toma, Susana.

S – (Tenta levar à boca).

AM – (Não deixa). Isso não, que é muito pequenina. Depois podes aleijar-te.

S – (Olha para o outro lado da avó, onde está o piano. Começa a gatinhar).

AM – (Passa-lhe o piano para as mãos).

S – (Vai tocando nas teclas e nas janelas. Depois tenta levá-lo à boca e depois leva-o acima da cabeça. Depois, põe o piano de lado e começa a gatinhar e a subir as costas do sofá, olhando pela janela).

AM – (Segura-lhe os pés). Ai, está a ver a rua!

S – (Começa a abrir o dossier que está atrás do sofá).

AM – Aí não, Susana. (Sorri para a observadora e vira-se para trás, fechando o dossier. Depois fala em tom baixo). Isso é da mãe.

S – (Começa a choramingar e a tentar abrir o dossier).

AM – Vá, a avó mostra um bocadinho. (Abre-lhe um bocadinho o dossier, mas depois fecha-o logo).

S – (Começa a choramingar, deixa-se cair sentada no sofá, deixa de choramingar e começa a gatinhar em direcção à ponta do sofá. Passa por cima das pernas da avó e começa a empoleirar-se para o chão).

AM – (Segura-lhe as pernas).

S – (Manda para o sofá uma revista de carros, e traz outra consigo).

AM – Não, não, isto é do papá, depois ele zanga-se com a gente. (Tira as revistas e coloca-as no sítio de onde a Susana as tinha tirado).

S – (Olha para o que a avó estava a fazer. Faz a careta do “velho morto”. Depois olha para a observadora e sorri, vocalizando).

AM – Olha esta bonita dá som. (Tambor, carrega no botão. Fica aquele som de batuque de discoteca).

S – (Olha para o tambor, tira as mãos da avó do tambor e leva o pauzinho à boca. Depois vocaliza imensos sons).

AM – Pois é...

S – (Larga o tambor, e vai novamente para o canto do sofá, empoleirando-se).

AM – (Estica-se toda para segurar as pernas da Susana).

S – (Começa a mandar papéis, para o sofá, e a babar-se. Continua empoleirada).

AM – Mas o que é que ela anda a fazer? (Apanha os papéis. Depois ri-se). Minha cabritazita. (Chega-se mais para perto da neta, e espreita). Ai tanta coisa, Susana. Pois são muitos bonitos, não é? E tu agora queres descobrir tudo!

S – (Começa a mandar cada vez mais papéis para o sofá).

AM – (Parece atrapalhada a segurá-la e a apanhar os papéis ao mesmo tempo). (Entretanto o batuque do tambor ainda não se tinha calado)

AM – (Arreda-se um bocadinho, para segurar o tambor, e puxa a neta para o lado dela). Pronto, Susana, agora brincas com estes “bonitos”. (Tenta desligar o tambor. Tinha o botão encravado. Lá consegue).

S – (Começa a gatinhar e vem para o lado da observadora, depois pega numa das peças maiores e manda-a para trás do sofá).

AM – Oh Susana. Então, e agora? (Empoleira-se para ver onde a peça tinha caído).

S – (Nem olha para avó. Depois leva outra peça à boca, tira-a e põem-na dentro de uma maior, voltando a pôr o dedo dentro dela. Depois olha para a observadora e sorri. Começa a trepar pela observadora e mete os dedos dentro da boca da observadora).

AM – (Sorri). Oh Susana, deixa a Catarina em paz.

S – (Olha para a observadora e continua a tirar e a pôr. Depois debruça-se sobre o braço do sofá, ao colo da observadora, e começa a mexer na mala da observadora que estava no puff, que está encostado ao sofá. Põe a mão dentro da bolsa de fora da mala e empoleira-se para ver).

O – (Segura-a).

AM – Oh Susana, não mexe aí.

S – (Tira da bolsa de fora da mala o saco onde vinha a prenda dela. Vocaliza, trá-lo consigo e senta-se ao lado da observadora, amachucando o saco).

AM – Dá a bonita à Catarina.

O – Deixe estar.

S – (Leva a asa do saco à boca. Depois larga e vem de novo para cima da observadora. Senta-se ao seu colo e começa a pôr-lhe a mão na cara, primeiro na boca, depois no nariz e depois começa a pôr a mão nos óculos).

AM – Oh Susana (Ri-se), não faças isso. São os óculos.

O – (Sorri).

S – (Continua a pôr os dedos nas lentes, depois puxa devagarinho os óculos e olha para os olhos da observadora. Puxa mais, e fica a olhar. Depois sorri-lhe).

O – (Sorri).

S – (Sai do colo, e senta-se ao seu lado, começando a brincar com as peças).

(Eram 20.55)

M – (Sai do quarto de casal e dirige-se à sala).

S – (Olha para a porta da sala).

M – (Entra, não olha para a filha). Oh mãe, a menina já deve ter fome. Se calhar era bom preparar a papa dela.

S – (Olha para a mãe, depois desvia o olhar novamente para as peças).

AM – Eu já vou.

M – (Sai da sala em direcção à cozinha).

(Ficamos assim um bocadinho, com a Susana a brincar com as peças)

O – Bem, vou andando. Adeus, Susana. (Depois começa a levantar-se).

S – (Puxa o casaco da observadora).

O – (Vira-se para ela).

S – (Acena adeus).

O – (Sorri-lhe e acena também). Adeus, Susana. (Volta a virar-se acabando de se levantar).

S – (Puxa novamente o casaco da observadora. Desta vez, fica só a olhar para a observadora).

O – (Sorri-lhe). Adeus, Susana, até terça.

AM – (Parece embevecida com a atitude da neta). É a Catarina, vai embora... Vamos levá-la à porta, Susana. (Pega na Susana ao colo e acompanham a observadora à porta).

O – (Do hall vê a Isabel na cozinha). Adeus, Isabel, até para a semana.

M – (Sai da cozinha). Adeus, Catarina, até terça, e obrigadinha.

O – (Sorri). Cumprimentos ao Paulo.

S – (Olha atentamente para a observadora).

Análise e reflexão

Nesta observação, é notória a capacidade da bebé, na sua plasticidade mental, autonomia e intencionalidade emocional, de fazer o convite para a brincadeira.

É através do seu brincar que a bebé olha por dentro a observadora, olhos nos olhos, quer saber do seu interior, quer claramente conhecer o outro. Através do seu brincar, mexer, atirar, pôr e dispor das suas capacidades cognitivas, afectivas e motoras e investiga os acontecimentos, e explora os objectos as pessoas ao seu lado e a sua volta, olha, observa, desvia o olhar, liga-se a outros acontecimentos e desliga-se e volta a procurar novas alternativas de respostas, novas situações a descobrir a reinventar.

É este fluir de acontecimentos e de emoções que nos permite observar a bebé como um ser pensante em contínua transformação nos seus conteúdos mentais. Os alicerces para o seu aparelho mental foram criados nas suas relações emocionalmente significativas. A partir daqui, o pensamento verbal instala-se como motor do seu gradual desenvolvimento de pensamentos, e novas aprendizagens e aquisições para o seu crescimento.

CAPÍTULO 7

DISCUSSÃO

A procura de mais sentidos, e de significados emocionais, é o que permite ao Homem ser poeta e ser poeta é voltar a ser bebé, com a unidade primária e com as unidades de significação relacional. Ser poeta porque o bebé tem esta capacidade extraordinária de procurar os sentidos e o sentir na relação com as pessoas e no mundo a sua volta.

É esta coexistência com outro ser humano que permite a um bebé ser místico nos seus sonhos, ser um poeta na vida, pois que existe dentro de uma mãe ou de um pai com memória de futuro e no Homem de amanhã, com projectos para a Humanidade.

Esta divindade da insistência e da existência humana se corporiza na mente de quem sonha e transforma a vida. Bebé, mãe e pai criam juntos essa linguagem de sonho, esta sinfonia emocional, para recriarem juntos os enigmas dos sonhos passados e aprendendo, no presente, com a experiência emocional, a transformarem os projectos do futuro em realizações do crescimento mental, criação do Homem na vida.

A integração mental e a capacidade de sonhar dos pais impõem-se à natureza do bebé, como forma de quererem saber acerca de si próprios e do seu bebé. O bebé tende a questionar-se e a investigar o mundo à sua volta, face aos acontecimentos que lhe perturbam a alma. Este desafio de ser, de ir sendo com os outros, trilhando novos caminhos, indagando o sonho e questionar a vida, funda o ser místico-religioso, aquele que pela sua estética e potencialidade emocional faz parte do sonho de outros, aquele capaz de dizer ao outro: quem és tu? Aquele capaz de perguntar ao outro: diz-me quem sou eu?

O bebê tem esta capacidade de nos olhar por dentro, tem esta capacidade de pôr o mundo em movimento, fazer questionar o que temos como adquirido, põe em movimento a intimidade do ser e nos convida à transformação do ser e do ir sendo. Primórdios do aprender com a experiência emocional, tempo da descoberta, de novos espaços psíquicos fundados na paixão relacional, quando nos propomos a cuidar de um bebê, a crescer com o bebê.

A tentativa de explicações da natureza dos fenómenos mentais ocorridos durante o desenvolvimento psíquico do bebê é tarefa difícil. Do ponto de vista da investigação psicanalítica, observamos e reflectimos que o objecto de investigação no caso de Klein não será ainda o bebê real, mas se refere a um bebê cujo mundo psíquico se caracteriza, nos primeiros meses de vida, pelo funcionamento mental disperso e por uma ansiedade persecutória, consequência do seu estado de desamparo e pulsão de morte herdada.

Para se livrar destes sentimentos, o bebê projectaria para a mãe este seu estado, este só poderia ser transformado na experiência de gratificação ou de frustração com o seio materno. Temos aqui o mérito de Klein: “só posso ter existência para um outro, porque internamente faço parte do seu mundo psíquico”. Para Klein, os processos de diferenciação do bebê com sua mãe só ocorreriam a partir dos 4 meses, quando o bebê, através do seu aparelho mental rudimentar para pensar, fosse capaz de integrar mentalmente as experiências gratificantes e frustrantes a pessoa da mãe, passando assim para um funcionamento mental caracterizado pela capacidade de integrar e simbolizar a experiência.

Mas, no entanto, o bebê de Klein seria à partida um bebê ansioso e muito pouco competente. O seu mérito foi atribuir ao bebê, já nesta altura precoce, um aparelho mental rudimentar para pensar, com mecanismos mentais que estariam na base da formação de um ego precoce no bebê. Por outro lado, a mãe (que nos surge como patológica) na teoria de Klein parece apenas existir na sua concepção de objecto gratificante ou objecto frustrante, permitindo que através da identificação projectiva patológica, o bebê elaborasse os seus conteúdos mentais dispersos na mente.

Com os trabalhos de Bion, Winnicott, Anzieu, Ester Bick e outros, as questões de Melanie Klein ganharam outra eficiência para a compreensão da formação do

psiquismo do bebê, atendendo ao facto de se investigar as qualidades mentais/físicas da mãe na sua relação com o bebê.

Com os trabalhos Anzieu, o bebê (corpo e psíquico) e sua mãe (pensante e prestadora de cuidados) ganham outro sentido de investigação objectal. Na teoria de Anzieu, a relação com o bebê real através do seu eu corporal, (visível e real) nas suas vivências de contacto corporal na relação com a mãe, constitui os primórdios da formação de um “eu-pele” no bebê, fundado na relação com a díade, através da constituição de um aparelho para pensar os pensamentos (Bion) e na qualidade da prestação de cuidados reais maternos (Holding e o Handling), como nos fala Winnicott, que privilegia nas experiências maternas o suporte afectivo para o progressivo desenvolvimento da integração e da diferenciação da personalidade do bebê.

Com Ester Bick e Bion, ambos utilizando metodologias diferentes – Bion através da análise clínica de casos de doentes profundamente perturbados na sua capacidade para pensar e Bick através do método de observação de bebês em seu habitat natural – abre-se o caminho para a investigação objectal das funções contentoras da mãe, e sua capacidade ou não de transformar na relação, os conteúdos psíquicos do bebê. “Pele psíquica” de Ester Bick e “função alfa” e “capacidade de reverie” de Bion.

É sobre este período pré-verbal que os estudos psicanalíticos mais se têm debruçado, o que nos permitiu levantar algumas questões e querer investigar outras. Não sei se com este trabalho responderemos a todas as questões, mas fica aqui um contributo interrogativo para novas investigações.

O que se passa nesta relação precoce entre mãe e bebê?

Como a realidade interna e externa, os objectos cuidadores vão transformando o bebê para o progressivo desenvolvimento e autonomização das suas capacidades psíquicas?

Serão as experiências da intimidade emocional na díade facilitadoras da progressiva descoberta do bebê para experiências cada vez mais diferenciadoras?

E será que as qualidades psíquicas e de prestação de cuidados da mãe permitem ao bebê a transformação do princípio do prazer para as experiências integradoras do sentido da realidade?

Serão esses os primórdios do pensar humano?

E quando ocorre ausência de resposta por parte da mãe, o que acontece com o bebê?

Atendendo ao realismo de que da parte da mãe nem todas as respostas serão adequadas face às necessidades e desejos do bebê:

O que se passa na mente do bebê?

O bebê se sentirá frustrado?

E será esta tolerância à frustração que permitirá ao bebê encontrar novas respostas à possível dor mental, face ao momento de desconhecimento, pois por qualquer razão o bebê não compreende porque a mãe não dá resposta?

Como o bebê viverá a experiência de não resposta?

Mas qual será o tempo óptimo para não promover no bebê a desintegração psíquica? Pois esta, tal como foi referido por Winnicott, é que é uma experiência dolorosa para o bebê.

E não serão estas experiências do choro do desconforto do bebê que mobilizam o outro para a resposta adequada?

E se pensarmos que a própria mãe se assusta com o bebê por não compreender o que se passa?

O que sentirá a mãe?

O que sentirá o bebê?

Não será esta dúvida vivida que permitirá mãe e bebê encontrarem juntos uma resposta, uma alternativa?

Mas da mãe espera-se habitualmente, e ao contrário do bebê, que tenha uma maior capacidade para lidar com a situação, assente na observação da sua maturidade de ser pensante.

De acordo com as suas qualidades psíquicas, a mãe poderá ter maior ou menor paciência para compreender o que se passa com o seu bebê:

E o bebê?

Procurará auxílio de outros? (pessoas, objectos, ou nele próprio)

Pedirá ajuda ao pai?

Procurará um outro para dar sentido a sua experiência?

O desejável seria que este outro ser, diferente da mãe, fosse o próprio bebê, inaugurando-se dessa forma o aprender com a experiência diferenciadora e emocional, em que mãe e bebê juntos e através do desejo de se conhecerem mutuamente, se fosse adaptando aos novos ritmos psíquicos, desafios selectivos e atentos propostos pelos dois. Pelo menos durante o período em que mãe e bebê estão a compreender que a vivência uterina outrora vivida pelos dois, esta relação outrora umbilical começa a desenrolar-se e a desenvolver-se de forma diferente, numa outra realidade. Onde o encontro com o terceiro é inevitável!

Mas nascer? Mas um bebê não existe sozinho, não sobrevive sozinho, Winnicott, já o teria dito. E Sá fala-nos desta recíproca aprendizagem entre pais e bebê.

E com os estudos actuais de Brazelton e colaboradores, somos confrontados com as reais competências do bebê desde o seu nascimento, e como ambos os progenitores podem estar implicados na ajuda e no desenvolvimento das competências psíquicas do bebê.

Das observações, verificamos que após o nascimento (4 dias), a bebê instintivamente procura o seio materno. A mãe, se estiver mentalmente disponível e atenta, aconchegar-se-á a bebê e irá alimentá-la. Este será o momento poético por excelência da vida de um ser humano, sendo esta uma visão estética, emocional e promotora de novas mudanças internas e externas, nos ritmos psíquicos entre a mãe e a bebê.

Da observação, vejo mãe e bebê, vejo esteticamente e afectivamente o “quadro psíquico”: mãe satisfeita /bebé satisfeito; mãe inquieta /bebé com dificuldades de mamar, mãe inquieta/bebé procurando o mamilo, tentando aconchegar-se na mãe, várias combinações e acontecimentos podem ocorrer entre satisfação da mãe e da bebê, insatisfação de ambos, satisfação de um, insatisfação de outro.

Mas o que é um facto das observações (Nº 1, Nº 5, Nº 9) é que a bebê procura a vinculação. A bebê, através das suas capacidades sensoriais e motoras, perante a indisponibilidade da mãe, “para de mamar”; “toca com a sua mão no seio da mãe” e “procura o seu olhar”. Procura uma alternativa para a interacção, procura uma resposta

da parte da mãe. Quando isso não acontece, mostra o seu desagrado através do choro ou através do dormir, pelo menos numa fase inicial.

Mas quando Bion nos chama a atenção para o facto de haver no bebé uma maior ou menor tolerância a frustração face às atitudes desadequadas da contenção materna, esta questão fez-me levantar outras questões.

Passou-se da observação puramente estética para a estética da transformação, do científico-filosófico para o científico-religioso, no sentido em que religioso significa religar, reunir, vincular, dar um novo sentido, procurar novas unidades de significação.

Com Bion e Ester Bick, a relação da díade passou a ser uma unidade de observação no seu contexto dinâmico de investigação e de transformação actuante, trazendo novas realidades para o pensar humano. Que equipamento mental terá o bebé para lidar com a mãe (ser pensante ou não), e quais serão os factores psíquicos que jogam na constituição e na transformação destes conteúdos psíquicos no inter jogo subjectivo e objectivo desta relação?

Da mãe (do ser pensante), objecto de transformação no outro para outros, espera-se a capacidade de ser atenta, paciente, sincrónica, contingente, que transmita ao bebé um sentimento de confiança corporal e psíquica, que facilite o desenvolvimento gradual das competências do bebé. Do bebé, aguardamos e desejamos o crescimento, do bebé espera-se que se torne adulto (com capacidade de pensar, amar, trabalhar e que seja criativo), que paulatinamente o desenvolvimento motor acompanhe o desenvolvimento mental, com novas adaptações ao meio ambiente e novas competências e capacidades psíquicas. Espera-se isto e aquilo em determinadas fases do desenvolvimento psico-motor, cognitivo e afectivo do bebé; deseja-se que este aprenda com a experiência emocional de seus pais, que seja capaz de viver primeiro, olhando, ouvindo, bocejando, tocando, chorando, mamando, vocalizando, cheirando, cantarolando, gritando, sorrindo e interagindo com aqueles que o fazem sentir amado, nos relatando o seu estado de alma, o seu funcionamento psíquico. E olhando e cuidando de um bebé, podemos perceber, através da nossa experiência emocional, se este está com prazer ou desprazer, triste ou alegre, com sono, com fome, atento ou

disperso, se responde aos nossos estímulos e ao mundo à sua volta. É legítimo perguntar: quando é que os bebés começam a pensar?

Todas estas questões e constatações nos fizeram reflectir acerca da importância de observarmos o bebé no contexto de suas relações significativas. Aqui o método de observação de bebés de Ester Bick ganha toda a sua importância e, por outro lado, os construtos teóricos e experimentais pensados por outros autores nos ajudaram a acompanhar o bebé no seu gradual desenvolvimento psíquico, de acordo com as suas reais competências.

Brazelton e colaboradores referem a plasticidade neurofisiológica constada e reconhecida já nos recém-nascidos, com capacidades precoces que facilitam os processos de vinculação com os pais. Neste processamento da experiência emocional, os órgãos sensoriais (visão, a audição, o tacto, o olfacto e o paladar), associados às qualidades psíquicas dos seus cuidadores, ganham um sentido de desenvolvimento na especificidade da estimulação precoce realizada na interacção com o bebé.

A aprendizagem dos estados de consciência da bebé, por parte dos pais, pode ser já observada na Observação (Nº 1). Aí observamos os ciclos de sono e de vigília da bebé.

Nas observações (Nº 6, Nº 12), vemos como o pai atribuía ao contacto corporal com a bebé as suas preferências interacionais. E como estas experiências eram vividas pela bebé, de acordo com o seu estado de consciência, havia momentos em que os ritmos de interacção emocional com a bebé eram adequados, levando a bebé a sentir-se alegre e na expectativa de novas interacções.

Na observação (Nº17), ocorrem na bebé alterações do seu estado de consciência, associadas aos padrões emocionais dos pais e das suas capacidades em promover na bebé o seu estado de alerta. As dificuldades do pai em se sintonizar com a bebé fizeram sentir-se nesta observação, a bebé ficou aborrecida e retirou-se da relação através do sono. Por outro lado, quando ouviu a voz da mãe, ocorreu uma mudança no seu estado de consciência: acordou, e perante a atitude acolhedora e calmante da mãe, estava disponível para a interacção.

Nas observações (Nº 18, Nº 24), vemos como a bebé, através do seu olhar e das suas vocalizações, ia investigando e convidando a mãe para a interacção emocional. Os comportamentos mais sincrónicos e contingentes da mãe favorecem a manutenção do estado de alerta da bebé e, conseqüentemente, uma maior capacidade da bebé mobilizar os pais para a interacção.

E na observação (Nº 22), observamos que perante a indisponibilidade dos pais, a bebé procura alternativas de resposta, no jogo do esconde-esconde com a observadora. Mostrando claramente uma maior autonomia e um padrão emocional que começa a ser interiorizado devido às aprendizagens anteriores vividas na relação com os pais.

Nas observações (Nº 23 e Nº 24), observamos um movimento contínuo de transformação afectiva na relação da bebé-mãe e mãe-bebé. Os comportamentos mais autónomos e intencionais do bebé promovem na mãe uma maior capacidade de atribuir significação emocional às competências da bebé.

Nas observações (Nº 26, Nº 27), observamos uma aprendizagem parental: mãe e pai tentam ir ao encontro da bebé, tentam perceber os seus ritmos psíquicos. Encontram-se em estado de expectativa e de aprendizagem na relação com a bebé.

Nas observações, constatamos que, quando a mãe ou o pai manipulavam a bebé, a sua “pele-psíquica” transmitia toda a gama de emoções nas relações de reciprocidade. A bebé podia reagir através da sua “pele-psíquica”, aos sentimentos positivos da mãe por um sentimento de bem-estar, e aos sentimentos negativos, por uma alteração de comportamentos, que podem assumir diferentes formas. Os afectos não-verbalizados da bebé podem encontrar expressão através da multiplicidade das suas competências sensoriais (o olhar, a audição, o tacto, etc.) e, nomeadamente, nas suas mudanças de estados de consciência, suas manifestações afectivas (vocalizações) e sua progressiva plasticidade mental manifestada através da sua crescente autonomia em querer liderar o processo interactivo.

A mãe ou o pai lidarão com estas alterações em conformidade com as suas capacidades de aprender a compreender e a intuir os ritmos psíquicos da bebé, através das relações de reciprocidade afectiva, dos jogos arquitectados em diferentes contextos de estado de alerta da bebé. São estes os primeiros passos que levam os pais a

conhecerem o seu bebé, e a progressivamente desenvolverem, com o bebé, jogos emocionais interactivos. Mas também podemos pensar aqui na qualidade dos períodos de sono da bebé e como estes podem ser responsáveis pela transformação dos elementos alfa em outros elementos psíquicos que favorecem o desenvolvimento psíquico da bebé, em realidades internas e externas diferenciadas, tal como nos foi referido por Bion, quando nos fala da constituição da barreira-de-contacto. E conseqüentemente no desenvolvimento dos processos conscientes e inconscientes da mente. E como este desenvolvimento está ligado às qualidades psíquicas dos pais, nomeadamente a sua capacidade de pensar e sua reverie na sua relação com a bebé.

Observamos (Nº 30, Nº 36, Nº 37) que é no estabelecimento de uma relação sincrónica, de adesão e de contingência com a mãe, com o pai ou com outra figura significativa para o bebé, que esta pode aprender a controlar as suas emoções, que numa fase inicial são traduzidas através da sua actividade motora e sensorial. Progressivamente, e com a introdução da sua crescente autonomia, analisadas a partir de situações em que é a bebé a responsável pelo início das interacções emocionais, observamos o desenvolvimento de sua capacidade para pensar. Esta capacidade da bebé de aprender com a experiência emocional e memorizá-la parece estar relacionada com a qualidade e a repetição de situações interacionais vividas com os pais, que favorecem a previsibilidade e a expectativa na bebé, criando o lugar para o pensar e para o pensamento. Ela vai assim adquirindo um melhor conhecimento de si própria e paralelamente começa a procurar noutras relações (pessoas e objectos) situações interactivas que lhe permitem testar a sua experiência emocional. É através dessas experiências que a bebé abraça uma nova dimensão da sua vida: a experiência do mundo do outro. Esta percepção, banhada por experiências emocionais com o outro, constitui-se numa ponte essencial de transformações para o desenvolvimento dos seus pensamentos e do seu aparelho para pensar.

Os conceitos de função alfa e capacidade de reverie de Bion, de acordo com as observações, podem ser alargados à figura do pai, ou a outras figuras significativas para o desenvolvimento psíquico da bebé. E à própria bebé, ao longo do seu desenvolvimento psíquico.

De acordo com as observações (Nº 39, Nº 42, Nº 47), a significação das experiências emocionais são transmitidas à bebé pela capacidade de os pais nomearem a experiência e também a capacidade de os mesmos para lidarem com o desconhecido, existindo já aqui uma necessidade de transformar os elementos beta em elementos alfa, também simultaneamente a passagem da posição esquizo-paranoide para a posição depressiva, que na bebé em termos mentais resultam nos processos de internalização e de identificação com os progenitores.

Nas observações (Nº 42, Nº 44, Nº 50), os acontecimentos interiorizados da aprendizagem emocional realizada com os pais e com outras figuras significativas (a observadora e uma vizinha por exemplo), vão ajudar a bebé a constituir-se como um ser diferente de seus pais, começando a ter os seus próprios desejos, intenções e preferências, e a iniciar a exploração de si própria e do mundo das pessoas e dos objectos.

Também nestas observações, podemos pensar que a bebé começa a pensar de uma forma afectiva. Afirmamos isto pelo facto de observar na bebé as suas capacidades psíquicas associadas aos seus estados de consciência, e a sua flexibilidade mental face às experiências proporcionadas pelos seus objectos cuidadores.

Da análise das observações, parece que a bebé vai durante todo o processo de observação, adquirindo uma consciência perceptiva da mente. Podemos levantar a hipótese, tal como foi referido primeiro por Freud e depois por Bion, de que a atenção psíquica advém de um espaço consciente e de um espaço inconsciente e que, de alguma forma, esboça a postura da bebé, que se caracteriza por uma empatia e receptividade a todos os modelos de comunicação afectiva que a rodeiam.

A bebé encontrar-se-ia, então, num estado de tábua rasa intencional, ou seja, corresponderia a sua total disponibilidade para o impacto emocional. Esta postura seria semelhante à que Bion preconizou para o funcionamento psíquico sem memória, sem desejo e sem compreensão, sem contaminação do passado ou idealização do futuro. Esta disponibilidade, no início de sua vida, estaria ligada ao progressivo desenvolvimento dos seus estados de consciência, como foram referidos por Brazelton e colaboradores.

E se observamos como a capacidade de pensar dos pais em interpretar os sinais comunicativos do bebé é fundamental para o desenvolvimento do seu auto-controle interno e emocional. Isto nos faz pensar que o progressivo desenvolvimento dos estados de consciência da bebé estão em constante transformação mental e tem os seus alicerces psíquicos, nas atitudes de sincronia, contingência, adesão, e de brincadeiras que lhe são oferecidas no contexto das relações intencionais, emocionais e interactivas de seus progenitores.

Estas experiências são gradualmente alargadas a outras, pessoas, objectos e descobertas da bebé, favorecendo a constituição de uma barreira de contacto (tal como foi referida primeiro por Freud e depois por Bion), possibilitando à bebé o progressivo desenvolvimento da sua autonomia e flexibilidade mental, intencionalidade afectiva e consequentemente desenvolvimento do seu funcionamento psíquico.

De facto, podemos pensar que o desenvolvimento das competências psíquicas do bebé está relacionado com a capacidade das figuras parentais de entrar num ritmo, num jogo arquitectado pelo seu bebé. É nestes momentos de expectativa que a bebé vai aprendendo a reconhecer as suas competências emocionais, ao longo da observação foi notória este intercâmbio. Podemos ainda pensar que a disponibilidade do pai já de uma forma inicial, desde o nascimento, promovia na bebé o desenvolvimento das suas competências, alicerçado numa maior capacidade de rêverie paterna.

O conceito de função alfa e de reverie, proposto por Bion, refere da capacidade materna, ou seja, como se a mudança de estados emocionais fossem apenas da responsabilidade de uma relação. Verificamos na observações a multiplicidade de vivências que a bebé estabelece com outros objectos significativos, nomeadamente o pai e o observador.

No caso da figura materna, houve, numa fase inicial, a necessidade da bebé através das suas competências (sua reverie?), despertar na mãe uma atitude mais sincrónica e acolhedora.

As dificuldades dos pais sentidas ao longo da observação parecem estar relacionadas com as mudanças de ordem psíquica, que é a aventura de conhecer um bebé e de se permitir ser tocado por estas experiências de crescimento.

Estes aspectos são salientados no final da discussão com o objectivo de nos fazer pensar que os bebés, se não têm inicialmente um pensamento verbal, têm sem dúvida o pensamento do afecto, a matéria prima do pensamento e do desenvolvimento da capacidade de pensar, aquilo que permite ao ser humano voltar sempre ao estado de que há paixão em ser bebé.

CAPÍTULO 9

CONCLUSÕES

O desenvolvimento deste trabalho teve como base experimental a análise de conteúdo de uma observação realizada em habitat natural da bebé, respeitando os pressupostos metodológicos de Ester Bick. Tal facto permitiu que a análise do desenvolvimento psíquico do bebé se aproximasse das suas condições reais de crescimento, diferente das situações muitas vezes criadas em contextos experimentais.

A utilização deste método de investigação será benéfico se elegermos a observação como método de estudo e o desenvolvimento psíquico do bebé no contexto das suas relações emocionalmente significativas como o objecto de estudo do nosso trabalho.

Neste contexto do método clínico de trabalho, o nosso enquadramento teórico na análise das observações debruçou-se fundamentalmente sobre o período pré-verbal da bebé e sobre os conceitos de Bion e os conceitos e investigações desenvolvidos por Brazelton e colaboradores.

Não foi utilizada nenhuma grelha para esta selecção. Procurámos, na selecção realizada, escolher aquelas que pudessem evidenciar, ao longo dos meses da bebé até à idade de um ano, as relações significativas com objectos e pessoas, que melhor revelassem a transformação do seu desenvolvimento psíquico.

Estivemos interessados em pôr em evidência a linguagem do bebé, associada ao seu progressivo e gradual desenvolvimento psíquico, através da análise dos seus estados de consciência, sua precoce intenção de comunicação emocional com os pais, bem como a sua gradual evolução psíquica do seu processo autonómico e consequente

flexibilidade mental e capacidade para pensar. Estas experiências e aquisições parecem estar intimamente ligadas às seis características de interação, emocional e intencional com os seus progenitores, tal como foram descritos por Brazelton e colaboradores.

Concluimos que os conceitos e investigações realizadas por Brazelton e colaboradores facilitam a identificação das competências do bebé desde os primeiros dias do nascimento e o seu gradual desenvolvimento psíquico, na sua relação com os progenitores ou outras figuras significativas emocionalmente para a bebé, desde que estes respeitem os ritmos psíquicos do bebé.

Concluimos que se posicionarmos o bebé como um observador, este terá que lidar, de acordo com os seus estados de consciência, com o material desorganizado (elementos beta no dizer de Bion). Gradualmente, através da capacidade de reverie e função alfa dos vários objectos em relação com o bebé, estas experiências emocionais possibilitarão a transformação mental do bebé, segundo as suas competências neuro-fisiológicas, dadas através dos seus órgãos do sentido. E a bebé irá aprendendo a organizar, em termos psíquicos, a experiência emocional (elementos alfa) em imagens percebidas e pontuais (consciência perceptiva, como nos fala Freud), criando-lhe uma articulação indissociável, que as liga às figuras emocionalmente significativas. E o próprio bebé, com tolerância à frustração e de acordo com a sua evolução psíquica, transformará, através do aprender com a experiência emocional, as atitudes mentais dos pais.

Concluimos que o período pré-verbal do bebé é aquele que nos permite compreender as origens do pensar humano. E é neste período precoce que o trabalho do técnico de saúde mental pode ganhar um valor precioso na prevenção da saúde mental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aberastury, A. (1979). *Psicanálise da criança: teoria e técnica*. Buenos Aires: Editoriais Paidós.
- Amaral Dias, C. (1990). Reflexão sobre o estatuto de cientificidade em psicanálise. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 9, 29-37.
- Amaral Dias, C. (1999). O negativo ou o retorno a Freud. Lisboa: Fim de Século Edições.
- Anzieu, D. (1985). *Le Moi - Pèau*. Paris: Dunot. 1985.
- Begoin, J. & Begoin-Guignard, F. (1985). Psicoses et névroses de l'enfant dans l'œuvre de Melanie Klein. In S. Lebovici, R. Diatkine & M. Soule (Eds.), *Traité de psychiatrie de l'enfant et de l'adolescent, Tome II. Les perturbations du fonctionnement mental de l'enfant et de l'adolescent* (pp. 3-23). Paris: PUF.
- Bick, E. (1962). Symposium on child analysis. I: Child analysis today. *International Journal of Psychoanalysis*, 43 (4/5), 328-332.
- Bick, E. (1964). Notes on infant observation in psychoanalytic training. *International Journal of Psychoanalysis*, 45 (4), 558-566.
- Bick, E. (1991). Experiência da pele em relações de objecto arcaicas. In E. B. Spillius (Eds.). *Melanie Klein hoje: desenvolvimento da teoria e da técnica, Vol. I* (pp. 194-198). Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (1988). Uma teoria sobre o processo de pensar. In W.R. Bion, *Estudos Psicanalíticos Revisados*. (Paulo Dias Correia, Trans.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em inglês 1962)

- Bion, W. R. (1991a). *Aprender com a experiência*. (Paulo Dias Correia, Trans.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em inglês 1962)
- Bion, W. R. (1991b). *Elementos em psicanálise*. (Paulo Dias Correia, Trans.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em inglês 1963)
- Bion, W. R. (1991c). *As transformações: A mudança do aprender para o crescer*. (Paulo Dias Correia, Trans.). Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (1996). *Uma memória do futuro, II, O passado apresentado*. (Paulo Dias Correia, Trans.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em inglês 1991)
- Bléandonu, G. (2003). *As consultas terapêuticas pais-filhos*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Brazelton, T. B. (2000). *Dar atenção à criança: Para compreender os problemas normais do crescimento*. Lisboa: Terramar. (Obra original publicada em inglês 1984)
- Brazelton, T. B. & Cramer, B. G. (2001). *A relação mais precoce: Os pais, os bebês e a interação precoce*. Lisboa: Terramar. (Obra original publicada em inglês 1989)
- Brazelton, T. B. & Greenspan, S. I. (2002). *A criança e o seu mundo: Requisitos essenciais para o crescimento e a aprendizagem*. Lisboa: Editorial Presença.
- Brette, F. & Roussillon, R. (1987). Carence Fantasmatique et l'activité <seconde-peau>. *Reveu Française de Psychanalyse*, 2, 559-663.
- Brody, M. (1964). Introjection, Identification and Incorporation. *International Journal Psychoanalysis*, 45 (1), 57-63.
- Cabral, M. F. S. (1998). *Pensar a emoção*. Lisboa: Fim de Século Edições.
- Chiland, C. (1985). Psychoses et névroses de l'enfant dans l'oeuvre de Winnicott. In S. Lebovici, R. Diatkine & M. Soule (Eds.), *Traité de psychiatrie de l'enfant et de l'adolescent, Tome II. Les perturbations du fonctionnement mental de l'enfant et de l'adolescent*. Paris: PUF.

- Cortesão, E. L. (1985). Relação de objecto, os processos de projecção e de identificação e as teorias de D. Winnicott. Perspectivas teóricas e clínicas. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 2, 5-23.
- Ferro, A. (2000). *A psicanálise como literatura e terapia*. Rio de Janeiro: Imago, 2000
- Freud, S. (1969a). A Interpretação dos sonhos. In Salomão (Ed. e Trans.), *Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. IV-V). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1900)
- Freud, S. (1969b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In Salomão (Ed. e Trans.), *Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905)
- Freud, S. (1969c). Análise da fobia de um menino de cinco anos. In Salomão (Ed. e Trans.), *Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. X). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1909)
- Freud, S. (1969d). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In Salomão (Ed. e Trans.), *Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XII, pp. 231-244). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1911)
- Freud, S. (1969e). A História do movimento psicanalítico. In Salomão (Ed. e Trans.), *Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp. 13-74). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1914)
- Freud, S. (1969f). O inconsciente. In Salomão (Ed. e Trans.), *Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp. 163-210). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1915)
- Freud, S. (1969g). O ego e o id. In Salomão (Ed. e Trans.), *Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1923)

- Freud, S. (1969h). Neurose e Psicose. In Salomão (Ed. e Trans.), *Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1924)
- Freud, S. (1969i). Inibição, Sintoma e Ansiedade. In Salomão (Ed. e Trans.), *Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1926)
- Freud, S. (1969j). O futuro de uma ilusão. In Salomão (Ed. e Trans.), *Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI, pp. 11-64). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1927)
- Golse, B. (2001). *Insistir existir: Do ser à pessoa*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Gonçalves, M. J. & Fornelos, M. (1989). Da imitação à identificação: Génese das perturbações do desenvolvimento do Eu. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 7, 37-43.
- Green, A. (1988). A mãe morta. In A. Green, *Narcisismo de Vida, Narcisismo de morte* (pp. 247-281). S. Paulo: Ed. escuta
- Grinberg, L. (2000). *Culpa e depressão*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Grinberg, L. & Grinberg, R. (1998). *Identidade e mudança*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Grotstein, J. S. (1999). *O buraco negro*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Gruen, A. (1995). *A loucura da normalidade* (pp. 24-35). Lisboa: Assírio e Alvim.
- Hagglund, T.-B. & Piha, H. (1980). The inner space of body image. *International Journal of Psychoanalysis. Quarterly*, XLIX, 256-283.
- Klein, M. (1946). Notes on Some Schizoid mechanism. *International Journal of Psycho-Analyse*, 27, 99-110.
- Klein, M. (1984). *Inveja e gratidão*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1915)
- Klein, M. (1994). *Narrativa da análise de uma criança*. Rio de Janeiro: Imago.

- Kogan, I. (1988). The second skin. *International Review of Psycho-Analysis*, 15 (2), 252- 260.
- Kohut, H. (1988a). *A análise do Self* (pp. 45-72). Rio de Janeiro: Imago.
- Kouht, H. (1988b). *A restauração do Self* (pp. 138-156). Rio de Janeiro: Imago.
- Marques, C. (2000). *Unidade Originária: Alguns Pensamentos, Volume II: Anexos* (Monografia de Licenciatura em Psicologia Clínica). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Meltzer, D. & Williams, M. H. (1995). *A apreensão do Belo*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em inglês em 1988)
- Montagu, A. (1079). *La peau et le toucher : Un premier langage* (pp. 1-222). Paris: Ed. du Seuil.
- Pines, D. (1980). Skin communication: Early skin disorders and their effects on transference and countertransference. *International Journal of Psychoanalysis*, 61, 316-323.
- Rezende, A. M. (1995). *Wilfred R. Bion: Uma psicanálise do pensamento*. Campinas, São, Paulo: Papirus Editora.
- Rezende, A. M., Amaral Dias, C. & Zimerman, D. E. (1998). *Bion hoje*. Lisboa: Fim de Século.
- Sá, E. (2001). *Psicologia do feto e do bebé*. Lisboa: Ed. Fim de Século.
- Santo Agostinho (1964). [In *Confessions*] *Vers 400, Liv vxi, Cap. 28*. (G. F. Flammarinan, Trans.) (pp. 278-279). Paris:...
- Segal, H. (1969). *Introduction à l'oeuvre de Melanie Klein*. Paris: PUF.
- Segal, H. (1993). *Sonho, fantasia e arte*. Rio de Janeiro: Imago.
- Sonia, D. L. (2000). *Conflito estético na mudança catastrófica: Processos de transformação implicados na observação de bebés, segundo o método de Ester Bick* (Monografia de Licenciatura em Psicologia Clínica). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

- Spillius, E. B. (Eds.) (1990). *Melanie Klein hoje: desenvolvimento da teoria e da técnica, Vol. II*. Rio de Janeiro: Imago.
- Spillius, E. B. (Eds.) (1991). *Melanie Klein hoje: desenvolvimento da teoria e da técnica, Vol. I*. Rio de Janeiro: Imago.
- Strecht, P. (2002). *Interiores: Uma ajuda aos pais sobre a vida emocional dos filhos*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Symington, N. (1999). *A experiência analítica*. Lisboa: Climepsi Editores, Lisboa.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade* (pp. 13-44). Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1990). *O ambiente e os processos de maturação* (3ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Zimerman, D. E. (1995). *Bion da teoria à prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.